

**O LUGAR LUSO-BRASILEIRO:  
(DES)SUBJETIVIDADES FAMILIARES**

Nathalia Macedo Barreto

**Orientador de Dissertação:**

Prof<sup>ª</sup> Doutora Maria Emília Marques

**Professor de Seminário de Dissertação:**

Prof<sup>ª</sup> Doutora Maria Emília Marques

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de  
Mestre em Psicologia - Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília da Silva Marques, apresentada no ISPA – Instituto Universitário, para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## AGRADECIMENTOS

Como dizia Clarice Lispector “Quem caminha sozinho pode até chegar mais rápido, mas aquele que vai acompanhado, com certeza vai mais longe”. Inspirada por esta filosofia, dedico este espaço em agradecimento às figuras especiais que possibilitaram a concretização deste trabalho. Em primeiro lugar, gostaria de agradecer às participantes pela confiança, generosidade e disponibilidade na partilha das narrativas, que de forma ímpar contribuíram ao enriquecimento do saber científico dos imigrantes e famílias brasileiros que escolhem Portugal como nova terra.

À minha mãe Cida, ao meu pai Cido, e aos meus irmãos Fernanda e Vítor, pela compreensão nas ausências, acolhimento nas dificuldades, suporte nas incertezas, e sobretudo, pelas celebrações em todas as vitórias. Obrigada por serem a estrutura da minha existência.

Reservo um agradecimento especial aos meus amigos, sobretudo à Michele, Amanda, Wal, Vic, Nine, Samara e Anna pelo incentivo, inspiração e investimento. Obrigada por acreditarem em mim incondicionalmente e nunca soltarem da minha mão.

Ao JP que esteve nos bastidores desta longa jornada, um agradecimento especial por acreditar e investir tanto neste sonho quanto eu, por vibrar comigo e colorir os dias cinzentos, pelo apoio e constância de afeto.

Aos meus colegas de trabalho, que tanto suportaram na minha ausência e pela fraternidade da qual partilharam desta jornada comigo.

À Regiane, que trouxe luz, conhecimento, humanidade, inspiração e celebração em todo o processo. Juntas conseguimos transformar partes desunidas em um lindo mosaico. Um agradecimento especial à Jurema que foi a minha estrela-guia, iluminando os trilhos dissertativos com a sua escuta humana, maestria e compreensão nos momentos de maior incerteza.

À professora doutora Maria Emília Marques, pela assertividade, disponibilidade e orientação singular na condução da dissertação. Agradeço pela possibilidade de aprofundar os conhecimentos nesta área tão apaixonante e intrigante como a Psicanálise, e de igual modo, por nos transmitir de forma ímpar o seu olhar distinto acerca da condição migrante, do paradigma científico no campo da psicologia e por permitir conhecer a sua subjetividade, que deixará uma eterna marca no meu *ser*.

Um agradecimento também aos colegas do ISPA e do seminário de dissertação, pela amizade, companheirismo, partilha de saberes, de escuta e direção.

## RESUMO

Com raízes fincadas na etnopsicanálise, que compreende o movimento migratório enquanto rutura nos momentos pré e pós deslocamento, percorre-se o trajeto de uma família na procura dos impasses impostos pelo fenómeno migratório na continuidade de sua história. Através da robustez deste paradigma culturalmente sensível, que é suportado numa dupla vertente psicanalítico e antropológico, serão alicerçados os pressupostos teóricos que embasam a experiência migratória como oportunidade de expansão, de sofrimento, de conflito ou desajuste interno, assumindo contornos distintos consoante a organização psíquica do imigrante. Ainda, pretende-se desvendar a influência da herança filiativa na apropriação do legado familiar pelo sujeito. Recorre-se ao Método das Narrativas de Associação Livre (Hollway & Jefferson, 2000) na apreensão da história de um sujeito psicossocial, inconsciente e defendido. É lançado um (duplo) olhar nas vivências de uma mãe (Carla) e filha (Cecília) luso-brasileiras, unidas pela ascendência portuguesa comum, mas separadas por destinos distintos quanto a assimilação ou descontinuidade das experiências entre Brasil e Portugal. A Carla, que imigrou na idade adulta, é incapaz de elaborar a rutura, refletindo na clivagem identitária em uma vivência desassossegada e (des)subjetivada do Brasil e de Portugal. A Cecília deixou o Brasil involuntariamente durante a adolescência, a sua narrativa assinala a sobreposição de tempos e espaços distintos numa vivência circular, que sublinha a constante procura por um lugar para inscrever a sua subjetividade, processo característico de uma identidade em transformação (Marques, 2009).

**Palavras-chave:** Etnopsicanálise, Sujeito Migrante, Narrativa de Associação Livre, Identidade, Filiação

## ABSTRACT

Rooted in ethnopschoanalysis, which understands the migratory movement as a rupture in the pre and post displacement moments, the path of a family is covered in search of the impasses imposed by the migratory phenomenon in the continuity of its history. Through the robustness of this culturally sensitive paradigm, which is supported by a psychoanalytical and anthropological double strand, the theoretical assumptions that underlie the migratory experience as an opportunity for expansion, suffering, conflict or internal maladjustment will be grounded, assuming different contours depending on the psychic organization of the immigrant. Still, it is intended to unravel the influence of filiative inheritance in the appropriation of the family legacy by the subject. The Free Association Narrative Method (Hollway & Jefferson, 2000) is used to apprehend the history of a psychosocial, unconscious and defended subject. A (double) look is launched at the experiences of a Luso-Brazilian mother (Carla) and daughter (Cecília), united by their common Portuguese ancestry, but separated by different destinations regarding the assimilation or discontinuity of experiences between Brazil and Portugal. Carla, who immigrated in adulthood, is incapable of elaborating the rupture, reflecting on the identity cleavage in a restless and (un)subjectivated experience in Brazil and Portugal. Cecília involuntarily left Brazil during adolescence, her narrative marks the overlapping of different times and spaces in a circular experience, which underlines the constant search for a place to inscribe her subjectivity, a characteristic process of an identity in transformation (Marques, 2009).

**Keywords:** Ethnopschoanalysis, Migrant Subject, Narrative of Free Association, Identity, Affiliation

# ÍNDICE

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>7</b>
<b>2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b> .....	<b>10</b>
2.1 Etnopsicanálise e a clínica transcultural .....	10
2.2 Cultura e imigração brasileira em Portugal.....	14
2.3 Identidade e filiação – O lugar da subjetividade brasileira.....	19
<b>3. METODOLOGIA DE PESQUISA</b> .....	<b>25</b>
3.1 Tipo de estudo .....	25
3.2 Método.....	26
3.3 Participantes.....	27
3.4 Procedimento de recolha de dados .....	27
3.5 Procedimento de análise de dados .....	28
<b>4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS</b> .....	<b>29</b>
4.1 Análise entrevista Carla .....	29
4.2 Análise entrevista Cecília .....	36
4.3 Grandes temas Carla .....	44
4.4 Grandes temas Cecília .....	48
<b>5. DISCUSSÃO</b> .....	<b>52</b>
<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>63</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>66</b>

# 1. INTRODUÇÃO

Na medida que o mundo globalizado favorece a mobilidade humana, novas configurações de (inter)subjetividade, de relacionamento e de intercâmbio social e cultural se manifestam. Desde o nascimento até a morte, os indivíduos vivem e relacionam-se em grupos, como a família, a educação, a profissão e os amigos, esta dimensão relacional do sujeito é fundamental na estruturação do psíquico e da identidade. Apesar disto, a cultura exerce um papel edificante na constituição do sujeito, sustentando a sua existência individualmente e em grupo. A tradição psicanalítica nos informa que a herança do sujeito fornece um arcabouço de significados condutores do sujeito nos seus espaços particulares e sociais, ele pertence a si próprio antes integrar um grupo familiar, social e cultural, sendo indissociável das suas dimensões filiativas intrínsecas. Nas deslocações, o contato do sujeito com uma cultura distinta da sua tende a desorganizar este arcabouço de significados que até então permearam a sua existência.

A interação do sujeito com um outro inserido numa cultura nos leva a compreender que a identidade não é um processo estável, mas que se modifica consoante as experiências vividas. O sujeito migrante mobiliza a si próprio na busca por algum conhecimento, provocando uma dor existencial, que pode configurar uma oportunidade ímpar na expansão do seu ego, ou por outro lado, ser acometido por um sofrimento psíquico paralisante, restringindo o seu potencial criativo. Segundo Carignato (2005), o sujeito humano é a própria contradição, e no caso do migrante, ele se encontra sempre dividido entre o que desejou ao imigrar, mas renega este desejo, sabe das razões que motivaram o seu deslocamento, recusando ainda se apropriar do próprio saber.

Neste cenário catastrófico, o sujeito em condição migrante se encontra descontinuado de si próprio e do novo país de residência, e do mesmo modo, a sociedade acolhedora será incapaz de colher os frutos proporcionados pelo encontro intercultural. É necessário que o sujeito migrante tenha uma disposição para a reconstrução identitária e ao relacionamento intergrupar que muitas vezes não se concretiza, trazendo consequências para si e para a sociedade acolhedora. Pastori (2006) refere que a deslocação por si só não configura uma experiência de sofrimento psíquico, mas factualmente, ela exige transformações para que o sujeito se ajuste à nova cultura.

Desde a colonização do Brasil por Portugal estas nações-irmãs tem as suas raízes entrelaçadas, no qual os desdobramentos históricos refletiram configurações sociais muito distintas. São povos ligados por um passado longínquo comum, reencontrados no

seio da sociedade moderna através de fluxos e contra fluxos migratórios. Independente da direção adotada, é comum encontrarmos cidadãos pertencentes aos Estados-nação com estatuto de “dupla-cidadania”, seja pela via da ancestralidade, seja pela via da naturalização. Mas importa saber em que medida estas subjetividades “duplas” se inscrevem psiquicamente nos países designados? É neste complexo cenário que o presente estudo se debruça.

Toda a identidade se constitui a partir do que lhe é exterior, a diferença delimita aquilo que é considerado uma particularidade ou um estrangeirismo. Segundo Ortiz (Ortiz, 1988), o brasileiro é um homem sincrético, produto do cruzamento das culturas brancas, negras e indígenas, a identidade nacional brasileira é inerentemente diversa, ambígua e racializada. Nos últimos anos, a situação política dividiu o país em extremos de “direita” e “esquerda”, refletindo um conflito grupal e social no qual o brasileiro se encontra imerso, desestabilizando as crenças identitárias desta nação. Neste momento de efervescência social, Junior e Neto (2020) nos convidam a refletir nas (re)configurações destas subjetividades enquanto povo, na (re)construção do país, no modo de relação e nos projetos coletivos para o futuro da nação.

Em Portugal, os brasileiros correspondem ao maior grupo formal de estrangeiros com perfis e configurações migratórios muito distintos, nos últimos dez anos têm se observado um forte aumento do fluxo migratório de nacionais brasileiros mobilizados por razões diversas, no qual as famílias são protagonistas (Fernandes e col., 2021; Observatório das Migrações, 2021). As mulheres representam a maior parcela de brasileiros a residir em terras Lusófonas, e tendo em conta as modalidades modernas de família, destaca-se uma tendência crescente de mulheres solteiras e mães-solo à liderarem o projeto migratório, no qual os seus filhos representam fatores cruciais desta equação (Padilla, 2007). Não obstante, muitas famílias multiculturais se compõem em função do processo migratório, originando membros descendentes de migrantes com um duplo quadro de referências culturais (Dantas e col., 2010). Com isto, não apenas as mulheres migrantes demandam atenção especial, mas também as crianças e adolescentes que embarcam involuntariamente e (in)conscientemente no projeto migratório de um outro, do qual é profundamente dependente.

Bornstein refere que a cultura e a parentalidade correspondem aos principais desafios do atual século (2002; cit. por Moro, 2014), e por esta razão, os estudos nesta temática são relevantes, de modo a equipar os pais no estabelecimento de relações frutíferas com os seus filhos, numa sociedade moderna pautada por multiculturalidades. A

etnopsicanálise é um paradigma moderno que conjuga os saberes da antropologia e da psicanálise na teoria e na prática clínica, manuseando de forma ímpar as problemáticas psíquicas que incidem o normal e o patológico do sujeito étnico. Toda migração é capaz de ressignificar a história do sujeito, de suas famílias e gerações sucessoras, a viagem atravessa a existência daqueles que embarcam nela, bem como das gerações que nascem ou se fincam em terra estrangeira. Nos parece adequado aprofundar o estudo da condição migrante sob a ótica da etnopsicanálise, que a partir dos contributos do seu fundador Devereux (Barros & Bairão, 2010), tem sido operacionalizada e se consolidado com uma metodologia própria. Seu dispositivo clínico plural permite que a relação terapêutica transcultural se estabeleça levando em conta a componente de alteridade que se faz presente nestes encontros, compreendendo o sujeito social na sua singularidade.

A investigação de famílias brasileiras imigrantes e multiculturais em Portugal se revela uma problemática contemporânea relevante, sobretudo pelas particularidades envolvidas entre as nações-irmãs, como a semelhança ancestral e cultural, os acordos políticos bilaterais e os fluxos migratórios que perpassam ambos os povos há cinco séculos, impactando a continuidade identitária que é fulcral à integração psicossocial do indivíduo em deslocamento. Durante a pesquisa bibliográfica nas fases preliminares do presente estudo foi possível constatar uma abrangente literatura no que refere a integração de brasileiros imigrantes do ponto de vista psicológico e social, contudo, verificou-se a escassez de estudos que investigassem o processo identitário do sujeito luso-brasileiro enquanto *ser*, na sua profundidade.

Carignato (2005) informa que o acontecimento migratório pode despoletar um importante sofrimento, pelo que parece pertinente estudar as implicações psíquicas deste fenómeno à luz da psicanálise. O presente estudo foi conduzido a partir dos delineamentos do método FANI, desenvolvido por Hollway & Jefferson (2000) na compreensão de um sujeito psicossocial, constituído de forças inconscientes conflitantes como as defesas contra a ansiedade, que influenciam os conteúdos evocados. Na abordagem investigativa de estudo de caso, foram conduzidas duas entrevistas narrativas na premissa de associação livre de ideias, buscando compreender o processo identitário de mulheres brasileiras imigrantes na díade familiar mãe-filha, no qual as conclusões elucidam as particularidades do lugar que o sujeito se inscreve nas vivências pré e pós migração.

## 2. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 2.1 Etnopsicanálise e a clínica transcultural

Nos seus primórdios, a epistemologia psicanalítica posicionou-se de forma demasiado centrada no sujeito, no entanto, as análises sociais de Freud permitiram enquadrar uma prática clínica culturalmente orientada. Apesar de atualmente reconhecermos a indissociabilidade entre sujeito e cultura, durante o século XX a ponte entre a psicanálise e as ciências sociais, como a antropologia, sofreu alguns avanços e retrocessos. Um dos mais reconhecidos embates se refere às análises de Bronislaw Malinowski, o pioneiro da antropologia contemporânea, tecendo críticas ao pensamento freudiano no que refere a sua obra *Totem e Tabu*. Freud então convidou o etnólogo e psicanalista Géza Róheim a embarcar para Nova Guiné, onde ele desenvolveu um estudo culturalmente orientado às modalidades expressivas daquele povo, vindo mais tarde a refutar os argumentos de Malinowski (Barros & Bairrão, 2010).

O termo etnopsicanálise, também conhecida como etnopsiquiatria, foi originalmente empregue em 1960 por George Devereux (1981) como uma ciência pluridisciplinar, compreendendo o sujeito na sua condição humana e do seu meio envolvente através dos saberes da psicanálise e antropologia no domínio do normal e do patológico. Esta compreensão mais alargada possui como princípio norteador o conceito de complementaridade, tendo em vista a inter-relação entre sujeito, cultura e sociedade. Não obstante, Devereux faz uma reflexão crítica ao que é tradicionalmente caracterizado como doença mental, buscando compreender a manifestação patológica ao nível individual e sociocultural, excluindo juízos de valor no que refere a condição do sujeito. O autor acrescenta que a capacidade de criação é inerente ao ser humano, explorando os seus materiais psíquicos mais ou menos arcaicos, sem perder a capacidade de gozo. Assim, a sublimação assume uma posição central na etnopsiquiatria, se distanciando do conceito de patologia incidente nas abordagens biomédicas atuais.

Apesar de se considerar um psicanalista autenticamente clássico, Devereux discordava do pai da psicanálise em algumas conceções consideradas “menores”. Segundo Wonsoski & Domingues (2021), o precursor da etnopsicanálise discutiu criticamente formulações centrais da teoria psicanalítica, ampliando tais designações de modo a contemplar a componente cultural envolvida nas relações humanas. No que refere

as convergências, Devereux se aproxima de Freud e adota as premissas da universalidade do psiquismo, sua estrutura e funcionamento, bem como a universalidade do complexo de Édipo. Contudo, o autor discorda das formulações freudianas de pulsão de morte e da universalidade do período de latência, estabelecendo uma diferença constitutiva entre aquilo que é da ordem da interdição (supereu) e da função de modelo (ideal do eu).

Da intersecção entre clínica, antropologia e linguística, torna-se fundamental operacionalizar as interações que ocorrem ao nível intrapsíquico, intersubjetivo e coletivo. Na clínica transcultural, a leitura dos fenômenos deve seguir de uma dupla matriz epistemológica, psicanalítica e antropológica, o que possibilita a compreensão do sujeito na dimensão do seu *complementarismo*, permitindo *descentramento* do terapeuta. Estes componentes essenciais da clínica transcultural correspondem aos princípios metodológicos propostos por Devereux na condução de casos (1972; cit. por Moro, 2018). No plano teórico, a universalidade psíquica assume um pilar central, atribuindo o mesmo estatuto ético e científico a todos os indivíduos, suas manifestações culturais e psíquicas, aos diferentes modos de viver e pensar, mesmo que sejam aparentemente desconcertantes.

A etnopsicanálise vem sendo difundida mundialmente, no qual os trabalhos de Tobie Nathan assumem um lugar central devido ao cuidado etnopsiquiátrico de imigrantes, propondo o domínio de técnicas plurais, como as feitiçarias e os rituais de possessão, enquanto modalidades terapêuticas menos agressivas para o paciente (Barros & Bairrão, 2010). Nathan passou a conduzir sessões multidisciplinares, incluindo um profissional e um tradutor com a mesma origem étnica do paciente. Similarmente, Marie Rose Moro (2015) tem se destacado em função do seu trabalho com famílias e crianças imigrantes, mas ao contrário de Nathan, adota os preceitos psicanalíticos e etnopsicanalíticos na sua prática clínica transcultural. Ambos defendem a primazia do paciente no curso terapêutico, respeitando o sistema de crenças culturais acerca de si, seu corpo, sua saúde e doença no cuidado prestado.

Na psicoterapia com sujeitos migrantes, as variações linguísticas e culturais materializam a dimensão transcultural da relação terapêutica, pelo que Moro (2018) defende a complexificação do dispositivo clínico levando em conta a alteridade presente nestes contextos. No processo de mudança, a passagem de uma cultura para outra confronta o sujeito com a diversidade cultural, o reconhecimento de si enquanto diferente de um outro estabelece a alteridade de um sujeito portador de uma herança. O trabalho elaborativo daquilo que foi herdado é fundamental na transmissão do reconhecimento de si enquanto diferente do outro, e a forma como este trabalho elaborativo se processa

estabelece a alteridade do sujeito. A consequência disto implica numa condição, se o eu ou o outro representa uma ameaça, uma das instâncias deverá ser aniquilada (Pastori, 2006).

No fenómeno migratório, o sujeito que não se reconhece na sua imagem poderá ser acometido pelo sentimento de estranhamento de si próprio, provocando espanto, medo, angústia e horror (Camargo e Ferreira, 2020). Lacan refere que o sujeito se constitui a partir da identificação e internalização da imagem de um outro um semelhante a si próprio – sua mãe, resultando numa imagem incorporada como uma alteridade conjugada no “eu” (Carignato, 2005). Neste processo, se estabelece no sujeito uma lógica interna entre o “eu” e o “outro”, uma outra versão de si que se traduz num mecanismo de duplo internalizado. A partir de uma vivência pessoal em que não se identificou na sua própria imagem refletida em espelho, Freud passou a compreender que todos os sujeitos convivem com uma dupla imagem de si singularizada no “eu”.

Para Freud, o estranho diz respeito ao retorno do recaiado, aquilo que foi negado e retorna causando espanto e horror no sujeito, e por isso, deve ser denegado (Camargo e Ferreira, 2020). O outro corresponde a uma imagem de si internalizada pela apreensão da imagem de um outro conhecido, portanto, o pai da psicanálise sublinha que o estranho corresponde ao assustador da ordem do familiar, na qual não há estranho sem angústia nem angústia sem estranho. Uma experiência estranha ocorre quando o sujeito se depara com alguma impressão que convoca os seus receios infantis recaiados, pelo que um outro que causa angústia, ou ansiedade, reflete um temor de castração.

As problemáticas que atravessam a clínica transcultural são diversas acarretando na desestabilização do sujeito migrante, como o surgimento de doenças, a impossibilidade de prestar cuidados maternos, a perda de um ente queridos, entre outros. Na relação terapêutica transcultural, Moro (2018) defende que o terapeuta deve se apropriar dos enunciados discursivos e não linguísticos do sujeito migrante, de modo a captar o quadro de representações culturais incorporados por ele. A propósito disto, é fundamental distanciar-se das explicações etiológicas que tendem a generalizar os sujeitos em categorias pré-definidas, a autora argumenta que um sujeito cuja mudança de humor é justificada por um ataque de bruxaria poderia induzir a confusões diagnósticas de carácter delirante ou de negação, mas antes, ao colocar a primazia no sujeito, podemos compreender que esta explicação corresponde simplesmente ao seu modo de elaboração e de significação da sociedade ao qual pertence.

Rouchy (1995) argumenta que a apropriação de atributos específicos à um grupo de pertença é definido por “incorporações culturais”, que organizam o vivido relacional e temporal do sujeito consoante ao que é pré-definido socialmente, contrastando assim com as escolhas que ele faz por si só. Segundo a autora, a incorporação cultural se estabelece antes mesmo da relação objetual e oferece aos membros do grupo uma função anaclítica inscrita, orientando o indivíduo como proceder. O grupo familiar constitui o grupo de pertencimento primário do sujeito, e está associado ao pertencimento religioso, de classe e étnico. Já os grupos de pertença secundários referem-se aos grupos instituídos por meio da diferença, onde os membros se unem em busca de algum tipo de troca. Neste sentido, a sua constituição exige um grau suficientemente elaborado de individuação e da capacidade em se relacionar individualmente. Os grupos secundários são também conhecidos como grupos de pertencimento do sujeito, favorecendo a completa internalização cultural pela apropriação espacial e temporal, bem como pelos processos de socialização e integração das normas e valores.

São muitos os fatores que influenciam o sucesso do sujeito na empreitada migratória, mas no caso das famílias, uma partida abrupta ou um acolhimento ineficaz parecem causar um importante impacto. Moro (2018) destaca momentos de *vulnerabilidade específica* que acomete de maneira distinta homens e mulheres, no caso feminino uma fragilidade específica é constatada durante a gravidez e nas primeiras relações mãe-bebê. De um modo geral, homens e mulheres se encontram em vulnerabilidade específica no atravessamento do luto, por serem incapazes de participar dos rituais de despedida. Quando uma catástrofe acomete o país de origem, o sujeito ausente de um grupo social capaz de acolher o seu sofrimento estará munido apenas de seus próprios mecanismos de resiliência, podendo ser incapaz de se reconstituir. Nas diferentes situações que acometem o sujeito migrante sem um devido amparo na sociedade acolhedora, o sofrimento associado à solidão elaborativa representa um risco ao esgotamento dos recursos defensivos.

As formas de sofrimento psíquico são caracterizadas por Costa (1989; cit. por Pastori, 2006) introduz o conceito de “identidade psicológica”, que diz respeito aos atributos comuns a todos os seres humanos. Por meio deste conceito, o autor enquadra duas maneiras distintas dos sujeitos experienciarem situações da vida, consoante ao grau de ameaça à integridade psíquica. O conflito psicológico diz respeito ao nível de perturbação momentânea, configuram dificuldades vividas pelo sujeito que podem ser ultrapassadas por transformações. Por outro lado, o distúrbio caracteriza algo permanente e incapaz de

ser transformado, perturbando a existência e a sua identidade psicológica. A partir dos contributos de Devereux no que refere os seus trabalhos com povos não ocidentais, Pastori (2006) indica que existem diferentes formas de adoecimento assinaladas por influências das heranças culturais, ao que Devereux caracterizou enquanto “inconsciente étnico”. Este conceito pressupõe uma relação entre alguns aspetos culturais e determinadas condições que facilitam a integridade psíquica, assinalando a indissociabilidade entre funcionamento mental e cultura.

## **2.2 Cultura e imigração brasileira em Portugal**

Assim como Rohéim, Moro (2018) acredita que o homem é indissociável da sua cultura, mesmo nas configurações mais elementares de sociedade. Toda cultura possui categorias e símbolos que dão contorno à existência do sujeito, orientando a sua navegação no mundo pela atribuição de sentido. Estas categorias variam entre as culturas, funcionam como sistemas compreensivos transmitidos de forma implícita que irão compor representações partilhadas no seio de determinado grupo. Cada sistema cultural engloba elementos estruturados de maneira coerente servindo de interface entre o mundo individual e coletivo, englobando uma língua, os sistemas de parentesco, as técnicas e os modos de se fazer algo (como o cuidado), a culinária, as artes, a maternagem, entre outros fenômenos da existência humana. O sujeito incorpora tais representações no formato de enunciações discursivas, se apropriando dos seus significados, sentidos e conflitos.

Nos trabalhos em que Freud traça paralelos entre o desenvolvimento da cultura e dos sujeitos observamos a existência de uma mente coletiva, no qual os conteúdos mentais são transmitidos entre gerações constituindo a herança arcaica do sujeito moderno. Em *Totem e Tabu*, alguns elementos surgem como organizadores do sujeito e sua cultura, como a proibição do incesto e o extermínio do animal totêmico, onde a culpa herdada constitui a civilização e o sujeito. Nesta obra, Freud refere que internalização do ideal social acomete sujeitos de uma mesma filiação pela obediência à um líder autoritário, o totem era considerado pelos selvagens um pai primitivo, determinando as regras religiosas e sociais transmitidas à prole descendente (Barros & Bairrão, 2010; Kaës, 2003).

Em *mal-estar na civilização*, Freud descreve que o sujeito contemporâneo busca compensações e alianças, se contentando com uma felicidade possível em troca de uma relativa segurança, levando Kaës (2003) a argumentar que a comunidade impõe ao sujeito

a condição de renúncia da satisfação dos fins pulsionais, oferecendo em troca a proteção dos seus impulsos violentos pela primazia do amor. Nesta mesma linha, observamos em *Psicologia das Massas* a ampliação destes preceitos pela inclusão das “massas permanentes”. As relações de uma massa seriam pautadas pelo amor, os sujeitos abandonam os atributos constituintes do seu caráter pela concordância ao coletivo. Apoiada nestas conclusões, Nour (2018) observa que as instituições se estabelecem pela ação da libido, no qual instâncias particulares se agregam em elementos de maior proporção – o amor de indivíduos isolados se transforma no amor de um casal, formando uma família, as classes, os povos e as nações.

Na sociedade globalizada, a mobilidade humana surge como uma problemática central em função da sua exponenciação, impondo um intercâmbio cultural entre o sujeito que se desloca e o grupo acolhedor. As deslocamentos ocorrem em regiões diferentes do mesmo país ou entre países diferentes, pelo que as variâncias migratórias impossibilitam a universalização conceptual do fenómeno, prejudicando assim o estatuto desta população no seu enquadramento político-jurídico à nível global. No fenómeno migratório, observamos paralelamente a mobilização do sujeito em condição migrante, bem como das imagens e representações na sociedade acolhedora, favorecendo a implementação de políticas públicas que atendam as preocupações das populações imigrante e residente.

O fenómeno migratório se apresenta como um dos maiores desafios que a União Europeia enfrenta na atualidade e Portugal acompanha esta tendência, ocupando a quarta colocação nas temáticas que desafiam o bloco na atualidade. Dados estatísticos recentes nos informam que Portugal é o decimo oitavo país da União Europeia com mais estrangeiros a viver no país, correspondendo a 5,7% de residentes. Em sua maioria, os imigrantes em Portugal são oriundos de países não comunitários, incluindo o Brasil, que corresponde a maior comunidade estrangeira em Portugal (Observatório das migrações, 2021).

Os laços entre Portugal e Brasil estendem-se há mais de cinco séculos, vinculados pela mesma língua, pela ancestralidade luso-brasileira e políticas bilaterais que lhes atribuem o estatuto de nações-irmãs. Brasil e Portugal são protagonistas de um sistema migratório que iniciou na colonização das terras tupiniquins pelos lusófonos, originando um fluxo e contra fluxo de mobilidade humana. Fernandes e colaboradores (2021) observam que as alterações geopolíticas resultantes da independência do Brasil não desincentivaram a emigração dos portugueses, entretanto, na atualidade Portugal é efetivamente o principal acolhedor de nacionais brasileiros, acarretando vagas

migratórias distintas a partir de 1970. Nos primórdios, os brasileiros que chegavam em Portugal eram altamente qualificados, lógica que se transformou a partir dos anos 90 com a segunda vaga, caracterizada sobretudo por migrantes brasileiros desqualificados que ocuparam segmentos sociais de menor prestígio.

Na virada do século XXI estabeleceu-se a terceira onda ainda mais diversificada e volumosa, caracterizada por brasileiros motivados pela favorável economia portuguesa da altura. Esta realidade se modificou em 2008 com a crise económica mundial que assolou Portugal entre 2011 e 2014. Nos últimos anos nota-se uma significativa alteração no fluxo, assinalando a quarta onda de migração brasileira para Portugal, com a pandemia do COVID-19 este novo fluxo se interrompeu abruptamente, mas a medida que a crise sanitária se estabiliza, esta onda tende a se restabelecer. Até a data, o estatuto mais notório corresponde aos trabalhadores assalariados, perfazendo 27% dos títulos de residência emitidos em 2018, comprovando o peso dos profissionais brasileiros na economia de Portugal, dos quais as mulheres brasileiras representam 41%. O segundo estatuto de maior relevância é o reagrupamento familiar, que prevê a autorização de residência ao cônjuge, filhos e irmãos menores de estrangeiros (Fernandes, 2021; Observatório das migrações, 2021). É importante referir a Lei da Nacionalidade em Portugal que concede o acesso à nacionalidade portuguesa aos indivíduos que residem legalmente há pelo menos 5 anos, ou aqueles com ascendência portuguesa.

Encontramos nos mitos do Paraíso, de Babel e do Édipo narrativas de sujeitos que embarcam em jornadas na busca por um conhecimento, contornando entraves impostos ou se paralisando diante deles. Para Rosa e colaboradores (2009), o sujeito em deslocamento territorial pode ser distinguido pela dimensão de escolha no projeto migratório. Na decisão voluntária, o movimento do sujeito reflete a busca pela diversidade, como conquistar algo, ampliar seus horizontes, adquirir um novo estilo de vida, ou mesmo romper vínculos dolorosos. Por outro lado, na decisão involuntária o sujeito migrante, refugiado ou em exílio é forçado ao deslocamento em função de violência ou miséria. As autoras argumentam que, nesta dimensão o passado perdido e a dificuldade de se localizar no novo mundo assumem um papel de protagonismo na existência do sujeito, produzindo efeitos de desenraizamento ou desterritorialização.

De um modo geral, até 2008 os brasileiros que embarcavam no projeto migratório para Portugal eram motivados pela aquisição de recursos financeiros como subsistência de familiares na terra natal, considerando a possibilidade de retorno. Na atualidade o projeto migratório prevê a permanência definitiva ou de longa duração, grupos compostos

por aposentados, investidores, profissionais de tecnologia, estudantes e famílias. A experiência migratória se desdobra segundo o gênero, pertencimento étnico, classe social e integração do sujeito imigrante numa sociedade acolhedora inerentemente estratificada. Apesar dos fluxos migratórios terem uma componente feminina inerente, é habitual associá-las como acompanhante de seus maridos ou filhos, mas o caso português é uma exceção, onde se evidencia uma tendência crescente de mulheres brasileiras que emigram sozinhas, ou ainda liderando suas famílias, sobretudo as divorciadas, solteiras e as mães-solo (Padilla, 2007). Nestes cenários, muito embora as mulheres embarquem sozinhas no projeto migratório, as suas motivações são sobretudo familiares, facilitando o processo migratório subsequente dos seus filhos e dependentes.

Ao acrescentar o fator classe social na interação entre a etnia brasileira e o gênero feminino observam-se implicações relevantes, no qual muitas mulheres imigrantes são de classe média ou baixa, podendo ou não serem qualificadas. Perante o cenário brasileiro desfavorável ao nível político e económico, tentam a sorte noutra país, no qual Portugal é frequentemente a nação de eleição dada a facilidade do idioma comum e dos acordos políticos bilaterais. As brasileiras de classe média e baixa que embarcam rumo ao sul da Europa são destinadas, maioritariamente, a segmentos laborais mais desqualificados (Padilla, 2007). Em Portugal, a ocupação laboral das brasileiras incide predominantemente no setor de limpeza, na prestação de cuidados, na restauração, hotelaria e comércio. No que refere as redes sociais, as brasileiras imigrantes recorrem maioritariamente às redes de parentesco e à família alargada, que colaboram na saída, na chegada e na integração social.

Os brasileiros possuem uma etnicidade própria, e em Portugal as mulheres são rapidamente reconhecidas pelos seus traços fenóticos particulares, sublinhando a experiência destas imigrantes por meio de estereótipos desqualificantes, imagem reforçada pelos media como no caso “Mães de Bragança” (Gomes, 2013). Padilla (2007) realizou uma série de entrevistas com mulheres e homens imigrantes em Portugal concluindo a centralidade do tema, a autora observou que em ambos os grupos o estereótipo da mulher brasileira é comumente associado a sexualidade e a servidão, representando um tema indissociável à experiência de brasileiras imigrantes em Portugal e demais países da Europa. A lógica singularizada “eu” e o “outro” pode se transformar numa lógica excludente do “eu” ou do “outro”, onde a estranheza pode se manifestar na internalização de um “outro” negativizado, projetando no exterior os produtos do próprio medo na forma de preconceito contra imigrantes ou nativos (Carignato, 2005). Por outro

lado, a autora acrescenta que o intercâmbio cultural poderá provocar o desamparo psíquico, e em última instância, a fragmentação do sujeito migrante.

De modo análogo aos mitos, a mudança do sujeito para uma terra diferente de sua origem remonta a situação do nascimento, da perda do objeto ideal e uma angústia do Eu, provocando no sujeito migrante um sentimento de desamparado (Grinberg & Grinberg, 1996). Na sua partida, segue na ilusão de um “novo mundo” promissor, acolhedor ou ainda desafiador, renegando a perda do mundo antigo (família, sociedade e cultura) em nome de uma excitante nova existência. A mudança impõe ao sujeito a elaboração do luto daquilo que se perdeu, e quando este trabalho psíquico é renegado em nome das maravilhas que se apresentam, o passado se une ao presente do sujeito numa experiência traumática de separação e perda (Carignato, 2005).

No projeto migratório involuntário, o sujeito se encontra em situação de precariedade e de vulnerabilidade sociopolítica e discursiva. A incapacidade discursiva reflete um silenciamento, um instante que caiu em esquecimento, o rompimento de uma temporalidade que não desaparece, uma inevitabilidade perpétua que Rosa e colaboradores (2009) observam estar associado ao traumatismo. O termo traumatismo na psicanálise corresponde ao choque violento no plano psíquico, perturbando a personalidade. Inicialmente, Freud utilizou este termo para especificar a origem das neuroses infantis, recomendando a catarse e a elaboração psíquica destas experiências no alcance da cura (Grinberg e Grinberg, 1996). Posteriormente o conceito de trauma foi reeditado, no qual o Eu despoletaria uma “angústia sinal” de modo a prevenir a invasão de uma outra versão mais agravada, a “angústia catastrófica”.

O termo angústia foi proposto por Lacan no seminário *A angústia*, a partir da designação freudiana “desamparo inicial”, indicando diferentes respostas do sujeito na relação com um outro. Lacan (1963; cit. por Rosa e col., 2009) refere que a angústia, diferente da fuga, corresponde como um tempo no qual o sujeito tenta se localizar, se reconhecer, como no estranho (*unheimliche*) freudiano. As autoras argumentam que este tempo, no qual o sujeito tenta se localizar, provoca desdobramentos na sua subjetividade e no enlace social. Esta conceção caracteriza a situação traumática que coloca o sujeito em situação de desamparo, conceito que remete aos trabalhos de Otto Rank (1961; cit. por Grinberg e Grinberg, 1996) acerca do trauma do nascimento e na perda da mãe protetora. De forma análoga à experiência de perda do “objeto continente”, o desamparo implica em última instância a ameaça de desintegração egóica e perda dos limites do Eu.

A compreensão da condição migrante nos leva a conhecer as razões que o mobilizaram na busca pelo conhecimento verdadeiro, e que em última instância provoca uma dor existencial. Deste modo, a condição migrante se traduz numa condição de crescimento autêntico e maturação mental. Para Moro (2018), a migração configura uma grandeza existencial, um ato de coragem que muitas vezes é vivido de forma ambivalente pelo sujeito que se vê confrontado entre o desejo de partir e o medo de perder os seus entes queridos, o desejo de independência e de preservar laços, entre outros dilemas. Somente através de um bom relacionamento com os objetos internos, da aceitação das perdas e pela elaboração adequada do luto que o sujeito conseguirá discriminar adequadamente os dois lugares, os dois tempos, e os dois grupos de pertença, consolidando o seu sentimento de identidade, sentindo-se o mesmo apesar das mudanças ocorridas em sua vida (Grinberg & Grinberg, 1996).

### **2.3 Identidade e filiação – O lugar da subjetividade brasileira**

Na mesma medida que as relações sociais interiorizadas produzem a socialização do sujeito, elas também produzem a sua diferenciação. Na socialização, a criança interioriza as concepções de um outro no controle autônomo das suas pulsões primitivas, o que Freud denominou de “isto”. Assim, a socialização é potencializada pela interiorização de esquemas comunicados por um outro, obrigando o sujeito num estágio muito precoce de vida a abandonar as exigências pulsionais intrapsíquicas, formando um compromisso com o mundo social. Portanto, Nour (2018) conclui que o processo de socialização é sobretudo um processo de individuação.

A tradição psicanalítica prevê que o bebê está ligado à sua pessoa de referência num processo de simbiose, ou narcisismo primário, tanto o bebê como o seu cuidador podem ser incapazes de responder adequadamente às exigências de separação, que é sentida pelo infante como um choque. Com o tempo, o bebê inicia um movimento progressivo de individuação, interiorizando as relações estabelecidas com o ambiente de modo a organizar e diferenciar as suas pulsões. A partir da interação primitiva o bebê aprende a se relacionar consigo próprio, diferenciando progressivamente aquilo que é seu ou do outro, culminando mais tarde na sua individuação (Nour, 2018).

A constituição identitária do sujeito ocorre paralelamente a sua inserção no meio social, premissa abordada por Freud na sua análise do narcisismo como um sujeito que avalia o mundo a partir da sua própria imagem, na qual ele acede apenas parcialmente.

Concretamente, isto implica na imagem que o sujeito acredita ser, na imagem que ele acredita ter sido, bem como aquilo que poderá vir a ser. O narcisista constrói um modelo que ele julga ser ideal – de si e dos outros, sejam eles próximos ou distantes. Na sociedade, este modelo é imposto aos grupos coletivos que o narcisista participa, estabelecendo a imagem de uma família ideal, uma classe social ideal e de uma nação ideal. Posto isto, Nour (2018) argumenta que a imagem ideal que o sujeito tem de si configura uma autodefinição dos grupos sociais que ele pertence.

Acerca do desenvolvimento de uma identidade íntegra e continuada, Devereux (1966) afirma que a apropriação espacial e temporal da identidade do indivíduo são, na generalidade, capacidades adquiridas. Se o infante é tratado de forma inconsistente, de modo que ele não se sinta apreciado pela sua mãe como sendo o mesmo indivíduo quando ele se comporta bem ou mal, a criança estaria ameaçada a perder o senso de identidade. No sentido oposto, ao ser cuidado como uma unidade corporal inteira e invariada, a criança adquire o senso de completude e da sua individuação, experiência que se prolonga e consolida com o tempo. Para o autor, a constituição de uma identidade íntegra, no qual os esquemas temporais e espaciais (como o corpo) são invariáveis, depende da constância do meio, de modo que o sujeito ao longo do tempo adquira a capacidade de se sentir o mesmo apesar das mudanças que ocorrem em sua vida.

Nas concepções psicanalíticas clássicas, o supereu é compreendido como instância repressora, interditora e arbitrária, designando o que se não deve fazer. Para Freud, as funções do ideal representam um modelo internalizado pela criança sendo indissociável do supereu, que compreendem os herdeiros do complexo de Édipo. Devereux reformula esta concepção indicando a distinção constitutiva entre as funções arbitrárias e de modelo, indicando que o ideal do eu surge no final do complexo de Édipo pois nesta fase o supereu já teria sido formado. A pulsão de morte é compreendida na vertente psicanalítica clássica como força originária do somático visando atingir a satisfação, sendo alcançada por intermédio de um objeto. De acordo com Wonsoski & Domingues (2021), Devereux refuta este conceito, argumentando que Freud o formulou seguindo um modelo restrito, influenciado por preceitos clínicos que tendem a culpabilizar unicamente o sujeito pelos seus males.

No que refere a universalidade do inconsciente Devereux concorda com Freud, afirmando que o inconsciente contempla as forças pulsionais que jamais foram conscientes, e ainda, materiais conscientes que foram reprimidos, constituindo um inconsciente idiossincrático e étnico. Devereux também defende a universalidade do

complexo de Édipo por ser indissociável dos graus de parentesco, apresentando configurações distintas na sua vertente positiva e negativa consoante a cultura do sujeito. No que refere o período de latência, o precursor da etnopsicanálise discorda de Freud, Wonsoski & Domingues (2021) concluem que as pulsões sexuais desta fase são direcionadas segundo os métodos de socialização e normas culturais, pelo que os estágios de desenvolvimento psicosexual infantil não devem ser transpostos às crianças universalmente.

A internalização do ideal social atinge uma outra dimensão nos trabalhos de Freud sobre o luto e a melancolia, que tem implicações semelhantes no sujeito, como uma tristeza profunda, a perda de interesse no mundo exterior resultando numa reduzida funcionalidade, e até mesmo da capacidade de amar. Este empobrecimento do sujeito ocorre pela perda do objeto amado, no caso do luto a pessoa amada morreu, enquanto que na pessoa melancólica, ela quem fica pobre e vazia. A diferença entre ambos reside no amor próprio que está perturbado na melancolia, a pessoa fica à espera de uma punição. Nour (2018) sintetiza que a posse do objeto é compensada pela sua identificação, para compensar a dor da perda, o sujeito se transforma naquilo que não pode possuir.

A identificação é fundamental na construção identitária e das relações sociais, pois na medida que o sujeito pertence a diferentes grupos sociais, ele constrói uma identidade múltipla. Ao se identificar com diferentes pessoas reais ou fantasiosas, os traços serão assimilados ou rejeitados, a identificação é assim um processo que implica a constante transformação na construção de uma personalidade independente e suficientemente diferenciada (Nour, 2018). Segundo Rouchy (1995), o processo de identificação ocorre por meio de mecanismos de interiorização, introjeção e incorporação das características dos objetos externos ao sujeito, que devem ser devidamente diferenciados consoante as suas especificidades. A incorporação é o protótipo corporal da introjeção e da identificação, se refere à um mecanismo fantasioso no qual o sujeito penetra e conserva um objeto no interior de seu corpo, substituindo um objeto perdido.

No contexto de imigração, o contato contínuo do sujeito com uma nova cultura pressupõe um conflito no sentimento de identidade, possibilitando assim uma crise e posterior adaptação à nova cultura. Perante uma identidade bem constituída, o sujeito irá se ampliar, as mudanças provocadas pela condição imigratória transformarão a identidade do sujeito, integrando adequadamente as identificações pré e pós migração consoante aos modelos identificatórios estabelecidos. Esta ampliação é vivida não apenas pelos sujeitos migrantes, mas também pelos seus familiares, como é o caso da segunda geração de

migrantes, que são confrontados cotidianamente com um duplo quadro de referências, de sentido e pertencimento (Dantas e colaboradores, 2010). No processo de ampliação da identidade, o sujeito irá negociar consigo próprio aspectos relativos à identidade, como valores, valores étnico-raciais, de gênero, de preconceito, suas relações familiares, entre outras questões relacionadas com a sua existência.

Para que esta adaptação seja possível, o migrante deverá ter oportunidades reais de fazer a manutenção da sua identidade, tendo em vista o que foi consolidado até o momento da migração, bem como as mudanças sucessivas ocasionadas por ela, e por esta razão, a integração de diferentes partes da identidade é requerida. Phinney (1990) propõe que as mudanças ocasionadas em virtude das deslocações devem ser compreendidas no âmbito da identidade cultural, que compreende tanto a nacional quanto étnica. A identidade nacional diz respeito ao pertencimento do sujeito com o seu país, sendo ajustável consoante a mudança de país ou aquisição de uma nova cidadania. Por outro lado, a identidade étnica é rígida, muito embora possa ser negada ou ignorada, está ligada aos sentimentos e laços compartilhados com a sua cultura e parentesco, e, portanto, correspondem à ancestralidade da pessoa. Para Phinney (1990), a manutenção da identidade étnica combinada com o desenvolvimento de uma identidade nacional no lugar que o sujeito se estabelece favorece a continuidade do sujeito migrante na formação de uma identidade bicultural.

A cultura brasileira e a identidade nacional são temas que vêm sendo debatidos há muitas décadas, e de fato, diferentes autores consideram que o povo brasileiro é muito distinto de outros povos e nacionalidades. Como postulado acima, a identidade é um fenômeno psicológico que se estabelece a partir de identificações, e apesar da identidade nacional brasileira ser convenientemente definida como “distinta” ou “diversa”, estes construtos não parecem compreender a pluralidade do *ser* brasileiro. Ortiz (1988) ressalta que a problemática da cultura brasileira incide sobretudo à esfera política, por entrelaçar-se com o imaginário popular dos grupos sociais, bem como a própria construção do Estado brasileiro. O caso brasileiro exemplifica com maestria que a concepção de identidade autêntica é limitante, dado que ela foi concebida por diferentes grupos étnicos numa historicidade político-histórica.

A questão racial é indissociável da cultura brasileira, pois na medida que a mestiçagem brasileira representa um símbolo nacional, as explicações em torno do cruzamento inter-racial são pouco esclarecedoras (Ortiz, 1988). Em sua gênese, a cultura brasileira foi estabelecida sobre relações de poder representando um espaço de

miscigenação, a explicação corrente afirma que a etnia brasileira nasceu da fusão de três raças fundamentais: o branco, o negro e o índio, no qual o branco detém uma posição de superioridade na constituição civilizatória brasileira (Ortiz, 1998). A identidade nacional sublinha o elemento mestiço como característico da sociedade brasileira, a mestiçagem atribui dois sentidos simultâneos à sociedade brasileira, um real relacionado com as condições sociais e históricas que compõem a vasta amálgama étnica deste povo, e simbólico pelas aspirações nacionalistas dos brasileiros.

O mestiço, enquanto produto do cruzamento de raças desiguais, inverte a lógica da herança biológica carregando consigo o simbolismo de um povo inferiorizado, e em última instância, simboliza a busca por uma identidade. Gilberto Freyre (Ortiz, 1998) contribuiu fortemente para a “democratização racial” da identidade brasileira, transformando a negatividade do mestiço em positividade, estabelecendo o contorno de uma identidade brasileira incorporado no cotidiano, nos grandes eventos como o carnaval e o futebol. A mestiçagem passou a ser um elemento nacional, a carteira de identidade do *ser* brasileiro. Tal caracterização possibilitou a interpretação das relações sociais na sociedade brasileira segundo as estratificações de classe e cor, criando um impasse nos movimentos negros, dado que a mestiçagem inviabiliza o discernimento das fronteiras de cor – o problema do colorismo brasileiro.

Definir a nação significa enfrentar a questão do cruzamento racial, diferenciando as três etnias fundadoras da nacionalidade brasileira - africana, americana e caucásia, a mestiçagem surge como uma “saída brasileira” para a questão étnica. A discussão contemporânea em torno da identidade brasileira é indissociável da questão racial, uma vez que a segmentação da sociedade brasileira se estabeleceu no curso de construções histórico-políticas. No plano genótipo, conclui-se que 90% da população brasileira possui pelo menos 10% de ancestralidade africana, enquanto que no plano fenótipo os traços são profundamente diversificados, refletindo desigualdades nas esferas sociais, políticos, económicos e culturais, assinalando a pluralidade racial brasileira (Flores e Melo, 2013). Para Ortiz (1988), o mito das três raças exemplifica a ambiguidade e a pluralidade da nacionalidade brasileira, possibilitando não somente o reconhecimento identitário, mas o encobrimento dos conflitos raciais inerentes à sociedade brasileira. O efeito do cruzamento de raças transforma negros de terceira geração em brancos, resultando no branqueamento gradual da sociedade brasileira.

Acerca da filiação brasileira, Mendes (2017) refere que as raízes da violência brasileira podem ser localizadas na sua herança arcaica, presente na gênese da fundação

do Brasil. Esta exploração se estabeleceu pela força e pela violência dos povos nativos, da escravidão, de apropriação de terras e dos povos nativos, ao longo da história. Assim, a autora argumenta que o Brasil ficou à mercê da lei de um pai primevo e na ausência de um pai simbólico, que poderia garantir uma identidade mais estável ao seu povo através das leis paternas.

Se apoiando em Lebovicu, Moro (2014) indica que todos carregamos um mandado transgeracional, ao que ela refere como “árvore da vida”, com raízes fincadas na terra pelos conflitos parentais infantis. A linearidade familiar atribui uma dupla função aos filhos e futuros pais visando a perpetuidade do legado familiar, que corresponde a toda história herdada de seus pais, avós e bisavós, bem como dos conflitos e narcisismos das gerações que lhe antecederam. Os trabalhos de Golse (2004; cit. por Vasconcelos e Lima, 2015) salientam que os bebês buscam uma história que seja primordialmente relacional, e por esta razão eles se inscrevem numa dupla filiação, a materna e a paterna. As narrativas biográficas exercem um papel de transmissão de aspectos filiativos do sujeito, sobretudo dos vínculos afetivos e relacionais, história e transmissão psíquica se relacionam mutuamente na constituição da subjetividade, é a ponte entre o eu e o outro, possibilitando o sujeito se sentir verdadeiramente vivo (Pastori, 2006).

Os preceitos da etnopsicanálise nos permitem extrapolar que a experiência migrante representa uma transformação no lugar que o sujeito se inscreve enquanto constituição identitária, a alteração nos referenciais culturais interfere como o sujeito compreende a si próprio. Perante a perda, como de um ente querido ou de um país, a elaboração do luto favorece a continuidade psíquica, de modo que o sujeito possa resgatar e introjetar os aspectos essenciais do vínculo, atualizando o seu ego. É pela elaboração do luto que o sujeito consegue fazer face daquilo que ele foi e do que virá a ser apesar da perda de algo único para si. Assim, a passagem de um lugar para outro impõe ao sujeito uma série de elaborações psíquicas daquilo que se perdeu, do que herdou dos seus pais, da sua ancestralidade e das tradições que constituem a sua subjetividade, e quando esta elaboração não acontece, Pastori (2006) argumenta que o sujeito seria incapaz de se alicerçar sobre um lugar, refletindo numa existência sob ameaçada com angústias de ampla magnitude, uma angústia catastrófica. O sujeito compreende que perdeu algo essencial para si configurando um impasse - a sensação de não ser de nenhum lugar, ou catastroficamente, de não *ser*.

### **3. METODOLOGIA DE PESQUISA**

#### **3.1 Tipo de estudo**

Tendo em vista que as migrações exponenciam as exigências de adaptação identitária, de modo a integrar adequadamente a sua herança psíquica bem como a imensidão de novas referências sociais que lhe fazem face, recorreu-se a abordagem de caráter qualitativo com o objetivo de explorar as implicações identitárias e a inscrição do lugar subjetivo e filiativo de famílias brasileiras em Portugal.

A estratégia de estudo de caso consiste no aprofundamento exaustivo de um ou poucos objetos, possibilitando o seu amplo e detalhado conhecimento. De acordo com Yin (2001), o estudo de caso corresponde a uma investigação empírica com um método robusto, compreendendo o planeamento, recolha e análise de dados acerca de um fenómeno humano inserido no contexto de vida real, sem manipular comportamentos relevantes. O estudo de caso representa uma estratégia adequada para responder questões “como” e “por que” na investigação de acontecimentos contemporâneos, como é o caso do nosso objeto de estudo.

Neste sentido, Yin (2001) sugere que o ponto de partida de um estudo de caso deve assentar na formulação de perguntas consoante a sua substância (o fenómeno em estudo) e forma (o objeto em estudo). Se debruçando nestas premissas, este estudo se propõe a esclarecer questões inerentes ao pertencimento de sujeitos migrantes, designadamente: por que os sujeitos migrantes desejaram mudar a sua localização geográfica (demanda); como os sujeitos elaboram a sua experiência migratória; como se desenvolve a inscrição subjetiva destes sujeitos lá (pré-imigração) e cá (pós-imigração); e por fim, como ocorre a integração identitária.

Tratando-se de uma investigação sustentada em conceções psicanalíticas, o fenómeno passa a ser compreendido na premissa de um sujeito que opera consoante às suas forças inconscientes. O estudo de caso convoca um encontro intersubjetivo, que segundo Hollway e Jefferson (2008) se baseia na premissa de um sujeito defendido produtor de sentido. Nesta lógica, o sujeito é responsável por produzir os conteúdos, cabendo ao investigador interpretá-los e analisá-los. Tendo em vista que o objetivo de explorar as implicações identitárias no seio de famílias migrantes no período pré e pós migratório, propõe-se analisar dois casos, correspondendo as unidades de análise na díade mãe-filha.

A recolha de dados, observa Yin (2001), deve se basear em diferentes fontes de evidências, consoante a técnica e o procedimento metodológico de eleição.

### **3.2 Método**

Atendendo ao presente estudo de caso assente em concepções psicanalíticas, conclui-se que a compreensão da experiência do sujeito migrante pode ser melhor apreendida através do seu discurso. Por meio de uma entrevistas não-estruturada, o sujeito é convidado a partilhar a sua história, construindo uma narrativa em associação livre de ideias, segundo a abordagem do método FANI (Free Association Narrative Interview), concebido por Hollway e Jefferson (2000; 2008). O referido método parte da premissa de um sujeito defensivo, em oposição a um sujeito racional, pelo que que o entrevistador deve prestar o papel de um bom ouvinte.

De modo a captar as vivências e experiências subjetivas na narrativa, o entrevistador deve intervir o mínimo possível de modo a não influenciar o discurso do sujeito, favorecendo a fluidez da associação livre de ideias. Com isto em vista, os criadores do método estipulam algumas premissas básicas, nomeadamente: a utilização de perguntas abertas no início da entrevista, favorecendo a elicitación de histórias; evitar perguntas elaboradas como “porquê”; ouvir atentamente a narrativa, de modo a “ecoar” a sua história consoante a ordem dos termos escolhidos pelo próprio (Hollway & Jefferson, 2000).

Nas narrativas, a vida humana ganha sentido através de episódios temporalmente significativos numa sequência lógica e causal, sendo estruturadas por um princípio organizador com início, meio e fim. No entanto, se tratando de um encontro intersubjetivo no qual operam forças inconscientes do entrevistado e do entrevistador, a dinâmica da entrevista sofre o efeito de defesas contra ansiedade. No caso do entrevistador, as defesas podem vir de encontro à inexperiência, bem como das expectativas quanto ao sucesso da entrevista. No entrevistado, as defesas inconscientes irão influenciar a recordação das experiências subjetivas, condicionando os conteúdos partilhados, o acesso ao conflito inconsciente bem como os afetos adjacentes. Portanto, os criadores do método FANI alertam para que o entrevistador tenha atenção às forças conflituosas e inconscientes que incidem na relação intersubjetiva da entrevista (Hollway e Jefferson, 2000)

### **3.3 Participantes**

Tendo em conta a abordagem etnopsicanalítica do presente estudo, buscou-se investigar a experiência migratória de mulheres brasileiras suficientemente integradas, pelo que era necessário que residissem em Portugal há pelo menos 3 anos. Deste modo, a investigadora acionou, individualmente, a sua rede de contatos pessoais a fim de recrutar participantes que se enquadrassem no perfil acima designado. Foram entrevistadas no total 4 mulheres, uma delas possui nacionalidade brasileira e as demais identificaram-se como luso-brasileiras. Considerando a temática identitária da presente investigação, e de modo a favorecer uma análise mais apropriada da subjetividade que o sujeito se inscreve no contexto migratório - Brasil e Portugal, foram selecionadas as entrevistas de duas mulheres luso-brasileiras, inseridas na díade mãe-filha. As entrevistas ocorreram na residência da filha, localizada em Sintra.

A mãe Carla (nome fictício) tem 50 anos (à data da entrevista), concluiu o 12º ano de escolaridade e exerce atividade profissional de governanta. Sua mudança para Portugal ocorreu aos 27 anos de idade, portanto, vive cá há 23 anos ininterruptos.

A filha Cecília (nome fictício) tem 31 anos (à data da entrevista), é formada em História e exerce atividades profissionais como *Customer Support*. Saiu do Brasil aos 13 anos de idade, e um mês após a condução da entrevista, ela veio a imigrar para a Holanda, completando assim 19 anos de residência em Portugal.

### **3.4 Procedimento de recolha de dados**

Depois das apresentações iniciais necessárias, relembrei as participantes do propósito do estudo e comuniquei o caráter de confidencialidade, salientando que o objetivo principal da entrevista era de que elas se expressassem livre e abertamente, pelo que o anonimato das identidades protegeria as participantes de qualquer possível identificação. Por fim, informei que a entrevista seria gravada com o propósito exclusivo de transcrição, pelo que na sequência as gravações seriam destruídas. As participantes concordaram com estas instruções e então, depois de nos termos acomodado frente a frente, iniciei a entrevista com a seguinte pergunta: “*Bom (nome da participante), você poderia me contar a sua história de imigrante?*”. Na sequência do encontro, a entrevistadora registou as impressões subjetivas de cada participante.

A Carla aparenta ser uma mulher vaidosa e juvenil, possui um tom de pele moreno escuro e um cabelo longo, liso, negro e comprido. Ela esteve bem-apresentada, portando uma vestimenta lustrosa e inúmeros acessórios. Cabe ainda destacar que, instantes antes de iniciar a entrevista com a mãe, a filha comunicou-lhe de sua mudança para a Holanda. O encontro inicial com a Carla transmitiu ter se estabelecido com alguma dificuldade de sua parte, sobretudo por ter permanecido no sofá alguns minutos após a chegada da entrevistadora. Depois da sua filha ter se retirado da residência, essa impressão inicial de recusa rapidamente se desvaneceu, dando espaço à uma participação colaborante.

A Cecília denota uma aparência modesta, mas bem alinhada e coordenada com a sua figura corporal, ela possui traços que remetem uma mistura étnica - cabelos negros, lisos e um tom de pele moreno escuro. Destaca-se a sua desenvoltura corporal e a fluidez do seu relato, ela falava de si com grande entusiasmo, registro que se modificou para alguma restrição aquando das suas vivências familiares, bem como de certa exaltação quando era remetida às relações afetivas em Portugal. É ainda importante referir que, instantes depois de encerrar a entrevista, a Cecília me comunicou de forma súbita que estava de mudança para a Holanda, que foi sentida com sobressalto pela entrevistadora.

### **3.5 Procedimento de análise de dados**

As entrevistas foram transcritas integralmente e fidedignamente aos conteúdos manifestados pelas participantes (vide anexo), pelo que a análise decorreu segundo os preceitos do método de associação livre (Hollway & Jefferson, 2008) em dois momentos distintos. Primeiramente, um grupo de intervisão composto por cerca de seis elementos, nomeadamente a investigadora, a orientadora e estudantes e/ou profissionais da área da psicologia, reuniram-se para a análise das entrevistas. A investigadora realizou a leitura das entrevistas integralmente, enquanto os membros intervinham livremente consoante aquilo que o discurso evocava em si – etapa que durou cerca de 6 horas. Finalizada a análise dos conteúdos em grupo, a investigadora procedeu na compreensão das entrevistas a partir daquilo que suscitava em si, conjugando com os conteúdos apreendidos em intervisão. Desta etapa, foram selecionadas as temáticas mais relevantes das narrativas, selecionando os conteúdos apropriados aos objetivos do estudo. Deste procedimento resultaram três grandes temas, designadamente: 1) Identidade (representação de si e do outro); 2) Representação de país de origem (lá) e acolhimento (cá); 3) Referências filiativas.

## 4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

### 4.1 Análise entrevista Carla

A Carla inicia o relato da sua história migrante colocando acento em personagens distintas, salientando perdas inestimáveis decorrentes do processo migratório – *“Tudo começou com uma bela conversa com a minha irmã e umas amigas da minha irmã no Brasil, daí elas estavam a vir e eu do nada ‘não, vou também’ (...) Ficou um bocado meio difícil pra mim porque a filha era muito pequena, e deixar a minha filha pra trás, deixar, eu tinha uma vida maravilhosa lá, né, meu apartamento, a minha família, e isso custou-me um bocado”*. Perante aquilo que ficou para trás, a Carla resgata os recursos que outrora possuía aquando da imigração, contudo, o encadeamento de ideias sugere o contrário, pois esta representação não é efetivamente inscrita na sua vivência – *“(...) Aí preparei, comprei o bilhete e tudo, vim com muito dinheiro, vim mesmo bem preparada na altura, hum... na altura era escudo, não é, o dinheiro era escudo ainda, é, eu vim com 10 mil dólar, 5 mil em travel check, e na altura já não me recordo bem quantos... quantos... é... como que fala o nome da moeda na altura, que eu acabei de dizer (...)”*.

Ao chegar em Portugal, observamos a condensação de espaços diferentes emergir em seu discurso (*fui/vim*), inscrevendo-se numa condição de privação pela ideia de uma ávida frieza – *“E fui, vim com duas amigas (...) Um frio, um frio, um frio, uma coisa louca, (...) No mesmo dia comprei edredom, o meu primeiro foi congelado que não tinha gás, passei um frio, um frio, um frio horrível”*. Ela se recorda do seu primeiro trabalho em Portugal assinalando um desejo de autossuficiência, e apesar da sua maioridade na altura imigração, ela refere que precisava de um tutor para transferir o seu dinheiro para o Brasil - *“Passado um mês que tava cá já arrumei um trabalho num café, (...) gostei tanto, falei ‘não, não preciso desse dinheiro todo comigo, fui no Banco do Brasil, abri uma conta, pus o meu pai né, como meu tutor, e mandei o dinheiro, hã, pus o dinheiro no banco, enfim, e falei ‘vou viver, vou fazer... vou fazer por onde e vou viver com o que eu ganhar’, e assim foi”*.

Ainda que tenha expresso o desejo de se autossustentar, a Carla convoca personagens magníficas que lhe adotam como família em Portugal, e lhe possibilitam *ser* pela atribuição de documentos. Com alguma dificuldade em recordar-se dos acontecimentos,

testemunhamos uma vivência de incompletude – “(...) foram eles que me legalizaram, porque o, a família Vinagre não é, os donos do café, tem dois filhos homem e me adotaram praticamente a filha mulher, (...) e desde aí a minha vida andou, (...) passado quatro anos que, que eu já estava cá, quatro? Quatro ou cinco anos, já não me recordo bem, decidi ir buscar a minha filha, que eu não aguentava mais, não aguentava mais, aí fui buscá-la (...)”. Verificamos que a tentativa de reencontrar a sua subjetividade é permeada por dificuldades, pelo que ela apreende a sua experiência em Portugal em termos de frieza afetiva que despoletam questionamentos identitários – “Aí a minha vida começou a andar, desde que peguei a legalização, (...) nada foi fácil, não é, pra, pra conseguir pegar o outro, a, o outro visto, opá, sempre foi pff... (...) mas eu como sempre tive tudo legal, sempre fui tudo mesmo certinha, e sou, (...) são frios, né, são frios, e depois com isso tudo, muitas conversas, muitas coisas ‘não, mas eu sou portuguesa, já sou portuguesa, eu vivo aqui, eu pago os meus impostos né, é...’”.

Deste questionamento identitário, ela acede ao seu sentimento de alteridade valorizando os aspetos brasileiros, manifestando que percebia a sua brasilidade como objeto de agrado dos outros, experiência de maravilhamento que se descontinuou na atualidade – “(...) não havia tantos imigrantes brasileiro, então era bem visto até (...) Adoravam a língua, quando você abria a boca pra falar ‘ah, é brasileira... ah, eu vejo a novela brasileira... (...) ficavam encantado né, com a língua, com, com o sotaque, com as, a maneira de falar, como era diferente, enfim. Hoje não, não é, por já ter muitos brasileiros cá (...)”. Com isto, ela convoca uma representação inserida na temática sexual que é projetada no exterior, transmitindo uma indiferenciação dos outros - “nem todo mundo tem os bons olhos, principalmente nós mulheres, é, por causa de prostituição... era, é... É citado não é ‘ai, as brasileiras é isso, as brasileira é aquilo’, e no fundo não é só as brasileiras mas como todas as raças, como as portuguesas, como as angolanas, africanas, enfim, todas as raças”.

Numa tentativa de se diferenciar, observamos um relato que atribui a sua subjetividade ao ato de trabalho. É curioso observar em sua representação a emergência de uma figura de autoridade inserida numa vivência profissional de servidão, que rapidamente se transforma numa representação de relação afetiva, afirmando de forma emocionada, que o seu lugar em Portugal está associado aos bens pessoais e aos vínculos – “Trabalho é digno pra todos, pra todos, não importa o que faça. (...) Até fico emocionada (...) Fui, fui

*durante três anos secretária de um general Angolano, também cá em Portugal, que também eu tinha uma responsabilidade muito grande, muito grande mesmo, com os estudantes que vinham pra cá, hã, eu que tomava conta de tudo (...) É, foi com meu suor... é... carro... É bem materiais? É! Mas é, pra mim é fundamental pra ir e vim né, do meu trabalho, é, nesse momento é mesmo, é a minha, a minha casa e a minha vida familiar, a minha família cá, a minha filha, o meu esposo, é o meu maior bem”.*

A Carla associa os vínculos familiares no Brasil com a proximidade física, recordando uma vivência repentina que não expressa desejo ou demanda concentrada apenas nela própria – “(...) Quando posso vou, nesse momento eu não vou... (...) tive no Brasil 48 horas e tive que regressar, é, fui com um amigo meu que é da TAP, foi ele que me ofereceu o bilhete, é... pra ir, ver meus pais, minha família (...) fizeram uma festa surpresa pra mim, por causa dos meus anos, aí fizeram uma festa surpresa, foi a primeira vez e foi maravilhoso (...)”. Ao retornar ao Brasil, ela refere o custo afetivo do que foi perdido e o que poderá se perder em função da sua vivência migrante, inscrito numa condição paradoxal de perigo lá no Brasil e segurança cá em Portugal – “(...) é a pior parte de ser imigrante, é a família lógico (...) eu com meu esposo, andamos muito lá no Brasil, nas férias, é... é um bocado assustador (...) aonde vivo, em Cascais, e... a gente a meia noite, uma da manhã se for o caso nós estamos a caminhar (...) Mas eu acho que a insegurança do Brasil, isso é que custa (...) não tá acompanhando os meus sobrinhos, meus pais envelhecer (se emociona), isso é que custa”.

Ao afirmar que gosta do frio de Portugal a Carla se contradiz com o relato anterior, interpretado como frieza afetiva, sentimento que ela combate com vestimentas – “(...) que eu adoro o clima daqui, eu adoro o frio (risos), eu gosto, eu acho que andamos elegante no frio”. O vínculo com a sua filha em Portugal é inscrito de forma análoga à sua representação de família no Brasil, na premissa de proximidade física, ressentindo o afastamento desta valiosa relação – “(...) mesmo ela vivendo longe de mim ao mesmo que não vivemos mais na mesma casa junto, mas ‘tamo sempre né, sempre quando podemos, (...) acabei de receber uma notícia dela (começa a chorar), (...) Eu só tenho ela cá, ela acabou de dizer ‘mãe, comprei já o bilhete pra ir embora’ (...)”. A perda remete aos perigos que personagens desidentificadas correm, figuras com papéis confusos que coexistem no mesmo espaço – “(...) é filha mulher, mesmo se fosse homem, mas eu fico com medo dela ir lá pra fora, se fica doente quem é que vai cuidar, quem (...) eu tenho

*medo, mas também confio nela, porque ela é cabeça, ela é muito inteligente e muito esperta (...) Mesmo não estando vivendo na mesma casa, mas... hã, é, tá aqui, eu quero ver eu venho, dez minutos de Cascais aqui eu ponho aqui em casa (...)*”.

Sua subjetividade é classificada em termos de maltratados e maltratantes, pelo que não reconhecemos de quem ela está a falar, ela coloca acento na magnificência da sua maternidade, mas se contradiz ao afirmar a autossuficiência da mesma – “(...) depois o pai arrumou uma namorada e judiou muito da minha filha, judiou muito da minha filha, (...) quando fui buscá-la ele foi levar a porta e eu, eu, quando eu vi que ela tava lá dentro do carro eu fui pra bater nela, (...) Por isso, eu sempre fui pai e mãe dela aqui e, com meu esforço, com meu trabalho (...) ela não depende de mim um centavo, é com o dinheirinho dela, com o trabalho dela, que ela também vive”. Observamos que as subjetividades são mescladas entre si, esta indistinção é colmatada com a condensação das suas representações em personagens confusas ao nível da singularidade ou da pluralidade das vivências descritas – “Nós, nós, é... Quando queremos, a gente... Eu sou assim, eu corro atrás, eu não desisto mesmo, não desisto mesmo, e tudo que eu quis eu conquistei (...)”.

A Carla reconhece a sua subjetividade através de personagens magníficas, nesta representação, ela se apoia ao seu percepto para elaborar suas vivências mais íntimas. Observamos que ela se inscreve como subjetividade servil, localizada algures entre maltratados e maltratantes – “o meu trabalho, os meus amigos, os meus patrões são maravilhosos pra mim, maravilhosos mesmo, essa peça que 'cê tá vendo, ali (aponta para um vaso), quando eu comprei essa casa a minha patroa chegou em mim, virou pra mim e disse ‘Carla, na minha terra diz quando uma pessoa compra uma casa a gente oferece uma peça que nós gostamos pra trazer paz, harmonia, felicidade’, (...) e isso é gratificante, é sinal que dão valor a mim, não é (se emociona) (...) Passo oito horas dentro daquela casa, eu convivo mais com eles do que com a minha filha e com meu esposo, é muitas horas né (...) E, isso é muito gratificante, saber que, que, que te dão valor, como muitos são sacrificados, como muitos são humilhados (...)”.

Numa passagem curiosa, ela resgata uma representação de relação romântica, que se confunde com uma de cariz profissional, caracterizando-as com grande riqueza de detalhes – “Eu criei dois (se emociona), dois homem que já é hoje (...) o Pedro e o

*Gonçalo, que cada vez que me encontra na rua, meu Deus do céu, pula no meu pescoço, me beija, e falam comigo, somos muito muito amigos, mesmo, que, que, me deve tudo (...)*”. Neste relato, ela descreve sexo, afetos e relações amorosas de forma confusa, e em face disto, ela acenta numa personagem em sofrimento por ter sido maltratada, que sublinha uma tentativa de diferenciar-se das condições de servidão – *“O Francisco veio falar comigo sobre sexo, a primeira camisinha do Francisco quem deu fui eu (...) quando ficavam doentes quem tava ali pra cuidar era eu, não era os pais, (...) Tenho uma que era grávida, ela também é imigrante, é Cabo-verdiana, um doce de pessoa, (...) e a patroa dela... hãhã... gritava com ela horrores, fez ela chorar horrores, ela grávida!”*.

Numa vivência de luta, a Carla caracteriza o sofrimento servil como maldito, colocando acento numa personagem que detém atributos magníficos de modo semelhante à sua filha – *“ (...) e isso custa né, por nós 'tar aqui a trabalhar honestamente por ser imigrante não quer dizer que temos que ser humilhada, atenção, não é? (...) E depois nós precisamos, claro, então vamos à luta, porque não? (...) ela é brasileira, foi trabalhar de empregada doméstica na minha casa (...) Eles humilharam ela tanto, tanto (...) e... conseguiu sair desse maldito trabalho (...) E olha se 'cê conhecesse, 'cê ia se apaixonar por ela, é uma pessoa doce, doce, doce mesmo, doce, dum coração que 'cê, não tem tamanho (...)”*. Deste relato de luta com personagens são indiferenciadas, notamos igualmente que a sua representação de família lá no Brasil dá conta de uma instância agregada – *“independente como todas as famílias tem os prós e os contra, um mais briguento, né, vamo falar assim (sorri), mas sempre fomos muito unido, sempre fomos muito unido...”*.

Para Carla, a sua condição migrante é permeada pela crença de que tudo está bem, contudo, evoca uma representação familiar em que a aproximação do outro causa-lhe sobressalto e sofrimento – *“Se acontece alguma coisa já todo mundo ali em cima, né, preocupado, e enfim... (...) há pouco tempo o meu sobrinho sofreu um acidente de moto e, saiu do trabalho, (...) e sofreu o acidente de moto, teve que ir pro hospital (...) e passado uma semana o outro meu sobrinho foi ver esse, o Alexandre, e no regresso sofreu também um acidente de moto, também sofreu um acidente de moto. Foi muito mais grave do que o Alexandre é (...)”*. Em face deste desassossego a Carla tenta fixar-se num lugar seguro descrevendo uma vivência polarizada, ao atravessar para a margem sul, ela fica transtornada e se vê obrigada a voltar para a margem norte – *“(...) eu tava num passeio com meu marido pra margem sul... (...) e 'malemá' cheguei do outro lado, opá, acabou o*

*passeio (...) opá, perdeu toda a graça né, perdeu toda a graça, porque o meu irmão me ligou, é o filho dele, chorando, opá, (se emociona)”.*

A Carla se inscreve num distanciamento dos seus objetos amados, pois a aproximação deles lhe suscita a possibilidade de perda, sendo o maior custo afetivo da sua subjetividade migrante – *“já que estamos a falar de nós imigrantes, é... esse é o meu maior medo, de perder alguém e não poder estar (chora...), e isso... nem gosto de pensar. Acho que, pra todos, pra todos mesmo, é o preço mais alto que pagamos”.* Assim, a ameaça de desassossego justifica o seu relativo distanciamento da vida e das pessoas, se inscrevendo numa vivência de suposta tranquilidade juntamente dos seus patrões – *“por estar longe da família e saber que está bem, você tá feliz, você tá bem mesmo estando longe. Agora saber que tem alguém e perde, ou acontece uma tragédia, isso é horrível né, é horrível. Já perdi muita gente que faleceu né, que morreu no Brasil que eu não pude estar presente (...)”.*

É curioso observar que na sequência deste longo relato de perda, o seu encadeamento de ideias introduz uma personagem feminina caracterizada como interesseira, convocando uma vivência na qual ela acredita ter sido responsável pela relação amorosa de sua filha – *“Meu esposo tem uma filha, mas infelizmente a ex dele é gananciosa e só quer saber de dinheiro, não deixa a filha, há 3 anos que não deixa a filha ir a nossa casa, (...) ai um dia, nesses dois sofázinho (aponta para duas poltronas), na outra casa, ‘senta ali Richard, Cecília (aponta para a poltrona à sua esquerda), Richard, a partir de agora tá aqui, a chave de casa, você entra e sai a hora que você quiser, (...) você vai ser o filho que eu não tenho’, e assim foi (...)”.* A Carla acredita que promoveu a relação da filha com o namorado, e ao sentir a separação deles como um choque, ficamos confusos de qual vínculo que ela está a se referir. Apesar de se situar no lugar de maltratante – homem português, ela se culpa por não ter se identificado com a maltratada – sua filha – *“(...) E ela ficou meio magoada comigo, achou que eu tinha que defender ela, e não ele, e na verdade eu defendi ele? Defendi, mas eu também não, não deixei de defender a minha filha, não deixei de ficar do lado dela como estou, e hei de estar até o último dia da minha vida (chora)”.*

A relação da Carla com a sua filha é assinalada pela coexistência da infantilização e autossuficiência, em que ambos prevalecem, muito embora a filha tenha expressado

desejo em se diferenciar. Ficamos confusos quanto aos papéis de cada personagem, transmitindo a ideia de se instalar nos lugares – “(...) *Cheguei nela e disse ‘filha, você já tem, vai fazer né, a faculdade, dezoito anos, o que você quer, tirar a carta de condução ou uma semana na Disney?’*, ela *‘carta de condução, mãe’*. (...) *Tudo que vamos sair ‘ai, a mãe compra isso’*, nunca me pediu nada a minha filha (...).*ela tem uma amigas e dizem ‘nossa, a tua mãe cada vez que vem a casa Cecília, tua mãe vem de sacos’*. *Era sacos de coisas, de frutas, (...) Queira ou não queira é o meu porto seguro, é a minha filha, né, enfim”*.

Com o fim da entrevista, a Carla reflete que a sua vivência migrante é uma ilusão, inscrevendo a sua subjetividade ao ato de servir, como única alternativa possível de existir – “(...) *ai Europa, é aquela coisa, é uma ilusão em muita coisa, (...) se não tem uma estrutura, se não tem um contrato já de trabalho, se não tem uma estabilidade né, financeira, pra suportar, eu acho que deve mesmo pensar bem se quer ser um imigrante em Portugal”*. Dividida entre Brasil e Portugal, ela nos indica que a sua subjetividade migrante é compensada pelo subterfúgio dos bens materiais, mas na sequência ela revela que este recurso é incapaz de resgatar aquilo que ficou para trás - “*deixar tudo e partir assim, a não ser que vai pra outro país que ganha mais (...) e depois tem medo, vergonha de voltar pra trás porque deu com a cara na parede. (...)”*. Ela destaca que a decisão de imigrar deve ser ponderada, muito embora a sua própria imigração tenha sido abrupta. Com isto, testemunhamos que a luta confere a possibilidade de se inscrever numa vivência de suposta normalidade “*Hoje eu posso falar, é, tô bem, tô feliz, tô, tô infeliz com a notícia que tive da minha filha (se emociona), mas tô feliz, é... por ser imigrante, por ter lutado, por ter conseguido o que consegui (...) Eu acho que é isso, tem mesmo que pensar muito bem pra ser imigrante. Eu, no meu caso valeu a pena, eu tô bem e tô feliz”*.

Ao fim da gravação, a Carla continuou a partilhar alguns detalhes da sua subjetividade, indicando que ao chegar em Portugal, ela foi acometida por uma enfermidade provocando um grande aumento de peso. Os seus padrões, que ela refere enquanto família de adoção, intervieram com um tratamento médico que envolvia a administração de um medicamento, provocando uma alergia que agravou ainda mais o seu peso corporal. Podemos assim pensar que, a alergia representa uma recusa desta família, por não reconhecer a sua legitimidade.

## 4.2 Análise entrevista Cecília

A Cecília inicia a sua narrativa migrante contando a história de outra personagem, alterando abruptamente sua cadeia associativa de ideias de modo a revelar um sentimento de desamparo de sua infância - *“a minha mãe veio pra cá primeiro, hum, ela foi mãe muito, muito jovem e teve uma fase da vida dela que ela resolveu... (...) o meu pai casou e aí a minha madrasta era má pra mim, então eu passei uma fase bem difícil”*. Assim, ela relata que a sua mudança para Portugal ocorreu contra o seu desejo consciente, caracterizando como ‘maravilhosa’ a intervenção de sua avó que provocou a sua imigração - *“e aí a minha avó uma vez falou pra ela ‘olha, Cecília tem mãe, Cecília tem pai, não deu com o pai tem a mãe, vem buscar ela, vem fazer alguma coisa’. E aí a minha mãe me ligou... Isto, eu acho essa história maravilhosa, que a minha mãe me ligou e falou assim ‘olha, você quer vir morar em Portugal?’, e eu ‘Não, tô tão bem com a minha avó... não, tô ótima, não quero’, passado um mês ela chegou (risos)”*.

A Cecília demonstra rápida identificação por Portugal, muito embora o Brasil desperte em si alguma nostalgia, despertando um sentimento de estranhamento que é projetado no exterior - *“A partir do momento que eu cheguei a primeira semana eu já não queria voltar, já não lembrava do Brasil (risos), tinha saudades claro, (...) mas eu sempre gostei de Portugal, sempre, tem qualquer coisinha em Lisboa que me chama assim, (...) eu nunca senti nenhum preconceito assim, em si”*. Perante o sentimento de desamparo oriundo da sua vivência no Brasil, e do estranhamento em Portugal, a cadeia associativa da Cecília nos revela a inscrição num estado de alheamento – *“mas eu acho que também isso tem a ver comigo, que eu sou meio avoada, há coisas que não me ferem, e eu dei... e se calhar se fosse outra pessoa já ia falar ‘ih, pera aí que isto está...’, eu andava, seguia em frente”*.

A adaptação de Cecília no seu período pós-migração é compreendida pelo estabelecimento de vínculos sociais que perduram até à atualidade, sobretudo por ter imigrado na sua adolescência - *“(...) eu cheguei na escola lembro que fiz logo amizade no primeiro dia e sou amiga dessas, dessas raparigas, duas raparigas, sou amiga até hoje (...)”*. Observamos uma reviravolta no seu encadeamento de ideias, no qual uma representação de autogoverno reflete um lugar de duplo pertencimento – *“Depois a faculdade também, foi muito trabalhoso né, e penoso, tive sempre que trabalhar e*

*estudar, e fazer essas coisas, porque né, a parte dos pais assim tal, mas foi é, não sei assim, acho que... não... eu... é isso, Lisboa tem aqui um pedacinho, eu me sinto dos dois lados assim sabe, eu sou... (...)*”.

A Cecília descortina em seu discurso questionamentos relativos à sua dupla cidadania em dois registros distintos, na adolescência o seu questionamento surge em termos de algum desconforto, sentimento que é atenuado na atualidade – *“Como eu já tô aqui há mais tempo do que no Brasil, as vezes falam ‘ah, mas você é mais portuguesa do que brasileira’, eu ‘Não, pera aí! Eu sou brasileira, eu sou brasileira, mas eu também já me sinto portuguesa’ (risos), já tenho um pouco dos dois. (...) Mas teve uma fase, é, na adolescência que eu, eu ficava irritada com isso, porque aí, eu, eu, eu não sabia o que que eu era, então foi ali um conflito, eu ‘meu Deus, mas pera aí, porque dizem que eu não sou brasileira, mas dizem que eu não sou portuguesa, eu sou do, eu sou o quê? Aí é, mas hoje eu aceito bem e sei que sou dos dois*”. É curioso observar que o seu questionamento identitário está sempre associado ao lugar da sua subjetividade, por introduzir o lapso *“eu sou do/eu sou o quê”* constatamos a indissociabilidade de ambos.

Perante estes questionamentos, observamos surgir uma representação de desencontro ao Brasil e à Portugal, demanda que mobilizou a resolução deste conflito por meio de uma viagem que é descrita como uma vivência de maravilhamento – *“(...) eu tava precisando voltar pro Brasil pra sentir as minhas raízes, tava, não sabia o que que eu era, (...) Quando, quando eu tive no Brasil, eu tive toda essa viagem que foi linda, e foi... (...) eu marquei a viagem toda, me despedi, me deram uns dias, eu disse ‘então vou acabar o trabalho hoje, amanhã tô viajando, não sei o quê...’.* Menina, eu cheguei lá era carnaval e eu não sabia que eu tava no Nordeste num carnaval (risos) (...) foi uma experiência maravilhosa”. Ela refere que só ganhou consciência de que estavam neste período de festividades quando lá pisou, portanto, nos faz questionar que raízes são essas em que se desconhece o mais básico e essencial, como o maior feriado festivo nacional?

Ao enaltecer os atributos brasileiros num relato que confunde ‘estar lá/cá em Portugal’, ela sublinha a coexistência de duas subjetividades distintas, de alteridade e de diversidade - *“(...) porque a gente sabe, porque eu tenho enfim, que as vezes é mal visto, e as vezes é aquela coisa né, não deixa de ser imigrante né, (...) nós somos um, nós somos um pedacinho também de Portugal, nós somos um pedacinho aqui de Africa, nós somos, nós*

*somos maravilhosos! (...) Sou sim, sou brasileira, sou com muito orgulho, e vou ser portuguesa também porque eu já tô lá há tantos anos, não é*". A Cecília convoca uma representação em que o reconhecimento da sua cidadania portuguesa pela ascendência lhe foi omitido, refletindo num conflito aquando da obtenção da cidadania portuguesa – *"eu tenho família portuguesa mas nós nunca conseguimos os documentos através da... da... da... porque perdeu-se e assim (...) na altura que a minha mãe ia pedir eu dizia 'não quero, eu sou brasileira e não quero documento português', e aí ficou, ficou aquele conflito (...) tá bem, vou fazer pra facilitar, mas eu não quero, que fique ciente aqui que eu não quero!"*.

Perante a questão entre ser brasileira ou ser portuguesa, ela caiu na raiz do seu problema, que é justamente a Bahia - fusão de Brasil e Portugal. Nesta experiência, a diversidade brasileira se revelou a via de resolução do seu conflito - *"eu acho que foi até natural aceitar sabe, aceitar as duas partes, mas a viagem foi, foi fundamental, pra tá lá, pra ver essa mistura de pessoas, e o que nós somos, e a riqueza que nós somos (...)"*. As suas representações surgem num registro dramático, atribuindo à cidade de Salvador atributos extraordinários, desvalorizando elementos importantes, como um prato típico ou temperos que mais tenha se identificado - *"principalmente em Salvador, eu, eu, eu... eu pensei assim, meu Deus, eu quero morar nessa cidade, essa cidade transpira cultura, (...) claro Salvador né, onde tem mais negros fora de África, (...) é uma mistura de comida indígena, com comida europeia e comida africana, eu pirei, eu pirei!!! (...) você pode provar, sem exagero, eu acho que mais ou menos 80 pratos típicos de toda a Bahia"*.

Depois de toda a magnificência desta vivência, a Cecília se viu novamente constrangida, delimitada e sem recursos no Brasil, uma outra versão de si e do que buscava - *"depois eu voltei, porque há algo que me chama pra Lisboa (risos), e a vida é mais fácil né (...) Aí depois dessa viagem toda fui visitar família, aí de repente o dinheiro acabou eu falei 'gente, o que que eu vou fazer, não dá pra ficar aqui'"*. Apesar de viver em Sintra, ela afirma ser de Lisboa, refletindo uma confusão quanto ao seu lugar de pertencimento, sentimento que pode acompanhá-la desde as suas origens uma vez que a sua cidade de origem não lhe confere o mesmo entusiasmo de Salvador - *"a família da minha mãe por exemplo que tá em Santa Catarina, Joinville, não dá nem pra comparar né, sair de uma Lisboa e me meter lá naquela cidadezinha que não acontece nada"*.

A descrição do retorno à Portugal nos leva a compreender que somente a luz de Lisboa poderia iluminar o caminho de reencontro com a sua subjetividade, mas apesar disto, ela reflete um desencontro consigo e com esta terra - *“a saudade da vida que eu levo aqui, a saudade dos amigos, a saudade da, dessa Lisboa, dessa luz. (...) Hã, não foi fácil, mas não foi fácil por problemas familiares (...) aos dezesseis anos eu própria fui a minha encarregada de educação na escola (...) até os vinte e três, vinte e quatro, eu só tava inserida nessa bolha portuguesa né, não tinha, não tinha mesmo amigos brasileiros, não tinha assim ninguém”*. Durante a sua adolescência, a Cecília se agarrou nas suas referências sociais portuguesas por representarem um desejo de investimento rumo a autossuficiência - *“E aí, hã, eu imitava muito as minhas amigas portuguesas (...) elas tem realmente aquela família, aqueles pais bastante portugueses que apoia, (...) eu via que elas iam fazendo as coisas e eu, eu achava ‘bem, eu acho que eu tenho que seguir esse caminho’ (risos), (...) e tive ótimas, ótimas pessoas do meu lado assim né, os pais das minhas amigas, depois assim, eles me orientaram e tudo mais”*.

Com um brusco corte na linearidade temporal, a Cecília se transporta da fase adulta à infantil, fazendo referência à ciclos inacabados que foram necessários sustentar. A sobreposição de acontecimentos pré e pós migração evidenciam a sua condição de alteridade, já que a maior dificuldade incidiu no âmbito das línguas estrangeiras - *“(...) aí eu acabei depois começando a trabalhar, (...) eu saí do Brasil, eu tinha, eu tava no... Ah, eu tava no sétimo, e aí eu vim em junho/julho, (...) aí setembro eu comecei logo no oitavo, eu nunca fiz o sétimo, acabei o sétimo, aí comecei logo no oitavo. (...) já ‘tavam assim no nível 2 de francês e eu não sabia nem o que que era, assim, inglês quanto mais francês (sorri), então eu sempre fui boa né, português, matemática, ciências, mas as línguas eu penei, (...)”*. O seu discurso revela que o choque entre o que era familiar (ensino no Brasil) e o novo (ensino em Portugal) resultou traumático para si, perante a abundância de um outro (elas têm), ela se confrontou com a sua própria escassez (eu não tenho) - *“(...) aí eu chego aqui, aí eu vou pra escola, aí eu vou pra escola e vejo que as pessoas sabem, e aí eu tô ali, não sei, e não vem uma ajuda né, detrás, não vem nada detrás (...)”*.

Apesar de afirmar com hesitação que nunca sofreu nenhum preconceito, ela relata um sentimento de estranhamento, que é deslocado para um outro estrangeiro semelhante a ela própria - *“(...) eu nunca, eu nunca senti assim sabe, nenhum, nenhum racis..., nenhuma xenofobia, nenhuma coisa assim de... de... nunca senti, nunca senti mesmo.*

*Hã, tive na escola a professora de francês, tive, tive, ela fez uma piadinha, (...) Eu sei que os meus amigos, muitos já passaram por muitas coisas”. Testemunhamos anteriormente a sua dificuldade com os idiomas estrangeiros, que se contradiz com a indicação de que adquiriu sotaque rapidamente, a dificuldade com os idiomas revela sobre a sua alteridade – “E, o meu sotaque, eu vim pra cá com treze, aos quinze eu já tinha um sotaque completamente português, eu não me lembro, (...) a mãe da Maria, (...) disse que ela sentia que eu fazia um esforço pra falar. Eu não me lembro disso, nunca senti assim que fosse um esforço, (...) então talvez tenha sido assim um esforço pra, pra que eu fosse, né, me integrasse aqui mais rápido (...)”.*

As primeiras experiências em Portugal são descritas como maravilhamento, revelando um desencontro do Brasil, a Cecília convoca uma vivência que dá conta de um vai e vem de lugares numa tentativa de compreender Lisboa, demanda tão intensa que despreza as normas impostas - “(...) não queria que a minha mãe tivesse ido me buscar, (...) mas assim que eu cheguei eu adorei, eu adorei e nunca, nunca, nunca pedi a minha mãe assim ‘quero voltar, me leva de volta’. (...) E aí, eu fui pra Lisboa passear uma vez, duas vezes com a minha mãe e amei Lisboa (...) a minha mãe dizia ‘pelo amor de Deus, não vai pra Lisboa sozinha, (...) Eu matava aula, ia, pegava o comboio ia direto pra Lisboa (...) Eu sabia os nomes das ruas todas ali, a rua Augusta, não sei o quê, nãñã, Alfama, Graça, Castelo, (...) e ficava horas passeando, e dava a hora de voltar pra casa eu voltava (risos). Então como foi a escola? ‘Ótima, aprendi muito sobre Lisboa’, eu acho (risos) (...) desde os quatorze anos eu comecei a fazer isso, e depois era a loucura de querer morar lá né, mas hoje... não dá pra morar lá (...)”.

Na tentativa de assimilar as referências portuguesas, e atravessada pelo desencontro com o Brasil, a Cecília se encontrou à deriva no alto do seu adolescer, apreendendo numa representação precoce de Lisboa que reflete um perigo - “(...) aquela zona era superperigosa, até hoje tem duas ruas que você vê ainda pessoas ali dando na droga, (...) antes era mesmo do tipo ‘por favor, não vás para aquela zona! É, o governo...’”. Durante a sua deambulação por uma cidade que é desprovida de elementos enriquecedores, ela descreve os encobrimentos do seu medo num relato que reflete um desgoverno - “(...) e eles tentaram fazer uma limpeza, mas que ainda dá pra ver que tem ali umas ruas que ainda não, não funcionou porque, acho que forma mais simples de dizer isso foi (...) pôr

*a sujeira ali debaixo do tapete e não solucionar ali a coisa. Então nós íamos assim por essa zona toda, andava, andava, andava, enfim”.*

Assim, ela convoca uma vivência que condensa referências temporais distintas, pois ela refere um ritual próprio dos 9 anos de idade (primeira comunhão) como tendo sido realizado aos 14 anos (crisma), revelando um sentimento de pequenez e as suas memórias familiares mais íntimas - *“porque lá eu só tinha feito a primeira comunhão, e aí eu falei assim ‘vou fazer, né’, porque quando eu falava com o meu pai, o meu pai perguntava se eu ia na igreja, a minha avó na época, mãe dele estava viva, e a minha outra avó que tá viva até hoje também pergunta também, (...) mas engraçado porque realmente foi o que eu pensei assim de estar próxima a eles, de seguir ali um passo deles né, e aí eu fui, e nem foi pela minha mãe, fiz tudo sozinha (...) e me inscrevi na catequese, e eu era, eu já tava velha, então na catequese eu tava atrasada na catequese, (...), e aí era eles pequenininhos e eu já ali...”.*

A busca por inscrever a sua subjetividade migrante promove o surgimento de uma referência familiar cá em Portugal, capaz de vincular e direcionar, representação permeada de afetos - *“aí eu ‘ah, então pronto já conheço a tua mãe’. Passei a ir de carro todos os dias pra escola com elas. (...) E foi se criando, foi se criando ali uma amizade muito forte, uma coisa assim muito, hoje a família da Maria é a minha família, é a família que eu t... até fico emocionada (com os olhos em lágrimas), porque é a família que eu tenho”.* O sentimento de perda desta importante referência familiar cá em Portugal é simbolizado em sua pele, e em face disto, ela resgata uma vivência que descreve a sua viragem identitária como um momento de profundo desassossego e desamparo - *“Eu tenho uma tatuagem, quando ela foi embora (...) Aos dezoito anos eu fiz aniversário ‘ah, vamos sair, vamos sair, vamos beber, ficar loucas’, tá vamos, menina, entrei em coma, é, entrei em coma e a minha mãe não podia saber né, de jeito nenhum porque, minha mãe não sei o quê, mas era uma fase má, era aquela fa... não era uma fase de re... rebel... re... re... ser rebelde (...).*

A representação de família lá no Brasil carrega algumas desavenças, constatamos uma maior proximidade com a família materna no Brasil, do vínculo com a sua avó materna é privilegiada, já que relativiza as diferenças em prol da relação - *“(...) desde né, que começou aquilo, com a Dilma já, eu já achava assim umas coisas (...) com a família da minha mãe ainda falo... falo... tem ali ligação (...) Hã... e aí com a família da minha*

*mãe eu mantenho contacto, basicamente é isso, (...) estragar a minha relação com a minha avó, por exemplo, por causa disso, não vale a pena, é a minha avó, acho que tem um, tem um respeito né (...) E, apesar de eu não ter família, aqui né (...) eu sou muito família (...) então eu acho que nós também temos que saber relevar muitas coisas”. Ela materializa a sua tentativa de proteger este legado familiar, apesar dos constrangimentos da sua vivência migrante - “(...) aí ela engravidou, aí chegou aqui uma caixinha pra eu ser madrinha do filho dela, a coisa mais linda, (...) se ele pode me enviar uma cartinha, eu acho isto maravilhoso, e tento né, tento manter isto”.*

Na sua família paterna, ainda que haja uma importante variedade cultural na gênese desta família, ela revela um sentimento de alteridade ao convocar figuras que representam a intolerância, colocando um questionamento entre *ser* legado ou cidadania – “*Na família do meu pai já não (...) depois tive uma tia que casou com japonês, (...) o meu pai casou com a minha mãe que é portuguesa, que a avó da minha mãe era portuguesa, aí tem a minha tia que casou com um italiano, então é muito engraçado, um polonês (...) e esses meus dois primos que a mãe é alemã eles se acham alemães, mas assim, na época da votação do Bolsonaro o grupo da família fervia (...) E aí eu falei assim ‘Meu querido, você acha que se Hitler olhasse pra você, você não morria na hora? Quem é você na fila do pão?’ do tipo assim, e acabou aqui e não quero mais falar com você (...)”.* Apesar disto, o seu relato dá conta de um espaço que não é inteiramente seu, mas que ainda assim representa um lugar para se fixar – “*(...) ela fez uma casa nova e aí ela fala assim ‘no teu quarto, tá lá um guarda roupa cheio de roupa minhas, mas eu tenho que arrumar aquilo’, é uma delícia porque aí eu sinto também que eu tenho um (...) eu sei que posso correr pra lá sabe”.*

A competitividade feminina amplia o distanciamento afetivo com este tronco familiar, este conflito suscita na Cecília um sentimento de perda, no qual o investimento na relação ocorre numa distância sentida como segura – “*e aí foi também assim péssimo né, porque aí madrasta (...) Aí eu chego lá no Brasil, infelizmente naquele meio não encontro ninguém assim parecido, nem a filha dela que é da minha idade, foi ciúmes, e foi assim, e também fizeram da minha vida num inferno, aí eu falei ‘não, quer saber, vou voltar’ (...) e aí mesmo que ele agora ele tente, tá ali, tem uma barreira sabe (...).* A Cecília nos indica que o seu corpo representa o templo da sua subjetividade, e somente a reaproximação física poderá proporcionar o restabelecimento deste vínculo – “*eu tenho*

*essa tatuagem há dez anos, e aí ele assim, 'mas que p\* é essa, não sei o quê, não sei o quê, que nojeira'. Amigo, eu disse assim 'Oi, oi, tudo bem? Olha, o corpo é meu, o corpo é meu, dá licença?' (...) Tenho que ir pro Brasil de novo pra ver se arrumo isso”.*

Com o fim da entrevista, a Cecília exalta a experiência que deu voz à sua subjetividade migrante, percorrendo o mesmo trajeto realizado ao longo da entrevista. Observamos um movimento de vai e vem entre lugares grandes e pequenos, valorizando a experiência de diversidade - *“Hoje é fácil falar né, mas teve épocas que eu não ia falar nada do que eu falei aqui, mas hoje é fácil, foi ótimo, adorei (...) eu acho que se eu morasse no Brasil lá em Santa Catarina, eu não ia conhecer pessoas de todo o Brasil, não ia, e estar aqui hoje como brasileira, mas que mora aqui há cinquenta mil anos, mas como brasileira, mas pude né, ter a oportunidade de conhecer, de falar, de trocar ideias, e de ouvir aqueles sotaques maravilhosos, isso com certeza me faz sentir ainda mais brasileira (...)”.*

### 4.3 Grandes temas Carla

#### Identidade: Representação de si e do Outro

O discurso da Carla é autocentrado e carregado de fortes afetos, fortemente assinalado por associações curtas e inúmeras rupturas, sem um princípio organizador. No início, ela descreve a sua vivência migrante como magnífica, permeada de recursos e sendo adotada por todos, mas com o avançar da narrativa observamos uma outra realidade. Os recursos financeiros que a Carla outrora possuía no Brasil proporcionaram-lhe iniciar uma nova vida em Portugal numa condição privilegiada, tentando sublinhar um estatuto de diferenciação dos demais imigrantes. Ela diz que veio bem preparada financeiramente, mas pouco revela do custo afetivo que a mudança para Portugal lhe causou, tanto que não se recorda a moeda que possuía há 27 anos atrás. A sua vivência migrante é descrita em termos de ganhos financeiros ao invés do custo afetivo, as representações não se fixam na sua história.

Se encontrando distante de todos os seus vínculos íntimos em Portugal, ela assinala o desejo de autossuficiência, sublinhando uma relação de dependência com o seu pai, o “tutor” que regula os seus recursos. Devolver ao seu pai os seus próprios bens significa diferenciar-se daqueles que ficaram Brasil, pois Portugal, a sua nova terra, já lhe possibilita *ser*. Ao romper os laços de dependência com o Brasil, ela passa a estabelecer uma relação de subserviência à Portugal. A Carla identifica a sua atividade profissional em Portugal como “governanta” que diz respeito aos trabalhos prestados às casas senhoriais, com conotações culturalmente distintas. Na sua narrativa observamos ambas designações, suscitando uma indistinção quanto ao seu exercício profissional.

A diferenciação do Brasil ocorre por meio da atribuição de documentos, enfatizando a função de legalização conferida por pessoas extraordinárias, que a adotam como família e às quais ela passa a ser profundamente devota. Observamos que a sua existência, enquanto migrante em busca de diferenciação, fica inscrita na aquisição de documentos através da servidão a esta nova família portuguesa, da qual os membros são indistintos quanto aos seus atributos únicos, como nome, características e conduta, revelando que o vínculo afetivo não é genuíno. Apesar de referir ter sido adotada por esta família, ela desenvolve uma alergia aos cuidados por eles prestados, o que nos leva a pensar que ela recusa a intervenção desta família por não reconhecer a sua legitimidade.

Os entraves enfrentados na aquisição de documentos que lhe conferem a condição de *ser* migrante são expressos enquanto conflito identitário, uma vez que ela paga os seus tributos e reúne toda a documentação exigida, já pode *ser* portuguesa. Esta condição, legalizada pela sua família ilegítima, é descrita por si em termos de frieza afetiva, enfatizando assim a pobreza dos seus vínculos em Portugal. Agora, a Carla já se reconhece enquanto portuguesa, mas o sentimento de incompletude persiste, retornando ao Brasil para resgatar a relação com a sua filha, vínculo este que pode ser mantido pelos recursos que ela adquiriu em Portugal. Ela tenta compensar o sentimento de perda oriundo do processo migratório evocando os recursos adquiridos em Portugal, movimento que se revela ilusório. Importa salientar que ela se tornou mãe aos 18 anos de idade.

A sua representação de alteridade é enquadrada em termos de servidão, no qual ela valoriza os seus atributos brasileiros se caracterizando como objeto de agrado dos outros, experiência que se descontinuou na atualidade. Portanto, se antes ela era compreendida como *ser* singular repleta de atributos únicos, atualmente as suas qualidades se dissiparam por existirem muitos outros *seres* singulares, semelhantes a si (brasileira ou portuguesa?). A sua alteridade foi substituída pelo corriqueiro e habitual, já não mais pode ser considerada única. A Carla busca se diferenciar evocando uma relação de servidão sexual, que se confunde com relações afetivas e profissionais, culminando uma vez mais nos recursos adquiridos na sua trajetória migrante. Com isto, percebemos que o ato de servidão pela via do corpo lhe permite adquirir bens materiais, e com isto, diferenciar-se dos demais brasileiros e portugueses.

Há uma importante valorização de si pelo ato de servidão, atribuindo papéis à personagens indiferenciadas. Ficamos confusos no seu universo, ela tenta transmitir o que procura em Portugal bem como aquilo que viam nela enquanto sujeito, transparecendo que era muito bem recebida por ser brasileira, mas esta constatação rapidamente desaparece por já se considerar portuguesa. Ela evoca vínculos afetivos frágeis, do mesmo modo que sublinha relações profissionais pouco duradouras já que está sempre em busca de melhores trabalhos - Apesar de afirmar uma suposta constância nas suas vivências, constatamos uma descontinuidade na sua história.

A Carla descreve a si própria como uma pessoa extraordinária, bem tratada e com imensas capacidades, mas depois vai contra os maltratantes e os maltratados. Observamos a sua

tentativa constante de se autovalorizar enquanto “doadora”, colocando-se num elevado patamar, tanto que ela afirma ser pai e mãe da filha, mas entrega a filha ao pai e ao namorado para ser maltratada, deste modo, não fica claro em qual dimensão ela se inscreve. A confusão resultante do seu discurso pode revelar a confusão das suas referências identitárias, ela própria pode estar à procura da sua identidade que parece estar situada entre os maltratados e os maltratantes.

No que refere os outros, observamos a incoerência da Carla quando ela refere estar sempre com a filha, mas depois descobrimos que ela não está por estar sempre trabalhando, ela acredita muito na filha, mas depois desconfia da filha, dá muitas coisas a filha, mas depois não dá por ela ser autossuficiente. Os seus vínculos afetivos são descritos em termos de proximidade física, e perante tamanhas contradições, as personagens e vínculos resultam confusos - relações afetivas e românticas, se afirma cuidadora, mas depois introduz a relação com um rapaz numa temática sexual.

Ela refere que tem medo dos perigos que a filha corre por ser mulher, mas sustenta este medo no caso hipotético de se tratar de um filho homem, refletindo uma confusão entre afetos, géneros, relações e sexo, que se associa com a sua ocupação supersecreta e com o general Angolano. Com relação aos papéis, tanto com a cabo-verdiana quanto com a brasileira que trabalhou em sua casa, as personagens femininas são hipervalorizadas. Por outro lado, há uma importante desvalorização na representação da ex-mulher do seu atual marido, bem como da atual mulher do seu ex-marido (madrasta da sua filha). Ao desvalorizar as figuras femininas que não se identifica podemos pensar que a Carla age consoante a forma como se posiciona nas relações.

#### Representação de país de origem (lá) e acolhimento (cá)

A sua história migrante inicia transmitindo uma desconexão com a sua terra natal, uma vez que a decisão pela empreitada imigratória ocorreu de forma repentina, em desarticulação entre desejo e demanda. Ela transmite que a sua vida no Brasil era abundante em recursos e vínculos, mas toda esta abundância de recursos financeiros e de laços lá não travaram a mudança para um novo país, vivência descrita em termos de absoluto desligamento. Apesar da sua mudança geográfica, o seu relato sobrepõe dois espaços diferentes “*E fui, vim*”, a incapacidade de distinguir adequadamente o “lá” e o “cá” denuncia a sua tentativa de dar continuidade a um tempo perdido e inalcançável.

Já em Portugal ela denota um rompimento com o Brasil pela recusa dos recursos advindos de lá, ao retornar os seus bens, a Carla expressa o seu desejo em obter subsistência cá. Dado o rompimento abrupto com o Brasil e a escassez de vínculos em Portugal, as suas representações de cá mais precoces são enquadradas em termos de uma ávida frieza. Com o passar do tempo, ela se contradiz ao afirmar gostar do frio de cá, tentando combater com vestimentas extravagantes, permitindo se inscrever numa vivência de (falsa) integração à Portugal.

Notamos em seu discurso a constante referência ao ato de ser adotada por diferentes famílias em Portugal, que são descritas em termos de vínculos frágeis. No princípio, estas famílias conferem-lhe a possibilidade de *ser* pela via da legalização, que com o passar do tempo se consolidou numa subjetividade servil, permitindo o acúmulo de bens materiais que materializam um suposto valor identitário. No entanto, ao relacionar o seu pertencimento aos bens adquiridos pelo ato de servidão, notamos um distanciamento de Portugal e dos portugueses, que são descritos de forma confusa como “frios”.

Para Carla, Portugal simboliza uma terra frutífera que confere uma calma existencial. Apesar do seu relato que evidencia uma luta migrante, notamos que cá ela alcança uma pretensa segurança, permitindo inscrever a sua subjetividade numa vivência de suposta normalidade. Ela não consegue fixar a sua subjetividade entre o “lá” e “cá”, e ao transitar da margem norte para a margem sul, surge o desassossego. Como percebemos na sua narrativa, o Brasil é representado enquanto perigo e perda, suas representações são confusas, distantes e algo como despersonalizadas. Os laços com esta terra são inseridos num distanciamento, pois só assim ela poderá preservar um mundo que outrora fora real e que vive apenas dentro de si enquanto um bem perdido.

## 4.4 Grandes temas Cecília

### Identidade: Representação de si e do Outro

A vivência migrante da Cecília confunde-se com a experiência de sua mãe, que se mudou para Portugal quando a Cecília tinha apenas 9 anos, entre dissabores, foi-lhe imposto recomeçar a sua vida em um novo país aos 13 anos de idade. Ao se recordar do período que deixou o Brasil, observamos um corte brusco nas referências pessoais confundindo catequese (incide nos 9 anos) e crisma (incide nos 14 anos), se descrevendo como “pequena”. Muito embora a sua mudança para Portugal tenha ocorrido contra o seu desejo consciente, ela demonstra um total desligamento do Brasil, que é representado como uma realidade distante. Portugal simbolizava uma esperança - abundância, constatação que se revelou ilusória pois a Cecília se encontrou novamente em escassez. Perante o estranhamento inerente à vivência migrante, e ainda privada de afetos, ela se encontrou num estado de alheamento. Constatou-se a confusão das suas referências pessoais, pois ora ela fez amizade por ser comunicativa, ora por conta da catequese; ora refere não ter família em Portugal, ora é adotada pela família das suas amigas.

Em Portugal ela refere massivamente o seu autogoverno – era a sua encarregada de educação, inscreveu-se sem ajuda na catequese e na faculdade. As suas deambulações pela cidade de Lisboa demonstram a tentativa de fazer face à experiência migrante naquela fase de sua vida, pois na impossibilidade de compreender esse espaço simbolicamente ela percorre na concretude. A sua vivência na Almirante Reis reflete a depravação - drogas e prostituição, mantendo proximidade a um lugar que simboliza as suas próprias questões – o fascínio, o medo, o perigo, o abandono de políticas públicas, os conflitos recalcados. Nesta representação, observamos o encobrimento da sua inquietação pelo subterfúgio a um desgoverno. Com isto, colocamos a hipótese de uma atração pela transgressão como forma de transcender a si própria e as suas inquietações, sobretudo pela idade que tinha aquando desta experiência. Marques (1999) indica que, perante a exigência de estabilizar processos psicológicos e sociais conturbados inerentes à adolescência, os confrontos e a transgressão aos limites constituem “como um espaço de conquista, de firmação e afirmação, e deve ser vivido e exercido individualmente ou em grupo” (p. 256).

A cidadania portuguesa pela via da genealogia lhe fora recusado, e durante a adolescência surge um questionamento que ela coloca em termos de grande veemência “quem sou eu,

portuguesa ou brasileira?”, sublinhando assim uma incapacidade de acomodar ambas. Mais tarde, ela se confrontou com a diversidade brasileira na experiência de Salvador, pelo que na atualidade ela soluciona esta questão, aceitando a sua dupla cidadania luso-brasileira. No entanto, esta saída não parece ter sido suficientemente integrada por si, pois constatamos a sua tentativa de devoração da vasta culturalidade baiana, ela se fixa nos pequenos detalhes da experiência retendo apenas a diversidade de etnias e gastronômica.

Ao buscar se conectar com as suas raízes ela acaba no carnaval, que é a festa da carne, da abundância e da desmesura, entrando depois na penitência dos 40 dias sem consumir os prazeres da carne, momento em que retorna à Lisboa. A sua escolha inconsciente pelo carnaval reflete uma tendência ao deslumbramento, extraordinário, excessivo e grandioso – os 16 pares de *all star*. Ela agarra as coisas grandes na tentativa de incorporar o pouco que não alimenta porque só se alimenta com o grande, mas o grande também não alimenta porque ela deveria se alimentar com o pouco. Percebemos assim que a Cecília deseja assimilar de alguma forma todo o sistema de novas referências, obtendo um ilusório êxito pela via da devoração – da cultura de Salvador, dos 80 pratos baianos, do sotaque português, das ruas de Lisboa. Pelo desencontro com Portugal, mas ainda assim se identificando como brasileira e portuguesa, acredita-se que ela retornou à Bahia (que é o berço do país e também a fusão entre Portugal e o Brasil), na tentativa de reencontrar a sua (des)subjetividade, arrematando a questão identitária numa única cidade pelo recurso à diversidade cultural.

### Referências filiativas

A sua referência de família é suficientemente circunscrita com personagens portadores de atributos singulares, demonstrando grande afetuosidade pela sua avó materna. Apesar da distância, ela parece se identificar e investir no legado materno lá no Brasil, apesar de transparecer um desencontro com a sua mãe cá em Portugal. A sua figura paterna é caracterizada em termos opressores, e ainda que descreva uma família culturalmente diversa, prevalece a alteridade e o desinvestimento neste legado familiar. Em ambos os troncos, a Cecília evoca figuras doutrinadoras que concebem as diferenças em registros distintos. No caso materno elas são enquadradas em termos de aceitação – a Dilma e sua avó, enquanto que no ramo paterno elas evidenciam terror – o Bolsonaro e o Hitler. Ainda assim, ela encontra um espaço seu na casa da tia paterna.

Ela reflete o seu desejo por uma família que nutre, investe e ampara numa representação que condensa referências portuguesas e brasileiras. Em um movimento entre lá e cá, a Cecília revela que no Brasil ela se sente desprotegida pela sua família real, enquanto em Portugal ela se sente protegida pela sua família desejada. Assim, as famílias são representadas de forma contraditória, enquanto da amiga é acolhedora, a sua própria é hostil, projetando no outro os atributos com os quais se identifica. Perante a ameaça de perda destas importantes referências, e ainda se confrontando com a implacável exigência de autonomia inerente aos 18 anos, observamos que ela inscreve em sua pele a marca deste profundo desassossego - caju, como forma de eternizar estes laços que possuem uma profunda marca no seu *ser*.

O caju é uma fruta cuja etimologia remete à língua tupi como “a noz que produz”, uma fruta composta por um elemento duro e outro macio que confere um sumo denso e refrescante. Deste modo, a Cecília nos informa que, ao ser devidamente investida e nutrida pelas suas referências acolhedoras, e ainda se encontrando em absoluto desencontro e desamparo, ela foi capaz de acalmar o seu desassossego num momento de viragem identitária – *“mas primeiro foi aquele mimo, e aí quando ela se foi embora a gente fez aqui um caju (sorri e aponta pra tatuagem). Então é assim, eles são, eles são a minha família, de todo assim”*. Nesta representação, podemos reconhecer que a continuidade do seu *ser* é simbolizada pela coexistência de duas instâncias antagônicas - noz e fruto, unificadas num único elemento, fruto original do nordeste brasileiro, que assim como ela, possui raízes portuguesas e brasileiras.

#### Representação de país de origem (lá) e acolhimento (cá)

A Cecília descortina em seu discurso uma confusão e desespero quanto ao seu lugar de estar no mundo, e perante esta inquietação, ela desencadeia um movimento fugaz em busca de um espaço geográfico para se fixar. A Cecília se recorda do Brasil como uma realidade longínqua, ela tem sim saudades, mas não sabemos do que nem de quem. O Brasil permanece no porão da sua memória, pois representa uma terra dolorosa que deve ser esquecida. Já a sua referência de Lisboa atinge o ápice – luz, representando uma terra próspera e fértil.

No entanto, este estado de maravilhamento rapidamente se desvaneceu. Perante as exigências que fizeram face na sua vivência migrante – o estranhamento e a privação, a

Cecília tem dificuldade em assimilar acontecimentos pré e pós migração, refletindo num alheamento e distanciamento da realidade – ela se encontra avoada, despassarada, perdida. Com um “lá” impossível, ela mobiliza a sua subjetividade na tentativa de reter tudo o que via pela frente. Ainda adolescente, as suas referências sociais representam o lema de sua conduta, e perante o perigo interno que ela se encontrava, Lisboa passa a ser apreendida pelo pavor da Almirante Reis.

Apesar de viver em Sintra ela afirma ser de Lisboa, refletindo uma confusão quanto ao seu lugar. No Brasil, a Cecília é original da cidade de Joinville, que é representada como um local pequeno e obsoleto. Perante a demanda de sentir as suas raízes, ela caiu em Salvador, uma cidade que detém atributos extraordinários num relato que transmite a ideia de fogos de artifício. Observamos uma dificuldade em fixar elementos, vivências e lugares, ela cita a diversidade cultural e gastronômica de Salvador como aspetos marcantes, mas apesar de descrever com muito dramatismo a questão culinária, ela fala com pouco afeto - não refere nenhum prato ou os temperos que mais lhe tenham marcado, portanto, questiona-se o que ela integrou desta experiência.

Os seus lugares reais surgem ofuscados na narrativa – Sintra e Joinville, enquanto que os seus lugares almejados são caracterizados pela sua diversidade – Salvador e Lisboa, resumindo Portugal a Lisboa e o Brasil a Bahia. Não há descrição de outras cidades que visitou, deixando as coisas superconcentradas em termos de cidades. Suas referências espaciais se apresentam como locais distintos que ela afirma se identificar, mas ao qual não pertence. Ela vive em espaços pequenos e sente as coisas em pequeno, mas depois procura ser em grande, pra cair novamente no pequeno. Ao percorrer diferentes lugares que são descritos enquanto experiências de maravilhamento, retornando aos mesmos lugares desencantados, ela denuncia estar à procura pelo seu lugar no mundo.

## 5. DISCUSSÃO

Na sequência da análise das narrativas é possível concluir que os dados são congruentes nas temáticas emergentes, que se justifica pelo perfil das participantes - ambas são mulheres brasileiras em condição de imigrante, com cidadania luso-brasileira, oriundas da mesma família. Por outro lado, constata-se a divergência na expressão identitária – verificado na representação de si e do outro, bem como na temática dominante – o lugar de inscrição da subjetividade e da filiação, consoante as suas especificidades.

Importa clarificar que, muito embora as participantes tenham nascido no Brasil, elas possuem descendência portuguesa, na qual a Carla tem filiação pela via materna. Como se constatou nas entrevistas, não foi possível clarificar o percurso migratório realizado pela sua avó na emigração para o Brasil. As duas participantes adquiriram cidadania portuguesa por naturalização, a temática dos documentos é um ponto em comum entre as duas, adquirindo relevo de formas distintas. A Carla associa a sua vivência migrante no aspeto da legalização como forma de validar a sua subjetividade, enquanto a Cecília manifesta enquadra como conflito identitário.

A decisão pelo projeto migratório é divergente entre ambas, embora a Carla tenha se mudado para Portugal voluntariamente, ela não expressa o motivo que mobilizou o seu deslocamento. Grinberg e Grinberg (1996) indicam que a dissociação extremada entre o “bom” e o “mau” previne o sujeito de cair num estado confusional, de modo a evitar o luto, o remorso e as angústias depressivas que insistem em visitá-lo durante a sua vivência migrante. A partir desta premissa, é possível considerar que o trabalho elaborativo da Carla nas vivências pré e pós migração foi insuficiente, que se reflete na desarticulação entre desejo e demanda, bem como no imediatismo das vivências narradas – o amigo comprou o ticket de sua viagem repentina ao Brasil. Assim, as representações que surgiram ao longo da narrativa refletem referências extremadas entre bom e mau, de modo a evitar um estado confusional na integração em Portugal.

A deslocação da Cecília foi involuntária, e dada a idade que tinha e o motivo que provocou a sua imigração, ela demonstra estar à procura de referências. A sua inquietação parece ter se iniciado muito antes da sua imigração, e percebemos que o projeto migratório no seio familiar provoca um turbilhão de acontecimentos, deixando marcas profundas – a perda da sua mãe para um outro país, provocando a rivalidade feminina e o desamparo no seio paterno, que culmina no acolhimento e subsequente intervenção

‘maravilhosa’ de sua avó, arremessando a Cecília forçosamente para um novo país, no (des)encontro com a sua mãe. Observamos na narrativa da Cecília que a mudança para Portugal significava a fantasia de alimento abundante, iluminando o que ela foi e o que poderia ser, recordando-se do Brasil como uma terra distante. Na perda de referenciais identificatórios, o sujeito experimenta num primeiro momento uma angústia, afeto que Rosa e colaboradores (2009) definem, à luz da clínica do traumático, como algo incapaz de articulado por significantes plausíveis, um sinal concreto no sujeito impossível de ser simbolizado. Assim, é provável que a vivência migrante da Cecília tenha assumido um caráter traumático, pois ao chegar em Portugal, o Brasil passou a ser inominável. De igual modo, observamos o corte brusco da referência temporal ao se recordar deste momento de sua vida, sugerindo que a Cecília não teve oportunidades de elaborar os acontecimentos pré e pós migração.

Ambas as narrativas não seguem um princípio organizador, no caso da Carla, constata-se um discurso desconexo que se assemelha às vivências narradas - ela afirma uma suposta constância, mas o que se verifica é a descontinuidade, como no caso dos seus trabalhos iniciais em Portugal. Acerca do funcionamento mental, destacam-se duas componentes distintas, ao mesmo tempo que aparece uma extrema dor e desassossego, ela insere uma dimensão do “está tudo bem, sou importante”. Com isto em vista, as representações de perda, que foram exaustivas ao longo da narrativa, correspondem ao seu funcionamento habitual, acredita-se que ter recebido a notícia da partida da sua filha instantes antes da entrevista pouco contribuiu nas temáticas evocadas. Na história da Cecília, se verifica uma dificuldade em consubstanciar a experiência migrante em função da densidade da experiência e das emoções, o seu discurso e pensamento se degradam no avançar da narrativa, refletindo um vai e vem de tempos, espaços e personagens.

A forma como cada participante representa a si própria é muito distinta, elas aparentam estar sempre desencontradas, pois fixam diferentes vivências – a mãe se recorda do ex-namorado da filha, enquanto a filha nem cita o rapaz. Os esquemas mentais da Carla - espaço e temporalidade - aparentam confusos, ela manifesta uma incapacidade na atribuição de qualidades específicas à cada personagem, que suscitam confusão dos gêneros e dos papéis. O reconhecimento de si está associado aos seus bens materiais e ao trabalho, enquanto brasileira ou portuguesa, que permitem a satisfação do seu desejo. Inserida numa cultura diferente da sua, a Carla se caracteriza enquanto subjetividade servil – sua brasilidade era objeto de agrado dos outros, mas esta constatação rapidamente

desaparece quando ela reconhece a imagem de si nos outros que a rodeiam – enquanto brasileira e portuguesa, revelando a incapacidade de compreender a sua singularidade.

A representação que a Cecília faz de si está sempre associada a outras figuras que ela tem alguma relação – sua mãe, sua avó e suas amigas, mas apesar disto, ela assinala uma clara diferença entre o “eu” e o “outro”, ainda que as suas referências identitárias sejam confusas. As personagens assumem qualidades e características próprias, que se degradam com o avançar da narrativa. Ela se descreve como “pequena” numa representação que confunde referências temporais (primeira comunhão e crisma), o corte brusco na referência temporal pode indicar um movimento por influência da memória em função do desamparo, na tentativa de resgatar aquele período de sua vida (nomeadamente os 9 anos), altura que a sua mãe se mudou para Portugal. Para Carignato (2005), uma das mais importantes implicações que acomete o psiquismo do sujeito em condição migrante é o sentimento de desamparo, provocado pela rutura de laços afetivos, sociais e culturais que dão contorno à sua existência. Percebemos que a sua história vai se repetindo a partir deste momento numa tentativa de reeditar esta vivência, como um pássaro que é expulso do seu abrigo sobrevoa a vida em busca do ninho perdido, que apesar de espinhento, fornecia abrigo e alimento.

Assim como na representação de si, a forma como elas representam o outro é divergente. As relações da Carla são indiferenciadas quanto ao seu caráter e a forma de se relacionar – familiares, amorosas, profissionais e sexuais, refletindo na dificuldade em apreender atributos singulares de outros, bem como na pobreza de afetos e de vínculos. A Carla tenta localizar a sua subjetividade entre os maltratados e maltratantes, e na ausência de atributos nos outros dos quais ela se identifique, verificamos que ela se posiciona nas relações consoante uma condição de espelhamento.

Por outro lado, a Cecília aparenta uma forma de se relacionar que tem em conta a diferenciação entre si e o outro, muito embora as personagens se sobreponham frequentemente. É importante salientar que a Cecília se mudou para Portugal ainda adolescente, um período repleto de processos fundamentais na maturação do sujeito, pois como Marques (1999) observa, este período representa “um *novo espaço e tempo de organização, como uma ponte que liga, recriando, o infantil ao adulto*” (p. 265). Assim, a sobreposição das personagens parece corresponder a um processo inerente do seu adolescer. O tema da alimentação é recorrente na sua narrativa, há uma tendência ao grandioso e ao magnífico, que desencadeia na incorporação das referências que lhe fizeram face – sociais e espaciais.

As representações filiativas e de família são igualmente distintas. As representações da Carla lá no Brasil surgem enquanto uma amálgama de mortos e acidentados, os seus entes queridos surgem enquanto ameaça de perda persistentemente. Como não há apropriação da linhagem familiar – materna ou paterna, pode-se pensar que houve um rompimento. Esta desorganização reflete cá em Portugal na representação de uma família afetivamente fria – a relação com a filha suscita confusão de papéis e a perda. Moro (2014) afirma que os conflitos contemporâneos, mais especificamente no trauma migratório, podem ainda se manifestar na árvore da vida, o que nos leva a pensar que a vivência migratória de Carla impossibilita apreender adequadamente a sua linhagem familiar, dado que herança do legado migratório no seio da família materna não é transmitido por meio de narrativas biográficas.

Contrariamente a sua mãe, a Cecília acede à uma organização familiar estruturada, cujos vínculos são permeados por afetos suficientemente distintos. Ela revela um distanciamento afetivo da sua família no Brasil e da sua mãe em Portugal, demonstrando ainda a identificação com a linhagem materna, ao ponto de investir na continuidade deste legado familiar pela relação com seu afilhado. Consequentemente, o vínculo com a sua avó materna é permeado de grande afetuosidade e tolerância, transmitindo a imagem de uma matriarca - ambas são brasileiras e portuguesas. Na família paterna, os afetos surgem no sentido de ameaça à alteridade – o horror do Hitler e do Bolsonaro no seio de uma família diversa e efervescente, pelo que a Cecília investe na relação com o seu pai, que detém uma imagem opressora, a partir de uma distância sentida como segura. Ao colocar em evidência figuras doutrinadoras, na qual a filiação materna ocorre pela identificação brasileira e portuguesa, a Cecília demonstra se apropriar da linhagem familiar.

Cabe destacar ainda que a Cecília coloca ênfase na relação com a família de sua amiga cá em Portugal - descrita como referência de abundância, governo, acolhimento e proteção, manifestando um desejo de ser adotada por eles. A Cecília consegue estabelecer alguma diferenciação entre si e esta referência idealizada de família, e perante uma ameaça identitária – seus 18 anos, ela eterniza em sua pele o fruto desta relação, que simboliza ela própria - Brasil e Portugal. À luz do que foi exposto acima, podemos verificar que, ainda que a representação de família se expresse de formas distintas entre mãe e filha, elas convergem no desejo de serem adotadas por famílias portuguesas, estabelecendo modos de se relacionar distintos com estas famílias ilegítimas. A Carla se apropria das famílias que ela considera magnífica – assim como ela própria - como forma de combater a ameaça de perda dos seus familiares no Brasil. A Cecília considera a

família de sua amiga como modelo de tudo que ela almeja, um modo de relação fantasiosa no qual o sujeito “introduz a sua própria pessoa (*his self*) totalmente ou em parte no interior do objeto, para o lesar, para o possuir ou para o controlar (Laplanche & Pontalis, 2001, p. 232)”. Esta diferença no caráter do desejo perante ao outro provoca desdobramentos na forma como elas descrevem as suas vivências enquanto (des)subjetividade(s) em Portugal, que são apreendidas de formas distintas.

Inicialmente, a Carla refere uma vivência migrante magnífica, mas observamos a descontinuidade desta experiência quando a Carla manifesta um desligamento de lá – não se recorda do custo afetivo da mudança, e uma frieza de cá – de afetos, de vínculos, de Portugal e dos portugueses, que ela combate com vestimentas extravagantes. Quando a Carla fala em preço alto a ser pago, ela pode estar a indicar que o distanciamento afetivo do Brasil permite que ela inscreva a sua subjetividade migrante numa vivência de suposta normalidade, por meio dos recursos e da relação com o seu patrão. Segundo Devereux (1966), as experiências precoces implicam no sujeito a experiência de reconhecer os outros não como partes, mas de forma integral, não de forma impessoal, mas como indivíduos altamente individualizados, adquirindo uma coerência temporal e espacial do mundo e da realidade externa de forma de se constituírem integralmente. Como a Carla expressa uma descontinuidade entre as suas vivências lá no Brasil e cá em Portugal ao nível temporal e espacial, para além de inscrever a sua subjetividade enquanto maltratada e maltratante, podemos considerar a sua desintegração identitária.

A Cecília enquadra os primórdios da sua vivência migrante num registro de sobreposição - ora foi fácil, ora difícil; ora gostou, ora desgostou; mas que expressam um alheamento. Ela se mudou para Portugal durante a adolescência, período em que o sujeito se encontra em processo de maturação psicossocial, não obstante, constata-se nas duas narrativas uma situação de desamparo na história da Cecília. Rosa e colaboradores (2009) indicam, à luz da clínica do traumático, que perante uma infância marcada pela carência e separação, o indivíduo poderá sentir com mais intensidade a angústia e o desamparo, e nestes casos, as autoras argumentam que a experiência migratória assume um contorno traumático. Como verificamos, é provável que ela tenha enfrentado uma condição de desamparo na partida da sua mãe para Portugal. Ao se somar o sentimento de alteridade própria da vivência migrante, e ainda se encontrando sem recursos para integrar esta nova experiência, acredita-se que ela se distanciou da realidade de modo a se ajustar perante esta nova experiência.

Em síntese conclusiva, verifica-se que a integração identitária da mãe e da filha se expressam de formas distintas. Perante um discurso que assinala fortes contradições, é possível considerar que a subjetividade da Carla é frágil, há uma exacerbação na indiferenciação entre o eu e o outro, que se constata pela confusão das referências identitárias e das relações objetais, compreendendo a si própria enquanto subjetividade servil. A experiência migratória exige do sujeito a necessidade de se transformar – pela elaboração das perdas, das heranças, da ancestralidade e dos rituais próprios da sua singularidade, e perante esta incapacidade de transformação, Pastori (2006) refere que o sujeito experimenta a perda do seu lugar subjetivo, expressa na condição de uma ameaça à existência, ao que justifica a angústia na dimensão de uma catástrofe. Para Laplanche & Pontalis (2009), a clivagem do eu corresponde na “coexistência, no seio do ego, de duas atitudes psíquicas para com a realidade exterior quando esta contraria uma energia pulsional” (p. 65), dimensões em que operam forças opostas. Como verificamos na história da Carla, ela descreve uma experiência de profundo desassossego ao se deparar com os mortos e acidentados do Brasil enquanto atravessa da margem norte para sul. Em face ao que exposto, é possível inferir a desintegração identitária da Carla.

A Cecília descortina questionamentos identitários como “quem sou eu”, “o que procuro”, “onde habito” e “adaptei-me bem, mas quem sou eu?”, colocando ênfase na diversidade como fator que a distingue dos outros. O povo brasileiro é muito diverso, e perante a questão de *ser* brasileira ou portuguesa, ela se confrontou com a diversidade brasileira, permitindo solucionar este conflito. Na sua narrativa, observa-se uma tendência à sobreposição de personagens, acontecimentos e referências identitárias – na sua viagem ao Brasil e na mudança para a Holanda, que apesar de repentinas, foram minimamente planejadas. A sua narrativa apresenta um texto e muitos subtextos, uma representação pode ter significados distintos, coexistindo consoante ao lugar que se está. Podemos pensar que esta tendência à sobreposição/coexistência pode representar um modo de funcionamento mental no qual a Cecília apreende a si e ao Outro consoante as suas características e funções, que não caracteriza ambivalência ou conflito. Segundo Marques (1999), esta modalidade de apreender a sua subjetividade perante um outro pode sublinhar uma característica própria da adolescência, que “são determinadas e determinam o olhar de ambos, numa circularidade que se pode enriquecer até ao infinito das probabilidades” (p. 261). Em face ao exposto, parece pertinente considerar que a identidade da Cecília está em transformação.

Apesar da expressão identitária distinta, ambas sublinham um forte afeto aos aspetos brasileiros, que se manifestam de formas distintas enquanto lugar subjetivo. A Carla aparenta inscrever a sua subjetividade no imediato e de forma desarticulada, transmitindo um profundo desassossego. A sua vivência migrante transmite a ideia de uma torre de marfim permeada de janelas que a protege, mas ao espreitar de vez em quando, ocorre um sobressalto com histórias horríveis, desgraças, acidentes e a sua filha maltratada. Pastori (2009) reflete que a ausência de um lugar para o sujeito inscrever a sua subjetividade coloca em causa a sua existência. A Carla demonstra uma incongruência na descrição da sua vivência migratória enquanto ilusão, perda e servidão, mas ao fim da narrativa, afirma estar bem feliz. A autora sugere que a transmissão da herança só se concretizada por meio da elaboração, e ao se inscrever como subjetividade servil ausente de legado familiar, é possível considerar numa vivência (des)subjetivada, localizada algures entre maltratantes e maltratados.

A Cecília aparenta estar em busca de algo, constatamos um processo de desejo e demanda, tanto que na atualidade ela faz uma nova imigração para a Holanda. Na sua narrativa, a sua pátria é representada como ameaçadora provocando o rompimento abrupto das suas relações, mas apesar disto, ela deseja investir nesta relação, que só poderá ser concretizada quando a Cecília puder ser verdadeiramente vista, retornando para um lugar onde há luz – Lisboa. As referências portuguesas são sempre pautadas pela experiência da oralidade – terra fértil e abundante, contudo, em meio ao turbilhão do seu adolescer, a sua mátria passou a representar perigo, que reflete a desestabilização do seu estado interno daquela altura. Assim, ela se mobiliza rumo à Bahia, que é a fusão do Brasil e Portugal, e consegue se reencontrar em meio a diversidade cultural, mas perante o constrangimento, retorna para Lisboa. A sua pátria Brasil representa a raiz dos seus dissabores, sendo resgatada pela sua mátria Portugal, uma terra prometida capaz de devolver a grandiosidade da sua pequenina subjetividade, mas ao cair em Salvador, ela foi capaz de integrar ambas as pátrias numa identidade pautada pela fraternidade.

Assim, verificamos que ela mobiliza a sua subjetividade de forma circular à procura de um lugar - vai pra Salvador e na sequência para Joinville, por fim termina em Lisboa para viver em Sintra, refletindo uma dificuldade em assimilar as suas vivências psiquicamente. Perante uma demanda que por nós é desconhecida, observamos um novo movimento da Cecília na construção de um novo capítulo na Holanda, ao que Rosa e colaboradores (2009) definem num carácter condenatório de errância, uma condição imposta pelo outro que leva o sujeito a vagar sem pouso. Independente do desfecho,

sabemos que a sua bagagem contém os meandros e as vicissitudes do fenómeno migratório, sendo amparada pelas suas raízes fincadas no seio da fraternidade Brasil-Portugal, no qual coexistem uma dupla subjetividade.

## 6. CONCLUSÃO

O mundo interno do sujeito é constituído pelas suas relações com o mundo externo, no qual as condições históricas, sociais, económicas e culturais têm importantes implicações. Carignato (2005) defende que no fenómeno migratório, tais implicações psicológicas acarretam desdobramentos importantes, o que obriga os profissionais de saúde mental adequarem as suas práticas consoante a condição que o sujeito se inscreve. As incidências psíquicas do sujeito migrante são assim melhor compreendidas pela dinâmica inconsciente de um sujeito social, acarretando profundas marcas na sua subjetividade

O presente estudo buscou explorar as implicações identitárias de brasileiros em Portugal, pois sendo o Brasil e Portugal frátrias com raízes profundamente entrelaçadas, buscou-se compreender em que medida a inscrição subjetiva no país de origem e/ou de acolhimento contribuem numa vivência migrante suficientemente integrada e continuada. Os deslocamentos humanos vão muito além do plano geográfico, elas representam sobretudo uma transformação no modo como as identificações se estabelecem (Pastori, 2006). Assim, lançamos um (duplo) olhar na compreensão do sujeito enquanto perpetuador de um legado familiar, através da análise das narrativas de uma díade mãe-filha com cidadania luso-brasileira, que apesar de terem nascido no Brasil, possuem ancestralidade e nacionalidade portuguesa.

A síntese apresentada no capítulo anterior “Conclusão” foi construída à luz do paradigma etnopsicanalítico, que analisa os fenómenos humanos a partir de uma dupla vertente teórica – psicanalítica e antropológica, favorecendo uma compreensão *complementar e descentrada*, no qual a primazia é colocada no sofrimento subjetivo ao invés da sua perturbação. Muito embora as conclusões identitárias tenham sido fortemente amparadas por fundamentos psicanalíticos, importa referir que o sofrimento psíquico do sujeito migrante é considerado a partir da sua *vulnerabilidade específica*, que despoletam no sujeito uma propensão ao *conflito* ou então à *perturbação*, acometendo a sua *identidade psicológica*.

Dos resultados encontrados, é possível concluir que a integração identitária da mãe e da filha se expressam de maneiras distintas, o que reflete nas narrativas em vivências desencontradas. A mãe apresenta uma descontinuidade entre as vivências pré e pós migração, que se verifica pela incongruência e desconexão do seu discurso entre Brasil e Portugal, enquadrando as referências em termos polarizados. Da análise dos grandes temas, foi verificado que a representação de si e do outro reflete uma desintegração, desencadeando um modo de se relacionar arcaico pautado pela identificação, introjeção e projeção de objetos caracterizados como “bons” e “maus”. Parece haver um rompimento da linhagem familiar, pois ela não apreende em seu discurso a história das gerações precedentes, o que culmina na apropriação de famílias ilegítimas cá em Portugal. Considera-se que a dissociação das referências em extremos polarizados caracteriza o mecanismo defensivo utilizado pela Carla aquando da sua imigração, de modo a combater o sentimento de perda daquilo que ficou no Brasil e alcançar uma pretensa integração em Portugal. Como foi argumentado, este recurso impossibilita o sujeito de elaborar o luto, fundamental na integração das referências identitárias pré e pós migração, movimento que assinala o rompimento daquilo que era familiar e impõe o ajustamento ao que é novo. Assim, é possível concluir que a Carla, muito embora afirme uma suposta “felicidade” em Portugal, não possui um lugar específico – no Brasil e em Portugal – para se inscrever enquanto *ser*, refletindo numa vivência ameaçadora na qual a sua (des)subjetividade servil é caracterizada como maldita.

A Cecília manifesta de forma abundante a sobreposição de acontecimentos e referências – identitárias, temporais e espaciais, o que nos leva a considerar que a Cecília possui um duplo quadro de referências identitárias. Ainda que esta forma de apreender o mundo suscite uma descontinuidade ou desintegração, observamos que ela representa a si e aos outros de forma circunscrita e suficientemente diferenciada, assinalando uma expressiva divergência da forma como a mãe representa a si própria e os outros. Assim, a Cecília se posiciona nas relações de forma a espelhar nos outros os atributos que ela idealiza para si própria, como no caso da família portuguesa, que lhe conduz ao autogoverno em Portugal. A tendência à sobreposição pode revelar que a sua identidade está em transformação, uma vez que a sua mudança para Portugal incidiu na sua adolescência, período de maturação psíquica do sujeito. É importante salientar as evidências ao contorno traumático que a sua vivência migrante assumiu em função do desamparo sentido na infância, bem como na decisão do movimento involuntário para Portugal, o que destituiu a Cecília de oportunidades para elaborar a experiência pré e pós

migração. Ainda assim, ela é capaz de apreender a linhagem familiar, investindo na continuidade no legado materno, pelo que as referências subjetivas conjugam elementos brasileiros e portugueses pautados pela diversidade. Em face ao exposto, conclui-se que a Cecília está à procura de um lugar para inscrever e fixar a sua subjetividade, que se manifesta na sua narrativa numa vivência circular.

Estas conclusões nos permitem validar a pertinência e a importância da investigação com indivíduos e famílias imigrantes, que frequentemente esgotam os seus recursos psíquicos na tentativa de elaborar o desejo e demanda que mobilizaram o deslocamento, refletindo em vivências descontinuadas, sofrimento, conflitos e distúrbios psíquicos. Como foi possível constatar na vivência da Carla e da Cecília, muito embora ambas expressem afetuosidade pelo Brasil – positivos e negativos, há um rompimento entre o lá e o cá, resultando em implicações psíquicas e subjetivas. Em consequência, a (des)subjectivização do imigrante impede que ele assimile e integre as suas experiências de modo a estabelecer um intercâmbio capaz de expandir horizontes entre aqueles que chegam e recebem, pelo que o dispositivo clínico culturalmente sensível se revela um importante recurso de intervenção político e social no acolhimento do desamparo, favorecendo a elaboração das vivências culturais e subjetivas. Com as crianças e adolescentes, é fundamental promover a maturação e o sentimento de identidade em conjunto com os pais, facilitando assim a consolidação de um aparelho psíquico mais organizado, tendo em conta o que foi herdado na via (a)filiativa bem como o novo sistema de referências culturais que acompanham o movimento migratório.

Existem poucos estudos na temática identitária de brasileiros a viver em Portugal, sobretudo enquadrados em famílias, no qual o fenómeno migratório se revela particularmente desafiador na constituição identitária - os impasses, desejos e demandas de uns incidem sobre os outros. Tendo em conta o contexto histórico-social entre Brasil e Portugal, bem como os resultados encontrados no presente estudo, conclui-se que a pertinência de se conduzirem futuros estudos com esta população, oferecendo um importante contributo no que refere a saúde mental das famílias imigrantes e luso-brasileiras a viver em terras lusitanas.

Na condição de estudante-investigadora, o presente estudo se confrontou com alguns impasses que se tornam necessários clarificar. A recolha de dados no método proposto, ainda que paradigmaticamente inovador, se revelou desafiador, dado que a investigadora e as participantes estavam inseridas numa lógica de entrevista estruturada. Com isto, no presente estudo investiu-se na condução de entrevistas-piloto, na

disponibilidade para escuta, no aprofundamento teórico da temática escolhida, no estudo e comparação de casos, na reflexão das relações familiares, na interpretação subjetiva e simbólica das narrativas, na compreensão das vicissitudes do sujeito migrante e dos processos identitários. O domínio nestas vertentes da investigação permitiu que a informação fosse organizada consoante aos temas emergentes, sendo posteriormente entrelaçada com o enquadramento teórico.

Como sugestão de estudos futuros, sugere-se a investigação da dinâmica geracional no seio da família, elucidando os processos de transmissão de conteúdos inconscientes patológicos entre gerações, que perpetuam o(s) sujeito(s) na repetição dos conflitos, dos desejos e dos traumas. Também parece apropriado estender a investigação ao contexto clínico, de modo a compreender as adaptações e reajustes psicológicos nos diferentes eixos familiares – a conjugalidade, a parentalidade, o impacto na infância e na adolescência. Conclui-se ser de extrema importância a proposta de uma investigação que se atente a vulnerabilidade psíquica dos pais em condição migrante, uma vez que as crianças e os adolescentes estão em processo de maturação, sendo fundamental que eles estejam fortalecidos e suficientemente integrados (psiquicamente e socialmente), de modo a prevenir fragilidades na geração descendente.

Mobilizada por questionamentos e reflexões imensuráveis, a presente investigação me permitiu extrapolar as indagações mais precoces da minha existência para o campo científico, do qual acredito ter contribuído com uma visão ímpar. Atrélendo a minha vivência pessoal e amparada por um robusto aparato teórico e metodológico, busquei compreender o sujeito acometido por problemáticas contemporâneas. Na elaboração e condução do presente estudo, a motivação pessoal pelo cuidado à família foi o ponto de partida de uma longa jornada na produção do saber, do qual a ausência de literatura psicanalítica na população brasileira e/ou famílias migrantes foi o grande combustível ao longo de todo o processo. Sendo um sujeito errante e na condução de investigadora-estudante, é natural que as limitações se apresentassem, que foram devidamente justificadas, propondo sugestões de trabalhos futuros. Para já, alegro-me de ter contribuído na produção do conhecimento científico acerca da saúde mental de comunidades migrantes, como o objeto de estudo da presente investigação - famílias compostas por mulheres brasileiras residentes em Portugal, que enquanto imigrantes, se enquadram em maior *vulnerabilidade específica*. Assim, concluo na confiança de que a fraternidade brasileira e portuguesa perpetua naquelas subjetividades que tem estas nações enquanto pátria-mátria, entrelaçadas no seio de um eterno legado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barros, M. L. De & Bairrão, J. F. M. H. (2010). Etnopsicanálise: embasamento crítico sobre teoria e prática terapêutica. *Revista da SPAGESP*, 11(1), 45-54. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1677-29702010000100006&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-29702010000100006&lng=pt&tlng=pt).
- Camargo, S. A. & Ferreira, N. P. (2020). O estranho na obra de Sigmund Freud e no ensino de Jacques Lacan. *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, 12(1), 81-94. <https://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2020v1p.81>
- Carignato, T. T. (2005). A simbolização das experiências de migração. *TRAVESSIA - Revista Do Migrante*, (53), 11–15. <https://doi.org/10.48213/travessia.i53.694>
- Dantas, S., Ueno, L., Leifert, G., & Suguiura, M. (2010). Identidade, migração e suas dimensões psicossociais. *Rev. Inter. Mob. Hum.*, 34, 45-60. Recuperado em 21 Abril 2022, de <https://www.redalyc.org/pdf/4070/407042011004.pdf>.
- Devereux, G. (1966). Loss of identity, impairment of relationships, reading disability. *The Psychoanalytic Quarterly*, 35(1), 18–39. <https://doi.org/10.1080/21674086.1966.11926371>
- Devereux, G. (1981). A Etnopsiquiatria. *Análise Psicológica*, 4 (1): 521-525. URI: <http://hdl.handle.net/10400.12/5619>
- Fernandes, D.; Peixoto, J. & Oltramani, A. (2021). A quarta onda da imigração brasileira em Portugal: uma história breve. *Revista latino-americana de Población*, 15(29), 34-63. <http://doi.org/10.31406/relap2021.v15.i2.n29.2>

Gomes, M. (2013). O Imaginário Social <Mulher Brasileira> em Portugal: Uma Análise da Construção de Saberes, das Relações de Poder e dos Modos de Subjetivação. *Revista De Ciências Sociais*, vol. 56(4), 867-900. <https://doi.org/https://doi.org/10.1590/S0011-52582013000400005>

Hollway, Wendy and Jefferson, Tony (2000). The free association narrative interview method. In: Given, Lisa M. ed. *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods*. California: Sage, pp. 296–315.

Junior, M. S. & Neto, G. (2020). Que país é este? Um estudo psicanalítico sobre o corpo social e a identidade brasileira. *Brazilian Journal of Development*, (v. 6), 5, 27893-27911. 10.34117/bjdv6n5-294

Gil, A., 2002. Como elaborar projetos de pesquisa. (4ª ed). São Paulo: Editora Atlas.

Grinberg, L., & Grinberg, R. (1996). *Migração e exílio* (1ª ed.). Climepsi Editores.

Kaës, R. (2003). O intermediário na abordagem psicanalítica da cultura. *Psicologia USP*, 14(3), 15-33. <https://www.scielo.br/j/pusp/a/XJsDxKLLsjCgYXvh6dC8GPM/?lang=pt>

Laplanche, J., Pontalis, J., & Tamen, P. (2001). *Vocabulário da Psicanálise*. Martins Fontes.

Marques, M. E. (1999). A psicologia clínica e o rorschach. Lisboa: Climepsi

Nour, S. (2018). Identidade: de Freud às teorias contemporâneas do reconhecimento. In *Ética: Indagações e Horizontes*. Imprensa da Universidade de Coimbra.

Moro, M. R. (2014) Parenthood in migration: how to face vulnerability. *Cult Med Psychiatry*. Mar;38(1):13-27. doi: 10.1007/s11013-014-9358-y. PMID: 24449205.

Moro, M. R. (2015) “Psicoterapia Transcultural da Migração,” *Psicologia USP*, 26(2), pp. 186–192. <https://doi.org/10.1590/0103-6564d20140017>.

Observatório das Migrações (2021). *Indicadores de integração de imigrantes: relatório estatístico anual*. Lisboa: Alto Comissariado para as Migrações.

Ortiz, R. (1988) *Cultura brasileira e identidade nacional (2ªed)*. São Paulo: Editora Brasiliense S.A.

Padilla, B. (2007). A imigrante brasileira em Portugal: Considerando o gênero na análise. in *Imigração brasileira em Portugal*. (1ª ed.). Lisboa: Observatório da Imigração, pp. 113–134.

Pastori, S. S. (2006). Mudança de lugar/lugar de mudança: Impasses psíquicos no processo migratório (Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo). Recuperado de [http://www.bc.ufpa.br/Portal/...2006/PASTORI\\_Suzana.htm](http://www.bc.ufpa.br/Portal/...2006/PASTORI_Suzana.htm)

Phinney, J. S. (1990). Ethnic identity in adolescents and adults: Review of research. *Psychological Bulletin*, 108(3), 499–514. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.108.3.499>

Rosa, M. D., Berta, S. L., Carignato, T. T., & Alencar, S. (2009.). A condição errante do desejo: os imigrantes, migrantes, refugiados e a prática psicanalítica clínico-política. *Revista Latinoamericana De Psicopatologia Fundamental*, 12(3), 497–511.

Rouchy, J. C. (1995). Identification and Groups of Belonging. *Group Analysis*, 28(2), 129–141. <https://doi.org/10.1177/0533316495282003>

Vasconcelos, A. T. N. & Lima, M. C. P. (2015). Considerações psicanalíticas sobre a herança psíquica: uma revisão de literatura. *Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)*, 37(32),83-103.

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-62952015000100005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952015000100005&lng=pt&tlng=pt).

Yin, R. K. (2015). *Estudo de caso: planejamento e métodos (5ª ed.)*. Porto Alegre: Bookman.

Wonsoski, W., & Domingues, E. (2021). Georges Devereux: Um Psicanalista Freudiano?. *Revista Subjetividades*, 21(2).  
<https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v21i2.e10957>

## **ANEXOS**

## Anexo A: Transcrição da entrevista da Carla

**Carla, 51 anos, nasceu no Brasil e tem nacionalidade luso-brasileira.**

**Entrevistadora:** Bom Carla, poderia me contar a sua história de imigrante?

**Carla:** Posso. Tudo começou com uma bela conversa com a minha irmã e umas amigas da minha irmã no Brasil, daí elas estavam a vir e eu do nada "não, vou também", hum... Ficou um bocado meio difícil pra mim porque a filha era muito pequena, e deixar a minha filha pra trás, deixar, eu tinha uma vida maravilhosa lá, né, meu apartamento, a minha família, e isso custou-me um bocado, mas eu disse "não, mas eu vou pra conhecer e vou, vou passear, se eu gostar logo se vê", e assim foi. Aí preparei, comprei o bilhete e tudo, vim com muito dinheiro, vim mesmo bem preparada na altura, hum... na altura era escudo, não é, o dinheiro era escudo ainda, é, eu vim com 10 mil dólar, 5 mil em *travel check*, e na altura já não me recordo bem quantos... quantos... é... como que fala o nome da moeda na altura, que eu acabei de dizer...

**E:** O escudo?

**C:** O escudo, não me lembro quanto escudo na altura eu trouxe, mas trouxe muito dinheiro, vim bem preparada. E fui, vim com duas amigas da minha irmã que eu não conhecia de lado nenhum e fui viver na Pontinha quando cheguei cá, quando cheguei cá... Hã... Um frio, um frio, um frio, uma coisa louca, fui direto pro Colombo na altura, era o único *shopping* né, perto da onde eu estava. No mesmo dia comprei edredom, o meu primeiro foi congelado que não tinha gás, passei um frio, um frio, um frio horrível mesmo, mas enfim. Passado um mês que tava cá já arrumei um trabalho num café, no café Vinagre, é... Fui pra lá, gostei tanto, falei "não, não preciso desse dinheiro todo comigo, fui no Banco do Brasil, abri uma conta, pus o meu pai né, como meu tutor, e mandei o

dinheiro, hã, pus o dinheiro no banco, enfim, e falei "vou viver, vou fazer... vou fazer por onde e vou viver com o que eu ganhar", e assim foi. E assim foi, fiquei lá hã... acho que uns dois anos ou três, não me recordo muito bem agora como já se passou tantos anos, hã... Eles quando abriu a legalização, foram eles que me legalizaram, porque o, a família Vinagre não é, os donos do café, tem dois filhos homem e me adotaram praticamente a filha mulher, então eu ia pra tudo quanto é lado com eles, eu fazia muita companhia a dona Luiza, e foram eles que me legalizaram, e desde aí a minha vida andou, desde aí a minha vida andou. Também não foi mal, não posso me queixar, não posso me queixar, hã... Aí conheci uma pessoa, na noite né, o João Limeira, que, com quem eu vivi dez anos, vivi dez anos, hã... Foi bom também, foi bom, mas infelizmente não deu certo, hã... E depois passado quatro anos que, que eu já estava cá, quatro? Quatro ou cinco anos, já não me recordo bem, decidi ir buscar a minha filha, que eu não aguentava mais, não aguentava mais, aí fui buscá-la, fui buscá-la, e preparei as coisas, eu já tinha uma vida completamente estável pra poder suportá-la não é, uma casa, eu passado um ano que tava cá eu já comprei um carro, foi, foi mesmo... Aí a minha vida começou a andar, desde que peguei a legalização, a residência na altura minha vida andou. E assim foi.

**E:** E o que mais aconteceu na sua vida de imigrante desde a sua legalização?

**C:** Aconteceu muita coisa, desde o primeiro momento que eu peguei a... a... a residência, é foi tudo... tudo que era pra renovar na altura já... em termos de trabalho essas coisas, todos os trabalhos que passei é... não foram muitos e foram poucos e duradouros, muitos anos, e sai porque quis, porque arrumei coisas melhores pra ganhar mais, não é, hã... Foi... Nada foi fácil, nada foi fácil, não é, pra, pra conseguir pegar o outro, a, o outro visto, opá, sempre foi *fff* como é pra todos não é, uma complicação, pede papel, aquelas coisas, mas eu como sempre tive tudo legal, sempre fui tudo mesmo certinha, e sou, e sou, gosto mesmo das coisas tudo preto no branco, como costuma dizer, hã... Enfim. Hã... Foi... é assim (*risos*).

**E:** Mas conseguiria descrever com mais detalhes de como foi a sua vida depois desse processo de legalização?

**C:** Foi... foi um bocado... É assim, eu tive mais conhecimento, tive mais conhecimento e descobri os meus direito, de imigrante não é, que nem todo mundo dá o valor, nem todo mundo é, é aberto a falar das coisas é, tem um bocado de, de, como é que eu posso dizer... é... são frios, né, são frios, e depois com isso tudo, muitas conversas, muitas coisas "não, mas eu sou portuguesa, já sou portuguesa, eu vivo aqui, eu pago os meus impostos né, é, nesse sentido, opá, eu acho que, não foi mal, não foi mal. No início enfrentei algumas dificuldades, algumas, algumas coisas, mas como foi logo no começo, não havia tantos imigrantes brasileiro, então era bem visto até, era bem visto. Adoravam a língua, quando você abria a boca pra falar "ah, é brasileira... ah, eu vejo a novela brasileira... ah, a Gabriela... aí aquela novela, a Tieta... é...", era sempre, era, era, era mesmo sempre citado a novela brasileira, e por ser brasileira como não havia tantos, portanto na altura, hã, ficavam encantado né, com a língua, com, com o sotaque, com as, a maneira de falar, como era diferente, enfim. Hoje não, não é, por já ter muitos brasileiros cá, é... Mas, hã, é isso (*risos*).

**E:** E qual você acha que é a visão dos portugueses sobre os brasileiros?

**C:** Eu acho que somos visto perante a sociedade, nem todo mundo tem os bons olhos, principalmente nós mulheres, é, por causa de prostituição... era, é... É citado não é "ai, as brasileiras é isso, as brasileira é aquilo", e no fundo não é só as brasileiras mas como todas as raças, como as portuguesas, como as angolanas, africanas, enfim, todas as raças. É... vejo de uma maneira mais aberta agora, agora, porque também aconteceu já muitas coisas realmente, muitas ficaram, ficaram mal vistas né, perante, perante a sociedade, porque também realmente se prostituía não é, hã... Não, não... Não posso dizer, não posso dizer que era bonito, que não é, não é, eu não tenho vergonha nenhuma em falar, eu fui trabalhar, fui, fui na casa de famílias, e trabalhei honestamente pra criar a minha filha e dar o estudo, e como vê a minha filha se formou, a minha filha é formada não é, é... Trabalho é digno pra todos, pra todos, não importa o que faça. E... perante isso eu acho que as coisas mudou, as coisas mudou, hoje tá mais fácil né, tá mais fácil pra... Até fico emocionada... (*longo silêncio, participante tenta conter as lágrimas, em vão*).

**E:** Pode se expressar abertamente, tá bem?

C: Desculpa (*silêncio*). Na altura eu sofri, eu sofri porque... é... tá longe de tudo, tá vivendo num país... Tá bem que a língua é, é a mesma do, né, é a mesma, mas é... É difícil, é difícil pra uma pessoa... Mas eu venci, o mais importante é que eu venci. Tenho a minha casa né, tenho o meu esposo, tenho a minha filha, que é uma rica filha, isso é muito bom (*fala com a voz emocionada*), é muito bom. Ela é.

E: E para além da sua casa, do seu esposo e da sua filha, quais foram outras vitórias importantes cá em Portugal?

C: Importante? É... Os amigos que fiz, a... a minha filha ter se formado cá, o meu trabalho, o meu trabalho, que é super, super, super se... secreto, muitas coisas mesmo que eu não posso falar com quem eu trabalho que são pessoas é, super importantes em Portugal, não é. Fui, fui durante três anos secretária de um general Angolano, também cá em Portugal, que também eu tinha uma responsabilidade muito grande, muito grande mesmo, com os estudantes que vinham pra cá, hã, eu que tomava conta de tudo, de tudo, de tudo, hã... E não só, e não só, hã... A minha vida hoje estruturada com o meu marido já há 12 anos junto, meu segundo companheiro cá, hã... Isso tudo pra mim é uma vitória não é, é uma vitória. Que mais, tem tanta coisa, tanta coisa meu Deus, tanta coisa mesmo! Ai... Tem muita coisa mesmo.

E: Pode falar abertamente, o que vier a mente.

C: As minhas maior conquista foi, conquistar a minha casa, o meu espaço, isso não abro, *pff*... não abro mão. É, foi com meu suor (*fala emocionada*)... é... carro... É bem materiais? É! Mas é, pra mim é fundamental pra ir e vim né, do meu trabalho, é, nesse momento é mesmo, é a minha, a minha casa e a minha vida familiar, a minha família cá, a minha filha, o meu esposo, é o meu maior bem.

E: Bom, e sobre a sua família no Brasil, poderia dizer como é a sua relação com eles?

C: É muito boa, é muito boa. Quando posso vou, nesse momento eu não vou... Quando começou a epidemia eu fui, tive no Brasil 48 horas e tive que regressar, é, fui com um amigo meu que é da TAP, foi ele que me ofereceu o bilhete, é... pra ir, ver meus pais, minha família, só que fiquei só 48 horas em terra, mas valeu a pena (*risos*), foi mesmo

muito rápido. E foi uma surpresa pra mim porque a minha família fez... eu fiz anos dia 20 de fevereiro e dia 26 de fevereiro eu embarquei pra ir, e fizeram uma festa surpresa pra mim, por causa dos meus anos, aí fizeram uma festa surpresa, foi a primeira vez e foi maravilhoso, foi mesmo maravilhoso (*se emociona*). Sinto muita falta, meus pais estão velhotes, muitos anos cá (*chora e faz um silêncio*), mas com saúde, eles têm, isso pra mim... Eu falo com eles, eu choro, minha mãe chora, custa muito. Isso é a pior parte de ser imigrante, é a família lógico. Tem um preço, tem, e se eu tô cá é porque eu tô disposta a pagar esse preço não é, é... Poderia voltar? Poderia. Só que eu sou muito honesta e sincera, não me vejo mais no Brasil, não me vejo, acho que não só pelo... os assaltos, a... todo mundo com medo, não andar a vontade na rua, como tive no Rio de Janeiro, eu com meu esposo, andamos muito lá no Brasil, nas férias, é... é um bocado assustador. Como cá andamos tão a vontade, principalmente é... aonde vivo, em Cascais, e... a gente a meia noite, uma da manhã se for o caso nós estamos a caminhar, eu vivo ao pé do mar, não é, a gente estamos a caminhar, a gente sai, eu chego em casa de madrugada sozinha, estaciono o carro, entro, não tem, graças a Deus nunca aconteceu nada. Mas eu acho que a insegurança do Brasil isso é que custa, isso é que custa mais, tenho imensa pena, tenho, de não, não, não tá acompanhando os meus sobrinhos, meus pais envelhecer (*se emociona*), isso é que custa. O que mais custa é mesmo a minha família, é mesmo a minha família, que eu adoro o clima daqui, eu adoro o frio (*risos*), eu gosto, eu acho que andamos elegante no frio, é uma maneira diferente de, de, de andar como no Brasil, de chinelo, de calção, né, não quer dizer que não andamos agora no verão mas é, eu gosto, gosto imenso de viver cá.

**E:** E como é a sua vida cá, com a sua filha?

**C:** É muito boa, não, não... mesmo ela vivendo longe de mim ao mesmo que não vivemos mais na mesma casa junto, mas ‘tamo sempre né, sempre quando podemos, ‘tamo, ‘tamos juntas, com horários diferentes de trabalho, e, e... Mas é, falo todo o dia se for o caso, ligamos, falamos, vamos almoçar, vamos jantar, vamos sair, vamos passear, vamos de férias né, ‘tamo sempre junto, mesmo ela também tendo uma vidinha muito ativa como é jovem, não é, já sabe como é que é, os amigos, vai, vai pra noite, vai pra aqui, vai pra ali, ela também gosta imenso de viajar, gosta muito, ela anda pra... quando pode, pra tudo quanto é lado, é... Até agora, acabei de receber uma notícia dela (*começa a chorar*), foi mesmo antes de você chegar, ela vai embora... (*chora intensamente, seguido de um*

*silêncio*). Eu só tenho ela cá, ela acabou de dizer "mãe, comprei já o bilhete pra ir embora", e isso tá me custando. Mas é pra felicidade dela, se é pro melhor, e vai ser, se Deus quiser vai ser, é filha mulher, mesmo se fosse homem, mas eu fico com medo dela ir lá pra fora, se fica doente quem é que vai cuidar, quem, eu tô aqui, eu, eu que apoio em tudo. A minha preocupação é ela, é ela né, eu... eu tenho medo, mas também confio nela, porque ela é cabeça, ela é muito inteligente e muito esperta, ela, ela... não desilude (*faz uma pausa para se recompor do choro*). E ela acabou mesmo de me dar essa notícia antes de você entrar, confesso que ainda não digeri. Mesmo não estando vivendo na mesma casa, mas... hã, é, tá aqui, eu quero ver eu venho, dez minutos de Cascais aqui eu ponho aqui em casa, né, ela vai ter comigo. Agora ela vai tá do outro lado, em outro país, já não vai ser assim, né. Tá sendo muito difícil, não imaginava que seria, ela já tinha comentado comigo que tava insatisfeita com o trabalho, né, uma série de coisa, mas eu, eu não esperava já, não imaginava que seria mesmo tão rápido, por isso agora eu vou ter que começar a... a pensar de outra maneira e olha, e tentar dar todo o apoio que ela precisar, ajudar em tudo que ela precisar, mas por outro lado eu tô mesmo tranquila porque eu sei, eu sei a filha que tenho, eu sei a filha que tenho, é, é... Ela já tá cá há muitos anos, já conhece bem como é que é as coisas, a vida de imigrante, já que estamos a falar nisso, já vai imigrar de um lado, já, já veio como imigrante vai pra outro lado como imigrante, ela já sabe como é que são as coisas, e não só, eu confio nela e eu sei que tudo vai dar certo. O apoio é tudo que ela precisa nesse momento, é mesmo tudo isso que ela precisa, porque a minha filha, quando eu vim morar ela ficou com o pai, quando ela ficou com o pai, depois o pai arrumou uma namorada e judiou muito da minha filha, judiou muito da minha filha, que eu até a primeira vez quando fui, quando fui buscá-la ele foi levar a porta e eu, eu, quando eu vi que ela tava lá dentro do carro eu fui pra bater nela, porque ela judiou da minha filha, a minha filha era pequena né, não... Enfim, é... Por isso, eu sempre fui pai e mãe dela aqui e, com meu esforço, com meu trabalho, não deixo de dar como sempre fui e sou, consegui criá-la, ela aos quinze anos já foi trabalhar, sempre também me ajudou em, em, em tudo, ela não depende de mim um centavo, é com o dinheirinho dela, com o trabalho dela, que ela também vive, que eu comprei a casa mas ela que sustenta, ela que sustenta, ela, é, alimentação, a água, a luz, é ela, né, o salário dela, o que ela ganha, é pra ela, eu pago sim, hã, né, a prestação da casa e tudo o resto que for preciso, as coisas eu tô aqui, mas é, é tudo é ela, é tudo é ela (*respira fundo*). Muitas emoções, a cabeça tá aqui a trabalhar e... tudo isso tem, tem um porque, não é. Nós, nós, é... Quando queremos, a gente... Eu sou assim, eu corro atrás, eu não desisto

mesmo, não desisto mesmo, e tudo que eu quis eu conquistei, tudo que eu quis eu conquistei, é... o meu trabalho, os meus amigos, os meus patrões são maravilhosos pra mim, maravilhosos mesmo, essa peça que 'cê tá vendo, ali (*aponta para um vaso*), quando eu comprei essa casa a minha patroa chegou em mim, virou pra mim e disse "Carla, na minha terra diz 'quando uma pessoa compra uma casa a gente oferece uma peça que nós gostamos pra trazer paz, harmonia, felicidade'", e começou a falar, e a minhas lágrimas caía, "eu te ofereço pra te trazer tudo isso na sua casa", e isso é gratificante, é sinal que dão valor a mim, não é (*se emociona*). Passo oito horas dentro daquela casa, eu convivo mais com eles do que com a minha filha e com meu esposo, é muitas horas né, como todo trabalhador fazer as suas 8 horas obrigatórias, não é? E, isso é muito gratificante, saber que, que, que te dão valor, como muitos são sacrificados, como muitos são humilhados, por 'tarem a trabalhar, por 'tar na casa de uma família, não é por você 'tar a lavar e a passar, e, e, limpar a sanita, hã, que não é um trabalho digno como outro qualquer. Desculpa, é mais digno ainda porque você tá ali dentro de uma vida, dentro de uma casa pessoal, de uma pessoa, não é? Eu criei dois (*se emociona*), dois homem que já é hoje o Antunes, a família Antunes com quem eu trabalhei, o Pedro e o Gonçalo, que cada vez que me encontra na rua, meu Deus do céu, pula no meu pescoço, me beija, e falam comigo, somos muito muito amigos, mesmo, que, que, me deve tudo. O Francisco veio falar comigo sobre sexo, a primeira camisinha do Francisco quem deu fui eu, eu, eu, eu que criava eles, os pais 'tavam sempre a trabalhar, e pra lá e pra cá, eu que, que criei eles ali, quando ficavam doentes quem tava ali pra cuidar era eu, não era os pais, e isso é muito bom, é muito bom saber disso tudo, que uma pessoa tem esse valor, como muitos também não tem, como eu tenho amigas que tinha que comer na casa de banho às escondida, porque não me deixava comer. É, é... era mesmo humilhadas, humilhadas, mesmo, mes... Tenho uma que era grávida, ela também é imigrante, é Cabo-verdiana, um doce de pessoa, um doce de pessoas, mesmo ela é, e, e a patroa dela... hã... gritava com ela horrores, fez ela chorar horrores, ela grávida! Não deixava ela comer uma bolacha, uma bolacha... nem um café podia tirar, é verdade. Ih, eu tenho história de muita gente que sofreu horrores!

**E:** Histórias de brasileiras ou de outras nacionalidades?

**C:** Brasileiras também, brasileiras também, brasileira também... E não só. Só que, nós brasileiras já temos a resposta na ponta da língua, não, muitas não deixa passar. E que nem no caso de, que eu conheço mesmo de Cabo-verdiana que tenho a, a, Ana, a Carolina,

a... que sofreram muito com isso, e isso custa né, por nós 'tar aqui a trabalhar honestamente por ser imigrante não quer dizer que temos que ser humilhada, atenção, não é? Porque as portuguesas não aceita um trabalho de empregada, não é todas, eles são muito arrogantes, muito nariz empinado, e é verdade, é verdade... E depois nós precisamos, claro, então vamos à luta, porque não? Isso não dá direito de humilhar muito menos machucar, né, as pessoas. Eu tenho uma brasileira até que foi, a Jô, é... Ela é, é uma pessoa também muito, muito, muito boa, hã... ela tava inscrita, porque o meu marido é engenheiro da Vodafone e na empresa tem um site pra, se quer contratar um pintor, uma empregada, então você vai no próprio site da empresa e eles procuram pra ti. E na altura, foi lá pra trabalhar pra minha casa, e ela é brasileira, foi trabalhar de empregada doméstica na minha casa. E resumindo e concluindo, ela contando pra mim, ela tava, ficou dez anos na casa de uma pessoa, que não fizeram contrato com ela, ela não, não, não podia comer, o patrão dela é dentista, ela teve uma dor de dente horrível, ela ficou muito mal, ele nem sequer como patrão dela ele ofereceu "olha, vai lá no meu consultório ou..." ou dá um comprimido pra ela, ele não deu. Eles humilharam ela tanto, tanto... Ela só saiu de lá de tanto eu falar pra ela, é sério, que eu comecei... Ela, ela é evangélica, ela é uma pessoa muito, e ela é uma guerreira, uma guerreira, uma guerreira, mesmo trabalhando de empregada ela se formou na faculdade cá, ela... Assistente social, hã, ia fazer aos sábados a prova quando era preciso tudo, e ela conseguiu se formar, o filho dela vem pra cá, ela tem um filho, e... conseguiu sair desse maldito trabalho, que é ali em Cascais também ao pé de casa, e... ela se formou, saiu dali, conseguiu um trabalho num lar como assistente social, porque ela já tinha formado né, foi pra área dela, hã... Ela tá, hoje ela tá super feliz, perto da humilhação que ela já passou como, como viveu dez anos na casa de uma pessoa a ser humilhada, isso é horrível não é, é horrível, é muito mal. E olha se 'cê conhecesse, 'cê ia se apaixonar por ela, é uma pessoa doce, doce, doce mesmo, doce, dum coração que 'cê, não tem tamanho, é sério, é mesmo muito boa, muito boa.

E: Uhum.

C: É... e ela é uma guerreira, ela construiu, comprou uma casinha já no Brasil, com o dinheirinho dela cá, suado, porque ela ganhava muito mal nessa casa, só que fora dessa casa ela tinha outros trabalhos, ela trabalhava sábado, domingo, feriado, tudo, tudo, tudo que 'cê imaginar. Eu não, eu nunca fui trabalhar nem sábado nem domingo, sempre gostei

do sábado e domingo pra mim, sempre. Hãhã..., mas ela não, e conseguiu a casinha dela, e já vi as fotos, um sobrado que ela construiu no Brasil, 'cê precisa de ver, é olha, é de tirar o chapéu pra ela. Mais uma vencedora... e sozinha, sozinha, porque pra, pra o filho dela não trabalhava só estava estudando, hoje por acaso não sei se ele já tá cá, ele foi pro Brasil e resolveu ficar lá com o pai um tempo e não sei se já regressou, hãhã... Mas, conseguiu vencer, também, é mesmo isso. Porque não é fácil não é... Eu não posso me queixar porque eu sempre tive muita gente, muita gente boa ao meu redor.... Claro, não, nunca andei com má companhia, nunca fui de vício, de droga... meu único, infelizmente, é o tabaco que eu sou fumadora, é o meu único vício. Sempre sai, ia passear, ia, né, na noite dançar com meus amigos, um grupo de amigos maravilhosos, de anos, de anos, já tenho amigos mesmo desde quando cheguei cá, desde quando cheguei cá, que são os meus melhores amigos que se eu precisar seja lá do que for eu sei que tão ali, é... E isso é, é muito bom, é muito bom saber disso e saber com quem eu posso contar, não é. Isso é bom.

**E:** E no Brasil, com quem você podia contar?

**C:** Com toda a minha família, com toda... Isso sempre, é... independente como todas as famílias tem os prós e os contra, um mais briguento, né, vamos falar assim (*sorri*), mas sempre fomos muito unido, sempre fomos muito unido... Se acontece alguma coisa já todo mundo ali em cima, né, preocupado, e enfim... Que nem agora há pouco, há pouco tempo o meu sobrinho sofreu um acidente de moto e, saiu do trabalho, a minha sobrinha como ia ter bebê, então foi o chá dos homens, ele foi a casa pra pegar o meu cunhado pra ir pro chá dos homens, e sofreu o acidente de moto, teve que ir pro hospital, enfim. Mas graças a Deus correu tudo bem, fez uma cirurgia no braço e tal, e passado uma semana o outro meu sobrinho foi ver esse, o Alexandre, e no regresso sofreu também um acidente de moto, também sofreu um acidente de moto. Foi muito mais grave do que o Alexandre é... horrível, teve um, ainda tá a se recuperar, passou por uma cirurgia também, na perna, enfim... e nós todos, aí a minha irmã me liga, eu tava num passeio com meu marido pra margem sul... como eu nesses anos todos nunca tinha andado de barco pra margem sul e meu marido "vamos amor, vamos", aí deixamos o carro lá no Terreiro do Paço né, e fomos, e 'malemá' cheguei do outro lado, opá, acabou o passeio porque a minha irmã me ligou e disse, aí eu comecei a chorar, o meu marido é "tenhas calma, tenham calma, não pensa assim, não sei das quantas", opá, perdeu toda a graça né, perdeu toda a graça,

porque o meu irmão me ligou, é o filho dele, chorando, opá, ele tava muito mal, eles ficou mesmo muito mal (*se emociona*). E por ser imigrante, já que estamos a falar de nós imigrantes, é... esse é o meu maior medo, de perder alguém e não poder estar (*chora...*), e isso... nem gosto de pensar. Acho que, pra todos, pra todos mesmo, é o preço mais alto que pagamos, por estar longe da família e saber que está bem, você tá feliz, você tá bem mesmo estando longe. Agora saber que tem alguém e perde, ou acontece uma tragédia, isso é horrível né, é horrível. Já perdi muita gente que faleceu né, que morreu no Brasil que eu não pude estar presente, um dos melhores amigo meu (*se emociona*). Tios, tias, e... e isso dói, isso dói muito.

**E:** E como você lida com essa dor?

**C:** Eu sou uma pessoa que o que tiver que chorar eu choro, choro, choro, choro... Fico com o olho todo inchado, e depois eu tento, é... me distrair, tentar não pensar, tento... procuro, procuro mesmo, é... Outro pensamento, saio, adoro como vivo num lugar maravilhoso né, o mar é, é ótimo, uma pessoa estar ali, a olhar pro mar, e, eu vou caminhar... adoro conduzir, adoro, adoro, adoro, eu pego a estrada, eu ando, ando, ando, eu gosto imenso... E tento mesmo não pensar, porque senão custa mais, custa mais, por estar longe não há nada a fazer não é, e isso queira ou não queira eu tenho que pensar em mim né, tenho que pensar em mim, se eu ficar mal como é que é, não é? É, custa... (*se recompõe, seguido de longo silêncio*). Tô mesmo mal!

**E:** São muitas emoções, está a vontade que não temos pressa.

**C:** É, custa muito, sim... E, uma das maiores perdas minhas, no Brasil, foi esse meu amigo, com quem tive altas conversas, hã, mesmo que nunca falei com ninguém, nós saia, ela era... uma pessoa encantadora, encantadora. A família dele né, enfim, a gente cresceu tudo junto, ele tem duas irmãs cá, uma tá até passando por uma situação muito, muito grave, tá com cancro, tá mesmo muito mal, é... muito mal mesmo, é... enfim. E, essa perda, a perda custa. E cá, cá em Portugal também já perdi pessoas que também me custou, muito, muito. A última pessoa, espero que não venha a acontecer (*se emociona*), foi com a, o meu compadre, que faleceu do dia pra noite, eles fez uma surpresa pra mim no meus anos, levou meu afilhado, o Gustavo, à porta do meu trabalho, ele fez um bolo, aquele era um homem encantador, encantador, é... fez um bolo de aniversário pra mim,

é, e foi dar com meu afilhado a porta do meu trabalho. Quando eu saí, que a minha comadre trabalha comigo, é, quando eu abri o portão que eu dou de cara com o Gustavo e com ele e com o bolo, foi uma coisa maravilhosa mesmo. E passado dois dias, ele teve uma dor de cabeça, foi pro hospital e morreu. Mesmo trágico. A minha comadre até hoje, né, deixou um filhinho com dois aninho, o Gustavo fez agora, já fez um ano que ele morreu, até ela embarcou ontem pra ver a mãe dela em Cabo Verde. Ele tinha 53 anos, 53 anos... É, e isso custou muito, eu fiquei mesmo muito abalada, muito abalada, mesmo... É, foi a perda também da minha sogra, né, que, que faleceu (se emociona), com 88 anos mas super lúcida, é... Vendo meu esposo triste né, com a situação claro, perdeu a mãe, é... é óbvio que, que me abala também, não é, e é a convivência, é o passar o natal com ela, era a Páscoa, o dia da mãe, aquela coisa, era a minha família. E ele como tem uma família tão pequena, que é só ele e o irmão, infelizmente o irmão dele nunca casou, não tem mulher, não tem filho, era só, era só os três. Meu esposo tem uma filha, mas infelizmente a ex dele é gananciosa e só quer saber de dinheiro, não deixa a filha, há 3 anos que não deixa a filha ir a nossa casa, há 3 anos. Ele só é bom pra dar dinheiro, tá a perceber, é... E ele, sofre com isso também né, sofre com isso, porque ainda antes era tudo... era uma família, era eu, o meu esposo, minha sogra, meu cunhado, a filha do meu marido e o namorado da Cecília, na altura da filha, o Richard. Minha filha daí se separou dele, separou dele, isso porque foi um choque pra mim, porque eu gostava, e gosto, e gosto dele, é, mas ela não gosta nem que eu cite o nome dele, não posso, que ela fica revoltada, que ela queria que ele saísse de casa e eu disse "não é assim filha...", que quando eles começou a namorar eu dei todo o apoio, ai um dia, nesses dois sofazinho (*aponta para duas poltronas*), na outra casa, senta ali Richard, Cecília (*aponta para a poltrona à sua esquerda*), "Richard, a partir de agora tá aqui, a chave de casa, você entra e sai a hora que você quiser, você respeita a minha casa, respeita a minha filha, me respeita, que você vai ter tudo de mim, você vai ser o filho que eu não tenho", e assim foi. E quando se separou pra mim me custou muito, porque ele foi realmente o filho que eu não tive, só que ela, claro! Ela não, não, não compreendeu o que ele queria, ela, ela queria que ele saísse agora de casa, quando terminou, porque ela sofreu com ele e depois não me contou, tá a perceber, e não me contou. Porque ela tava ainda na faculdade e ele queria filhos, já 'tavam a viver juntos há muitos anos, que ela viveu 8 anos com ele, é... eu não sei se ela falou disso contigo, mas né, tô eu a falar, hã... que sei que também pronto, fica aqui se ela não falou, e isso ela queria que ele saísse e eu disse "não, não é assim, vamô, temos que ser também justo, correto, não é assim", se ele não tem pra onde

ir, que ele era dos comandos, ele é dos Açores, não é, não tinha família exatamente cá e sim lá na ilha não é, nos Açores, então ele não podia sair assim, por ser homem também não ia morar agora, parar lá na rua. Não, eu não, opá... E ela ficou meio magoada comigo, achou que eu tinha que defender ela, e não ele, e na verdade eu defendi ele? Defendi, mas eu também não, não deixei de defender a minha filha, não deixei de ficar do lado dela como estou, e hei de estar até o último dia da minha vida (*chora*). E nisso ela me critica, é a única coisa, é a única coisa, que ela acha que eu tinha que ter mesmo feito ao contrário, e seja com ele ou seja com quem for, não consigo ser não é, foram muitos anos de convivência, ele era bom pra mim, é... A gente, eu tinha uma regra, hoje eu vou jantar com o Richard, só eu e o Richard, hoje é nós três, hoje é só eu e a filha, hoje é nós quatro, eu você e o João, meu marido, é... Os natais, as páscoa, as, os dias, aniversário, era assim. Eu sempre procurei muito acolher, tá a perceber, acolher e, sempre fui muito protetora, também, sempre fui. Só que a minha filha, eu também dei toda a liberdade do mundo pra minha filha, como vê ela vive sozinha, como vê... É, fiz o que (se emociona), que nem todos os pais faz. Na altura quando ela passou de ano, pra entrar pra faculdade, maior felicidade de um pai "a filha vai pra faculdade, wow!", né? Cheguei nela e disse "filha, você já tem, vai fazer né, a faculdade, dezoito anos, o que você quer, tirar a carta de condução ou uma semana na Disney?", ela "carta de condução, mãe". Eu falei "ok", assim foi e ganhou os dois. Ajuntou mais ela e duas amigas e foram uma semana pra Disney e tirou a carta de condução. Tudo que vamos sair "ai, a mãe compra isso", nunca me pediu nada a minha filha "mãe, eu preciso disso, eu preciso comprar isso, eu preciso disso", não, nunca, nunca, nunca... E não só, se vamos num café a minha filha é a primeira a levantar e pagar pra, o café pra mim ou pagar o almoço pra mim, e comprar uma coisinha, uma besteirinha, uma pulseirinha, qualquer coisa, é, oferece pra mim. E eu também, pronto, hã, né, aquela coisa, sempre fui, até, tem, ela tem uma amigas e dizem "nossa, a tua mãe cada vez que vem a casa Cecília, tua mãe vem de sacos". Era sacos de coisas, de frutas, disso, aquilo e enfim. Ligo pra ela "olha filha, a mãe tá indo... quer que a mãe leve alguma coisa, queres um doce... olha vou passar aqui na sacolinha, vou comprar, o que que queres comer?", "ah mãe, trás isso", ou eu mando foto "filha olha, eu vi isso, o que que acha? Gosta, quer?", é assim, não é. Queira ou não queira é o meu porto seguro, é a minha filha, né, enfim.

**E:** Bom, estamos chegando no fim da nossa entrevista, há algo mais que você gostaria de partilhar?

C: Ui, nem sei... (*se emociona*), já falei tanto.

E: Talvez sobre a sua vivência, como uma imigrante brasileira a viver em Portugal?

C: Olha que, o que eu tenho a dizer é, quando eu cheguei né, como já disse há mais de 20 anos atrás, não tem nada a ver com hoje, muitos vem iludido, de muitas coisas mesmo que eu ouço, que vejo, hã, em termos do, do, ai Europa, é aquela coisa, é uma ilusão em muita coisa, em muita coisa, porque não é fácil, as coisas estão tudo muito cara, hã, a renda exorbitante como sabes, não é, vem pra ganhar um salário que não é o suficiente pra viver, não é, um quarto 400, 500, 600 euros, e vai comer o quê com o salário que é? Eu acho que isso tudo tem que ser posto muito, ali na balança, pensar bem se vale a pena, hã, vir, se não tem uma estrutura, se não tem um contrato já de trabalho, se não tem uma estabilidade né, financeira, pra suportar, eu acho que deve mesmo pensar bem se quer ser um imigrante em Portugal, e se vale a pena deixar a sua família, né, a sua casa como muitos fazem, deixar tudo e partir assim, a não ser que vai pra outro país que ganha mais, mas mesmo assim em qualquer lado do mundo hoje está muito complicado. O custo de vida tá tudo muito, muito mais alto, é... nem todo, nem todos os países pagam bem, o suficiente pra você ter uma vida descansada, porque muitos aí anda com dois, três trabalho pra poder se manter, e depois tem medo, vergonha de voltar pra trás porque deu com a cara na parede. Muitos vende as coisas no Brasil, que eu sei, conheço, vende as coisas no Brasil e depois não tem como cá aguentar, passam necessidade das coisas, e muitos, muitos mesmo, que eu já encontrei gente na rua a pedir... brasileiro, e isso, e quando falam uma pessoa fica assim não é, tem uma ilusão completamente, muitos coloca, é no *Instagram*, é na redes sociais, e enfim, uma vida que não é real, uma vida que não é real, e temos que ser muito verdadeiros mesmo porque custa, como eu, como eu vejo as coisas. Hoje eu posso falar, é, tô bem, tô feliz, tô, tô infeliz com a notícia que tive da minha filha (*se emociona*), mas tô feliz, é... por ser imigrante, por ter lutado, por ter conseguido o que consegui. Mas muitos vem mesmo iludido, muito mesmo. Tem caso, e você deve saber de certeza, daquele, que até faleceu há pouco tempo, o que era jogador, foi até lá pro Rio de Janeiro, pro, pro Flamengo, acho que era isso, que vieram buscar ele, ele... ele pedia no centro de Lisboa, eu cheguei ver, ele morava num banco, ele dormia lá, e foi um homem que ganhou muito dinheiro mas ele perdeu tudo, o filho dele veio buscar ele cá em Portugal, e passado pouco tempo ele faleceu, lá no Brasil. Então eu acho que

hoje em dia pra ser imigrante tem que, tem que ver mesmo muito bem se vale a pena, se vem com contrato de trabalho como eu disse, com um trabalho certo né, muitos são formados, como eu também né, conheço, tem um, um, um padrão de vida completamente diferente, do que um que vai ali pra cozinha lavar e a passar e *pf*... enfim. Eu acho que é isso, tem mesmo que pensar muito bem pra ser imigrante. Eu, no meu caso valeu a pena, eu tô bem e tô feliz.

E: Muito bem, linda a sua história e obrigada pela sua partilha.

### **Anexo B: Transcrição da entrevista da Cecília**

#### **Cecília, 31 anos, nasceu no Brasil e tem nacionalidade luso-brasileira**

**Entrevistadora:** Bom Cecília, você poderia então contar a sua história de imigrante?

**Cecília:** Posso sim. Bem, hum, a minha mãe veio pra cá primeiro, hum, ela foi mãe muito, muito jovem e teve uma fase da vida dela que ela resolveu... então há 23 anos atrás ela veio, ficou quatro anos, e de todo o meu historial né, porque, a minha família, o meu pai casou e aí a minha madrasta era má pra mim, então eu passei uma fase bem difícil e aí a minha avó uma vez falou pra ela “olha, Cecília tem mãe, Cecília tem pai, não deu com o pai tem a mãe, vem buscar ela, vem fazer alguma coisa”. E aí a minha mãe me ligou... Isto, eu acho essa história maravilhosa, que a minha mãe me ligou e falou assim “olha, você quer vir morar em Portugal?”, e eu “Não, tô tão bem com a minha avó... não, tô ótima, não quero”, passado um mês ela chegou (*risos*). E... mas foi ok, foi ok, não fiquei né, vi a minha mãe e tal, passado quatro anos, e aí eu vim com treze. A partir do momento que eu cheguei a primeira semana eu já não queria voltar, já não lembrava do Brasil (*risos*), tinha saudades claro, tinha saudades, lembro perfeitamente quando falava com meu pai, mas eu sempre gostei de Portugal, sempre, tem qualquer coisinha em Lisboa que me chama assim, gosto muito, apesar de não morar em Lisboa, mas gosto muito. Então, aí eu vim pra cá aos treze, foi também complicado, foi complicado, mas assim né, complicado porque a minha mãe também é uma pessoa complicada e tal, mas falando de todo o... toda a minha vida, minha experiência, escola, sempre foi boa, eu nunca senti que sofri preconceito, apesar de meus outros colegas, tenho colegas que tem assim experiências péssimas não é, eu nunca senti nenhum preconceito assim, em si, mas eu acho que também isso tem a ver comigo, que eu sou meio “avoada”, há coisas que não me ferem, e eu dei... e se calhar se fosse outra pessoa já ia falar “ih, pera aí que isto está...”,

eu andava, seguia em frente. Então, então pra mim foi muito fácil, foi muito fácil, eu cheguei na escola lembro que fiz logo amizade no primeiro dia e sou amiga dessas, dessas raparigas, duas raparigas, sou amiga até hoje, já faz, vai fazer agora... Em julho vai fazer 19 anos né, que eu tô, que eu tô aqui, e até hoje sou amiga delas, e mantenho contato, então foi, foi muito, foi muito gostoso toda a minha fase assim. Depois a faculdade também, foi muito trabalhoso né, e penoso, tive sempre que trabalhar e estudar, e fazer essas coisas, porque né, a parte dos pais assim tal, mas foi é, não sei assim, acho que... não... eu... é isso, Lisboa tem aqui um pedacinho, eu me sinto dos dois lados assim sabe, eu sou... Como eu já tô aqui há mais tempo do que no Brasil, as vezes falam "ah, mas você é mais portuguesa do que brasileira", eu "Não, pera aí! Eu sou brasileira, eu sou brasileira, mas eu também já me sinto portuguesa" (*risos*), já tenho um pouco dos dois. Mas é engraçado porque, quando eu falo com portugueses, passado cinco minutos eles falam assim "ah, mas você não é portuguesa", eu digo "não, sou brasileira", "ah, então daí que vem o sotaque". Mas quando eu falo com brasileiro, eu sou completamente portuguesa, sou os dois (*risos*). Mas teve uma fase, é, na adolescência que eu, eu ficava irritada com isso, porque aí, eu, eu, eu não sabia o que que eu era, então foi ali um conflito, eu "meu Deus, mas pera aí, porque dizem que eu não sou brasileira, mas dizem que eu não sou portuguesa, eu sou do, eu sou o quê?". Aí é, mas hoje eu aceito bem e sei que sou dos dois.

**E:** E como foi pra você esse processo de aceitação dessas duas identidades, a brasileira e a portuguesa?

**C:** Olha, eu acho que foi na viagem que eu, que eu, que eu comentei há pouco, que eu tava, foi há quatro ou cinco anos atrás, não faz muito tempo e eu tava, eu tava, eu sentia assim que eu tava, que eu tava precisando sair daqui, eu tava precisando voltar pro Brasil pra sentir as minhas raízes, tava, não sabia o que que eu era, porque né, falavam muito disso, e eu tava trabalhando lá na *Wish* com muitos brasileiros a volta, tinha saído daquela bolha, e, e esse processo... Quando, quando eu tive no Brasil, eu tive toda essa viagem que foi linda, e foi... Eu... Não sei, nem sei, enfim...

**E:** Uhum.

**C:** Pode falar a vontade, né?

**E:** Sim, pode falar a vontade.

**C:** Hãh, eu marquei a viagem, porque eu sou bem despassarada, e eu marquei a viagem toda, me despedi, me deram uns dias, eu disse "então vou acabar o trabalho hoje, amanhã tô viajando, não sei o quê, não sei o quê...". Menina, eu cheguei lá era carnaval e eu não sabia que eu tava no Nordeste num carnaval (risos), então assim, foi lindo demais, foi lindo, foi uma experiência maravilhosa. E aí, eu, e também foi aceitar que eu sou brasileira, porque eu sei né, porque a gente sabe, porque eu tenho enfim, que as vezes é mal visto, e as vezes é aquela coisa né, não deixa de ser imigrante né, não deixa de... Então aí foi "cara, mas nós somos maravilhosos, ok, temos um desgoverno, mas nós somos maravilhosos! Olha pra esta comida, olha pra...", e somos, e somos um... um... como é que eu posso dizer, nós somos um, nós somos um pedacinho também de Portugal, nós somos um pedacinho aqui de Africa, nós somos, nós somos maravilhosos! Sou sim, sou brasileira, sou com muito orgulho, e vou ser portuguesa também porque eu já tô lá há tantos anos, não é... E eu não queria ter documento português, e na altura do conflito, é, eu tenho família portuguesa mas nós nunca conseguimos os documentos através da... da... da... porque perdeu-se e assim, e aí a minha mãe tá cá há muitos anos, e na altura que a minha mãe ia pedir eu dizia "não quero, eu sou brasileira e não quero documento português", e aí ficou, ficou aquele conflito e a minha mãe "não não, não seja parva, vai fazer o documento que é bom ter um passaporte a mais, e não sei o quê", eu disse "tá bem, vou fazer pra facilitar mas eu não quero, que fique ciente aqui que eu não quero!". Mas depois não, depois foi, eu acho que foi até natural aceitar sabe, aceitar as duas partes, mas a viagem foi, foi fundamental, pra tá lá, pra ver essa mistura de pessoas, e o que nós somos, e a riqueza que nós somos, que nós temos, foi assim, foi fácil.

**E:** Como foi pra você estar no Brasil perante essa diversidade de pessoas?

**C:** Bem, principalmente em Salvador, eu, eu, eu... eu pensei assim, meu Deus, eu quero morar nessa cidade, essa cidade transpira cultura, e... E depois é, é, você vê bastante né, a toda ali, é muito, claro Salvador né, onde tem mais negros fora de África, mas você vê também, principalmente na comida que eu tenho uma ligação assim de todo lugar que eu vou eu gosto de provar a comida típica e essas coisas. E aí eu fui num museu de gastronomia, e aí eu fui, fiquei louca, fui lá ler tudo aquelas coisas e assim, é uma mistura

de comida indígena, com comida europeia e comida africana, eu pirei, eu pirei!!! Não, sem brincadeira, depois, depois do museu tem um restaurante dentro do museu, que você pode provar, sem exagero, eu acho que mais ou menos 80 pratos típicos de toda a Bahia... Eu pirei, eu pirei, eu fiquei "meu Deus, olha pra isso, olha o que que nós somos, olha o que que nós temos", não, é isso que eu quero, eu quero morar aqui (*risos*). Mas depois eu voltei, porque há algo que me chama pra Lisboa (*risos*), e a vida é mais fácil né, querendo ou não, a vida consegue ser um pouquinho mais fácil.

E: Pois é, porque depois de pedir as contas você passou cinco meses no Brasil, e foi nessa altura que você fez essa viagem, não é?

C: Exato, é, pedi as contas, aí quando... Aí depois dessa viagem toda fui visitar família, aí de repente o dinheiro acabou eu falei "gente, o que que eu vou fazer, não dá pra ficar aqui". Porque aí, onde tá a família é um meio mais pequeno, a família da minha mãe por exemplo que tá em Santa Catarina, Joinville, não dá nem pra comparar né, sair de uma Lisboa e me meter lá naquela cidadezinha que não acontece nada. Aí eu entrei, já tava sem dinheiro, entrei em pânico e disse "ah não, tá na hora de voltar, tá na hora de voltar". Mas não era voltar assim, aquele voltar do "ah, tô completamente sem dinheiro e tem que voltar pra isso", não, era voltar também porque as saudades daqui né, a saudade da vida que eu levo aqui, a saudade dos amigos, a saudade da, dessa Lisboa, dessa luz.

E: Me conta então sobre a sua vida aqui em Lisboa.

C: Minha vida aqui em Lisboa... olha, nem.... Muito sinceramente, depois de terapia, depois desse COVID, é muito fácil falar sobre a minha vida aqui em Lisboa. Hã, não foi fácil, mas não foi fácil por problemas familiares, hã, hã, por causa da minha mãe e tudo mais, nunca foi fácil, nunca foi fácil, eu tive que começar a trabalhar aos dezesseis, dezessete, pra ter as minhas coisas, pra poder fazer as minhas coisas, ter as minhas coisas. E, por exemplo, eu fiz faculdade, mas eu nunca fui incentivada nem pelo meu pai que tava vivendo a vida dele no Brasil, não deixa de ser aquele né, aquele homem brasileiro, ali meio machista, meio enfim, e, e a minha mãe da forma que ela é... Então assim, aos dezesseis anos eu própria fui a minha encarregada de educação na escola, e eu ia nas reuniões como né, como a minha encarregada de educação, eu... E eu, na verdade, como eu também até os vinte e três, vinte e quatro, eu só tava inserida nessa bolha portuguesa

né, não tinha, não tinha mesmo amigos brasileiros, não tinha assim ninguém, tava completamente assim, nem estrangeiros assim de outras nacionalidades, era mesmo só portugueses. E aí, hã, eu imitava muito as minhas amigas portuguesas, tenho duas grandes amigas que é a Maria e a Inês, e eu imitava elas porque elas realmente tem, pra mim né, no meu ponto de vista, elas tem realmente aquela família, aqueles pais bastante portugueses que apoia, que tem, sabe assim bem diferente do Brasil, daquilo que eu sei, dos meus primos, por exemplo, depois da escola vai pra um ATL, vai ATL né, estudar mais, vai ter explicações de não sei o quê, não sei o quê, eu não tinha nada disso mas eu via que elas iam fazendo as coisas e eu, eu achava "bem, eu acho que eu tenho que seguir esse caminho" (*risos*), porque ninguém, ninguém me guiava, e eu "bem, eu acho que eu tenho que seguir esse caminho". Então, por exemplo, quando eu entrei na faculdade foi meio conturbado, eu não sabia o que eu queria, o que eu não queria, mas eu sabia que eu tinha que fazer qualquer coisa né, que o futuro era seguir aí qualquer coisa (*sorri*). Então não, não foi muito fácil não, tive sempre que trabalhar, tive sempre que fazer por mim, mas..., mas eu acho que eu fiz um bom trabalho (*risos*), e tive ótimas, ótimas pessoas do meu lado assim né, os pais das minhas amigas, depois assim, eles me orientaram e tudo mais, aí eu acabei depois começando a trabalhar, aí eu comecei a pagar as minhas explicações, porque também tem isso né, eu saí do Brasil, eu tinha, eu tava no... Ah, eu tava no sétimo, e aí eu vim em junho/julho, que é férias né, só que quando eu vim pra cá, lá no Brasil é aquelas férias pequenas e aqui é férias de verão, aí setembro eu comecei logo no oitavo, eu nunca fiz o sétimo, acabei o sétimo, aí comecei logo no oitavo. Só que eu cheguei aqui no oitavo (*risos*), eles já falavam inglês, os meus coleguinhas da turma, eles já falavam francês, já 'tavam assim no nível 2 de francês e eu não sabia nem o que eu era, assim, inglês quanto mais francês (*sorri*), então eu sempre fui boa né, português, matemática, ciências, mas as línguas eu penei, isso foi, isso é um trauma porque eu penei nas línguas, e demorei, e assim pra você acabar e ir pra faculdade, você tem que passar em todas. Menina, eu demorei uns dois anos a mais só por causa do inglês, e teve uma vez que eu fui, eu fui pro... pro exame final de inglês, aí sentada assim o professor e eu, e ele me fazendo perguntas em inglês e eu não entendendo nada, eu comecei a chorar desesperada, eu disse "eu não vou mais fazer isso, acabou, tô indo pra minha casa, desisto, ano que vem eu volto" (*risos*), foi assim, foi traumático, e eu achava assim "nossa, eu nunca vou aprender, eu nunca vou, vou falar esta, outra língua, não... não saio daqui", e enfim, mas não, hoje eu falo (*risos*), hoje eu falo, já tá tudo bem.

E: Quando você disse que na hora da prova tinha vontade de voltar pra casa, que lugar era esse que você imaginava?

C: (*longo silêncio...*) Boa pergunta, boa pergunta... Hãhã, eu acho que era só mesmo a minha casa assim, o local que eu residia na altura, era voltar pro meu conforto né, porque eu tava ali completamente aberta, tava ali sendo exposta, e tava mostrando que eu não sabia nada né, então essa coisa, até hoje eu tenho isso na verdade, que é achar que, infelizmente achar que qualquer pessoa é melhor do que eu. Tô tratando, terapia começou com a pandemia, tô tratando, tô indo lá, mas eu tenho isso, qualquer pessoa que eu conheço eu já acho assim maravilhosa, superinteligente, e as vezes eu tenho assim umas amigas que falam "para de graça, parou". Mas é isso, é bem traumático mesmo porque, nessa altura, porque é isso né, a diferença é gritante do ensino do Brasil público, e o ensino de Portugal público, a diferença é gritante, querendo ou não é... E... isso, uma criança chega aqui, já tem todos aqueles problemas de pai e mãe, e não sei o que, aí eu chego aqui, aí eu vou pra escola, aí eu vou pra escola e vejo que as pessoas sabem, e aí eu tô ali, não sei, e não vem uma ajuda né, detrás, não vem nada detrás, foi... foi assim, difícil de... acho que até hoje né, então é um processo (*sorri*).

E: É mesmo um processo. E me conta o que mais foi traumático nesse processo de imigração?

C: Na verdade, eu acho que, eu até, talvez nem possa ser uma boa pessoa pra ser entrevistada (*risos*), porque assim, realmente eu acho que a única coisa assim mais traumática que teve foi essa adaptação ao ensino, e achar que realmente eu não era capaz de acompanhar os meus coleguinhas mesmo que nas outras disciplinas eu conseguia, mas achar que eu nunca fui capaz que isso vem até hoje né, no caso. Mas eu acho que o ensino foi assim o mais traumático, como eu disse pra você eu nunca, eu nunca senti assim sabe, nenhum, nenhum racis..., nenhuma xenofobia, nenhuma coisa assim de... de... nunca senti, nunca senti mesmo. Hãhã, tive na escola a professora de francês, tive, tive, ela fez uma piadinha que aí eu, na altura eu cheguei e contei pra minha mãe, minha mãe ficou doida e foi assim, a única coisa que eu lembro assim, de... que eu tenha sentido. Eu sei que os meus amigos, muitos já passaram por muitas coisas, mas assim, de traumas assim, de uma coisa super difícil, não, não, acho que foi mesmo só o estudo assim, a educação né, foi.

E: E para além da educação, como foi a sua adaptação nas demais áreas?

C: Aí, foi muito fácil, foi muito fácil, porque eu acho que, como eu falo demais (*risos*) pra certas coisas, porque depois tem isso né, depois como eu sentia que era um pouquinho mais inferior, se tinha muitas pessoas eu era aquela do cantinho que só ouvia. Mas quando é só, eram só pouquinhas aí eu falava, eu me abria, e falo até demais. Então eu fiz, eu fiz muitas amizades, eu fiz muitas amizades, então acho que isso também foi fácil porque eu acho que eu me integrei muito rápido. E, o meu sotaque, eu vim pra cá com treze, aos quinze eu já tinha um sotaque completamente português, eu não me lembro, a minha psicóloga diz que eu bloqueei né, certas memórias pra me proteger, mas a.. a... a mãe, a mãe da Maria, ela diz que ela sentia, já conversamos sobre isso agora, e ela disse que ela sentia que eu fazia um esforço pra falar. Eu não me lembro disso, nunca senti assim que fosse um esforço, mas ela disse que eu fazia um esforço, então talvez tenha sido assim um esforço pra, pra que eu fosse, né, me integrasse aqui mais rápido, mais fácil, não sentisse assim nenhuma pressão de, né, nenhuma coisa negativa. Mas assim, no geral foi como eu falei pra você, eu vim, eu não queria, não queria que a minha mãe tivesse ido me buscar, tava a morar com a minha avó, tava a adorar, apesar de toda aquela, o porque de ter ido pra minha avó, mas assim que eu cheguei eu adorei, eu adorei e nunca, nunca, nunca pedi a minha mãe assim "quero voltar, me leva de volta", nunca, nunca pedi, eu sempre gostei, e o que eu fazia, o que eu fazia quando eu era, tinha quatorze, foi logo um ano depois... Porque quando eu vim pra cá, a minha mãe, a minha mãe trabalha como empregada doméstica em Cascais, e aí a gente sempre morou aqui nessa linha de Sintra, só que ela né, tinha medo, eu era pequena e tal, então pôs-me a estudar em Cascais porque aí era fácil, ela me colocava na escola, depois eu saía da escola e ia ter com... ficava com ela e voltávamos juntas pra casa. Só que foi só um ano assim, no segundo eu já vim estudar pra aqui pra linha de Sintra. E aí, eu fui pra Lisboa passear uma vez, duas vezes com a minha mãe e amei Lisboa, é, é, é, sem brincadeira, é uma paixão que eu não sei explicar, eu amei Lisboa, e a minha mãe dizia "pelo amor de Deus, não vai pra Lisboa sozinha, não pega o trem, não pega o comboio, a gente vai passear juntas, não sei o que, não sei o que", eu "tudo bem". Eu matava aula, ia, pegava o comboio ia direto pra Lisboa, e ficava hor... porque aqui a escola é de manhã e a tarde né, e aí eu ficava esse tempo todo passeando em Lisboa. A estação do Rossio nessa época era fechada, tava em obras, então você pegava o comboio até Sete Rios, e o mesmo bilhete dava pra pegar o metro, aí

eu saia lá nos Restauradores. Eu sabia os nomes das ruas todas ali, a rua Augusta, não sei o quê, *nãñãñã*, Alfama, Graça, Castelo, eu sabia aquilo de cor e salteado, e ficava horas passeando, e dava a hora de voltar pra casa eu voltava (*risos*). Então como foi a escola? "Ótima, aprendi muito sobre Lisboa", eu acho (*risos*). Não sério, desde os quatorze anos eu comecei a fazer isso, e depois era a loucura de querer morar lá né, mas hoje... não dá pra morar lá, hoje é outra realidade... Eu lembro, por exemplo, a minha amiga Mafalda tinha dentista na Alameda, a gente ia de comboio até o Rossio ali nos Restauradores, e aí depois a gente ia tudo aquilo a pé, Martim Mo..., é, Praça da Figueira, Martim Moniz até a Alameda a pé, porque eu queria, eu pedia pra gente andar a pé, pra gente ver, só que naquela época aquela zona ali do Intendente era péssima né, o governo fez uma limpeza, pôs debaixo do tapete, aquela zona era super perigosa, até hoje tem duas ruas que você vê ainda pessoas ali dando na droga, essas coisas todas, mas antes era mesmo do tipo "por favor, não vás para aquela zona!". É, o governo... Enfim né, turismo, essa coisa, não sei o quê, e eles tentaram fazer uma limpeza mas que ainda dá pra ver que tem ali umas ruas que ainda não, não funcionou porque, acho que forma mais simples de dizer isso foi pôr debaixo do tapete, pôr a sujeira ali debaixo do tapete e não solucionar ali a coisa. Então nós íamos assim por essa zona toda, andava, andava, andava, enfim.

**E:** E me conta sobre a sua relação com as suas amigas.

**C:** É, bem, nenhuma delas mora aqui mais em Portugal (*risos*), não... Maria tá, a Maria é artista, é pintora, tá em Londres, e a Inês tá na Austrália. Mas elas são, elas são assim a minha base, as duas. Hã, não dá assim nem pra comparar sabe, cada um dá aquilo que dá e enfim, mas a Maria, a Maria... A Maria é muito engraçada a história da Maria... Posso contar?

**E:** Claro, por favor.

**C:** Então, o meu primeiro ano aqui na escola de, da linha de Sintra, e nós morávamos em Monte Abrão e a escola era cá pra baixo perto da estação e eu vi a Maria a ir pra escola, a voltar, e a gente no mesmo caminho. Até que um dia ela veio falar comigo, porque, eu não sei se isso vai parecer... é, como é que eu posso por... que eu sou convencida, eu espero, eu espero, eu espero que não pareça, mas também eu acho que eu... Por exemplo, quando eu fui estudar em Cascais eu tinha 13 anos e eu já usava *All Star*, eu já tava na

moda, sem brincadeira, e tinha aqueles betinhos lá de Cascais que eles, eles vinham falar comigo porque eu andava com aquele, um *All Star* de duas cores e não sei o quê.. Porque no Brasil naquela época era barato né, e eu sou tarada por *All Star*, eu já tive 16 pares (*risos*), e aí eu lembro que eles vinham falar comigo por causa do meu *All Star*, e que gostavam. Então assim, eu acho que eu fui me sentindo mais acolhida e fui, e eles... e, e, o *All Star* me deu abertura pra falar com eles, entendeu? E aí a Maria, nos... nos... aos meus... nos meus quat... nos meus quatorze, ela me, ela olhava, isso é o que ela diz né, ela olhava pra mim e dizia assim "essa menina é muito diferente, eu quero ser amiga dela" (*risos*). E aí um dia a gente começou a, estávamos andando lado a lado, e começamos a conversar, e eu como falo muito e estava apaixonadinha na época contei a minha vida toda, contei a vida do menino, que eu tava sofrendo de amores, e aí eu falei pra ela assim, hãhã... Ah, e depois a minha família é muito católica, e um meio que eu achei de estar próxima a eles foi "vou fazer... vou voltar a fazer catequese", porque lá eu só tinha feito a primeira comunhão, e aí eu falei assim "vou fazer, né" porque quando eu falava com o meu pai, o meu pai perguntava se eu ia na igreja, a minha avó na época, mãe dele estava viva, e a minha outra avó que tá viva até hoje também pergunta também, sempre né aquelas perguntinhas, e tal, aquelas coisas (*sorri*), e aí, até hoje eu digo que vou mas eu não vou mais (*sorri alto*), e aí, e aí hãhã... Foi, mas foi, mas engraçado porque realmente foi o que eu pensei assim de estar próxima a eles, de seguir ali um passo deles né, e aí eu fui, e nem foi pela minha mãe, fiz tudo sozinha, fui na igreja, pedi documentos do Brasil pra cá e me inscrevi na catequese, e eu era, eu já tava velha, então na catequese eu tava atrasada na catequese, até na catequese eu tava atrasada, não sério, e aí era eles pequenininhos e eu já ali... E aí eu, nesse dia que eu, num dos dias que eu encontrava a Maria no cam... Porque nós éramos de turmas diferentes, e aí que eu encontrava a Maria no caminho de casa eu disse que eu fazia catequese, e ela disse assim "ah que engraçado, aonde?", eu "aqui nessa igreja", porque a gente passava em frente a igreja, "a minha mãe é professora de catequese", "ah é, quem é a tua mãe?", "a Cristina", "a Cristina é minha professora de catequese", aí eu "ah, então pronto já conheço a tua mãe. Passei a ir de carro todos os dias pra escola com elas, porque eu morava na rua de cima dela, então eu ia sempre com a Cristina, com a Maria e a irmã da Maria, e aí é, apareceu a Inês, porque a Inês também era da mesma escola. E foi se criando, foi se criando ali uma amizade muito forte, uma coisa assim muito, hoje a família da Maria é a minha família, é a família que eu t... até fico emocionada (*com os olhos em lágrimas*), porque é a família que eu tenho. Eu tenho uma tatuagem, quando ela foi embora, hãhã, eu... adolescente né? Aos dezoito

anos eu fiz aniversário "ah, vamos sair, vamos sair, vamos beber, ficar loucas", tá vamos, menina, entrei em coma, é, entrei em coma e a minha mãe não podia saber né, de jeito nenhum porque, minha mãe não sei o quê, mas era uma fase má, era aquela fa... não era uma fase de re... reubel... re... re... ser rebelde...

**E:** Rebeldia?

**C:** É rebeldia, era mas assim, tava superchateada com a minha mãe, ela fazendo as coisas que eu já achava que ela tava fazendo errado comigo e tal, e, e bebi muito, porque não conhecia os meus limites, e aí, eu já trabalhava nessa altura, e aí eu pedi folga pra poder sair e tal e entrei em coma, enfim... Maria liga pra mãe, que tanto a mãe quanto o pai são pessoas maravilhosas assim, claro que tem defeitos, claro que enfim... Mas os pais dela, eles iam, eles iam, nós íamos sair mas eles iam sempre nos buscar às quatro, bem aquela coisa de pai eur... pra mim é coisa de pai português sabe, no Brasil acho que não tem isso, não sei, mas eu não vejo isso nos meus primos, e aí era uma delícia porque a gente ia sair e dava quatro, quatro e meia e eles chegavam lá pra nos buscar. E nesse dia eu passei mal, fui pro hospital, e foi um rolo, só que Maria entrou em pânico e, minha mãe não podia saber de jeito nenhum, tudo mais, e aí fui pro hospital, e aí veio a mãe dela, enfim. E aí, isso pra contar a história da tatuagem que eu amo suco de caju, amo caju, amo tudo que é de caju, e o pai dela, o pai dela procurou, na altura não tinha essas lojinhas de café, de brasileiro em todo lugar, e eu lembro que o pai dela procurou em Lisboa inteiro um lugar onde tivesse suco de caju pra eu acordar e ter suco de caju. Claro que depois do suco de caju foi aquela conversa né, do tipo "olha Cecília, o que que 'tá a acontecer, isso não pode voltar a acontecer, *nãñãñã*", mas primeiro foi aquele mimo, e aí quando ela se foi embora a gente fez aqui um caju (*sorri e aponta pra tatuagem*). Então é assim, eles são, eles são a minha família, de todo assim, a Inê... a família da Inês... a família da Inês também, claro, mas com eles a ligação assim é muito forte, são pessoas maravilhosas, aliás, quando eu entrei na faculdade, depois daquele "psicologia, ah não entrou", "direito, ah não entrou", "ah, história entrou", "ih, mas agora eu gastei o dinheiro", porque esse processo demorou alguns meses e aí eu gastei o dinheiro da matrícula. Aí eu falei "ah...", fui beber um café com a Maria, falei "Maria, não vai dar, eu entrei, mas eu não vou fazer porque eu não tenho dinheiro pra pagar, vou desistir e ano que vem, tô trabalhando, junto, ano que vem tento de novo", aí ela "não, não pode". Tá, ela foi pra casa, ela foi pra casa, o pai dela me ligou, "Cecília, vem aqui", aí eu fui mas não sabia o que é que eu tava a espera, aí

basicamente eles me pagaram a primeira, a primeira prestação, me pagaram tudo, em um mês eu paguei de volta, porque eu rec... eu trabalhava e eu recebia todos os dias, então era ga... receber e gastar, e aí foi muito, foi muito bonito porque quando eu acabei de pagar o Pedro que é o pai da Maria, ele me chamou pro escritório dele na casa deles, porque ele é maestro, aí tem um quarto lá que é o quarto dele, que tem um piano, tem não sei o quê... Olha, é uma fam... delícia de família, tem... é aquela, é aquele modelo sabe, é mesmo um modelo, e aí ele me chamou no quarto e tinha uma caixinha de madeira, ele abriu e falou assim "todo o dinheiro que eu te dei tá aqui, esse dinheiro é teu mas vai ficar aqui... vai ficar aqui os três anos da tua faculdade, precisa de uma caneta, precisa de um livro, precisa de comprar um papel pra escrever, vem aqui buscar, não é pra você ficar sem. Aí eu fiquei assim "meu Deus, é família!". Infelizmente é mais até do que a minha mãe sabe, então, é a família, é a família, é lindo, é muito lindo.

**E:** Então, já que estamos falando de família, poderia falar mais sobre a relação com a sua família?

**C:** Sim, olha, bem... Temos o contexto político no Brasil, e eu sou do sul, então é difícil, é muito difícil mesmo, porque eu realmente... desde né, que começou aquilo, com a Dilma já, eu já achava assim umas coisas, porque eu sempre fiz muita questão de estar atendida, e as vezes, acho que hoje por exemplo, até sou mais atendida, acho que sei mais o que se passa no Brasil do que cá em Portugal. Claro que eu sei né, o que tá acontecendo aqui e tudo mais, acho que nós temos que saber porque nós moramos aqui, temos que saber, hã... mas eu sempre também fiz questão de saber, e aí até indo trabalhar no *Wish*, foi naquele meio, conheci muitas pessoas, e conheci muitas pessoas também né com... com... hã... que me ensinaram muito, e aí... este, este contexto político estragou um pouco a... a... a minha relação com algumas pessoas da família, com quem hoje por exemplo, como tem essa distancia, e já tem essa distancia física há muitos anos, aí veio esse todo contexto político, ajudou a distanciar ainda mais. E realmente, acho que hoje né, eu já aprendi algumas coisas e corto mesmo relações, você não me agrega em nada, e se você tá muito pelo contrário agregando qualquer coisa negativa, ou que eu ache negativa, vou cortar, vou cortar. Então aconteceu mesmo, e a minha família é grande, hã, a família da... da... da parte do meu pai, nós somos 16 netos, é, nós somos, são 7 irmãos, são 7 irmãos e nós somos 16 netos e não sei quantos tios, e tal, enfim, e a família da minha mãe é pouquinho mais pequena, mas com a família da minha mãe ainda falo... falo... tem ali ligação e não...

apesar de também todos serem *bolsominions*, mas ainda vou ali falando, vou... Eu tô falando assim e nem sei a tua posição né, mas... (*risos*).

**E:** Pode falar o que vier a cabeça, sem julgamentos.

**C:** Hã... e aí com a família da minha mãe eu mantenho contacto, basicamente é isso, mantenho contacto com quase todos, e acho que não vale a pena, não vale a pena, não vou mudar a minha avó que já, já é, já tem a sua idade, e acho também que não vale a pena, sinceramente, estragar a minha relação com a minha avó, por exemplo, por causa disso, não vale a pena, é a minha avó, acho que tem um, tem um respeito né... E, apesar de eu não ter família, aqui né, e não ter uma família estruturada né, meu pai, minha mãe não é nada assim... eu sou muito família, então eu acho que nós também temos que saber relevar muitas coisas, é igual aquele paradoxo da intolerância né, acho que as vezes nós temos e não que eu aplique isso diretamente muito assim com a minha avó, mas eu acho que eu sou apologista a isso. E... e tem por exemplo a minha prima, a mais velha da parte da minha mãe, que eu falo com ela quase todos os dias, aí ela casou e eu fui no casamento dela, aí ela engravidou, aí chegou aqui uma caixinha pra eu ser madrinha do filho dela, a coisa mais linda, é... Então assim, tenho essa ligação, custa muito não estar presente agora que eu tenho um afilhado, custa muito não estar presente na vida dele, mas sabe, acho que se eu posso então enviar um presentinho, se eu posso enviar uma... a minha tia foi embora esta semana, uma cartinha, se ele pode me enviar uma cartinha, eu acho isto maravilhoso, e tento né, tento manter isto. Na família do meu pai já não, na família do meu pai desses dezesseis primos eu acho que falo pra aí com oito, oito ou nove no máximo, porque o resto é que não dá mesmo. E aí, também não dá pra ser tão, tão, tão... é, relevar, não dá pra relevar os jovens, né?! Tipo, eu tenho primos da minha idade que fala que gosta do Hitler, então assim, não dá pra, não dá pra tolerar isso, isso... Porque é engraçado, a família do meu pai... Se eu falar muito você me para.

**E:** Pode falar a vontade.

**C:** A família do meu pai é assim, eu acho que são sete irmãos, mas cada irmão casou com uma nacionalidade, não diretamente, não diretamente né, tipo filhos de. Hã, e aí eu tenho o meu tio que casou com a minha tia que é alemã que ainda fala aquele alemão colonial, porque aprendeu dos pais, depois tive uma tia que casou com japonês, porque

Maringá é uma das maiores cidades que tem japoneses, aí tem uma tia que casou com japonês, o meu pai casou com a minha mãe que é portuguesa, que a avó da minha mãe era portuguesa, aí tem a minha tia que casou com um italiano, então é muito engraçado, um polonês, então assim, é muito engraçado, e esses meus dois primos que a mãe é alemã eles se acham alemães, mas assim, na época da votação do Bolsonaro, o grupo da família fervia. E aí eu mandei todo mundo *pfiff*... E aí eu falei assim "Meu querido, você acha que se Hitler olhasse pra você, você não morria na hora? Quem é você na fila do pão?", do tipo assim, e acabou aqui e não quero mais falar com você, acabou aqui. Então assim, eu acho que o contexto né, o contexto político deu uma, deu uma... uma esfriada aí, um distanciamento geral, mas tirando isso, tenho, tenho três tias maravilhosas, tenho uma tia que foi o oposto desse coiso, dessa, todo desse problema que estamos a viver no Brasil, ela saiu da, saiu da casquinha dela, saiu da zona de conforto, hoje eu acho que ela é maravilhosa, e assim, ela tenta, ela tenta mesmo ser melhor todos os dias, e ela tenta se informar, sabe assim, não, não, ela não fez isso (*faz um movimento de fechar com as mãos*), ela fez isso (*faz um movimento de expandir com as mãos*), então maravilhosa, e eu falo direto com ela, se eu preciso de algum conselho, ou se eu... enfim, falo, busco, busco mesmo, é... mantenho ainda um grande contato, mas com alguns só. É... e é muito engraçado, eu falo com ela aí, ainda ontem ela falou "ah, eu tenho que arrumar as minhas roupas e no teu quarto...", ela fez uma casa nova e aí ela fala assim "no teu quarto, tá lá um guarda roupa cheio de roupa minha mas eu tenho que arrumar aquilo", é uma delícia porque aí eu sinto também que eu tenho um, eu tenho... é... acho que, sei lá, acontece alguma coisa aqui, eu sei que posso correr pra lá sabe, então é muito bom. E além disso tem também a casa da minha avó, mas essa é da parte da minha mãe né, tem a casa da minha prima também que é a mãe do meu afilhado, que nós crescemos juntas, passamos alguns traumas muito parecidos (*risos*), então temos uma cumplicidade imensa, acho que... mas acho que é isso, não sinto assim muito confiante pra, pra casa do meu pai, não, não, não sinto de todo, até porque eu, enfim né, há uns oito anos atrás eu disse "ai, cansei de Portugal, vida tá difícil", porque a vida era difícil né, era trabalhar, era tentar estudar, era a minha mãe, e tal... Hã, e aí eu falei "canei, vou pro Brasil". Aí eu cheguei lá, com passagem também só de ida, e aí eu cheguei lá e fiquei na casa do meu pai, e aí foi também assim péssimo né, porque aí madrasta, não sei o quê, muito novela, eu acho que elas seguem aqueles dramas de novela e não veem mais outra, sabe assim, porque é novela mesmo, coisas más, e aí eu falei "não, aqui também não dá". Hoje ele é separado, dessa né, hoje ele é separado, porque na verdade eu tive duas, eu tive uma que meio que

"fiz" vir pra cá, porque a situação foi péssima mesmo, e aí eu tive essa outra que foi quando eu voltei e ele já tava com ela, e... porque eu acho que fiquei uns seis anos sem ir assim, e aí... mulher né, mulher tem muita competitividade uma com a outra, eu não entendo isso, faz-me tanta confusão, eu sou daquelas pessoas que eu falo assim "ai, você é tão linda, maravilhosa, vai, voa!", sabe? Sério, é, enfim.... Aí eu chego lá no Brasil, infelizmente naquele meio não encontro ninguém assim parecido, nem a filha dela que é da minha idade, foi ciúmes, e foi assim, e também fizeram da minha vida num inferno, aí eu falei "não, quer saber, vou voltar". Hoje ele é separado dela, hoje ele já percebeu, não, nunca falou isso comigo, porque, infelizmente precisava de muita terapia né, pra poder falar essas coisas comigo, mas já conversou com a minha tia, essa que é "a casinha que eu tenho pra ir", e aí a minha tia me contou que foi também um dos motivos que fez separar né, abrir os olhos, viu, viu ali as coisas, e viu o quanto, enfim... Mas infelizmente, mesmo separado não, não dá, não dá, não há, infelizmente não há, não dá... É triste, mas não dá, e hoje eu sou uma mulher né, então não dá pra aceitar também qualquer coisa, e aí mesmo que ele agora ele tente, tá ali, tem uma barreira sabe, uma barreira do tipo "eu tô aqui, você tá aí, vamos conversar, eu quero saber de você, te mando mensagens, mas não te estiques porque agora já é um pouquinho tarde pra certas coisas". Esta semana ele mandou uma mensagem, porque ele me viu no *Instagram*, e aí ele viu a tatuagem, e eu tenho essa tatuagem há dez anos, e aí ele assim, "mas que p\* é essa, não sei o quê, não sei o quê, que nojeira". Amigo, eu disse assim "Oi, oi, tudo bem? Olha, o corpo é meu, o corpo é meu, dá licença?", "Ah desculpa, eu tava a brincar", mas tem que ser né, poxa, mas aí vai fazendo essas coisas e aí vai me distanciando ainda mais porque não dá mais pra aceitar né, enfim. Tenho que ir pro Brasil de novo pra ver se arrumo isso, tenho uma cartinha que a minha psicóloga pediu pra escrever, e queria que eu mandasse, eu não tive coragem de mandar não porque pode ser desviada, então a cartinha tá comigo, quando eu for pro Brasil, é olha, uma coisa pra fazer. Muitas coisas pra dizer.

**E:** Bom, estamos chegando ao fim, há algo mais que gostaria de partilhar?

**C:** Nossa, passou rápido, eu adoro falar... Hoje é fácil falar né, mas teve épocas que eu não ia falar nada do que eu falei, mas hoje é fácil, foi ótimo, adorei. Mas olha, o que eu posso assim partilhar, o que me veio a cabeça né, essas perguntas assim a gente fica assim "meu Deus, o que dizer, o que dizer?", mas eu acho assim que, eu sou muito grata a que tenha tantos brasileiros aqui em Lisboa, e que eu, e que eu consiga, e que eu tenha saído

desta, desta bolha, e que eu hoje conheço, porque, eu acho que se eu morasse no Brasil lá em Santa Catarina, eu não ia conhecer pessoas de todo o Brasil, não ia, e estar aqui hoje como brasileira mas que mora aqui há cinquenta mil anos mas como brasileira, mas pude né, ter a oportunidade de conhecer, de falar, de trocar ideias, e de ouvir aqueles sotaques maravilhosos, isso com certeza me faz sentir ainda mais brasileira sabe assim, caramba, que orgulho assim, que coisa boa, sabe? Eu acho que é isso assim, foi o que me veio à cabeça (*risos*).

**E:** Muito bem, obrigada pela partilha.